

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

RICARDO DA CRUZ SANTANA

**A TEOLOGIA DA ALIANÇA E SUAS APLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO
RELIGIOSA DAS CRIANÇAS**

SÃO PAULO - SP
2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

RICARDO DA CRUZ SANTANA

**A TEOLOGIA DA ALIANÇA E SUAS APLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO
RELIGIOSA DAS CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor a orientação do professor Dr. Rev. Filipe Costa Fontes.

SÃO PAULO - SP
2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S231t	<p>Santana, Ricardo Da Cruz.</p> <p>A Teologia da Aliança e suas aplicações na educação religiosa das crianças : [recurso eletrônico] / Ricardo da cruz Santana. 869 KB ;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Felipe Costa Fontes. Referências Bibliográficas: f. 126-129.</p> <p>1. Teologia Da Aliança. 2. Família. 3. Igreja. 4. Educação Religiosa. 5. Crianças. I. Fontes, Felipe Costa, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p>
-------	---

RICARDO DA CRUZ SANTANA

**A TEOLOGIA DA ALIANÇA E SUAS APLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO
RELIGIOSA DAS CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor a orientação do professor Dr. Rev. Filipe Costa Fontes.

Aprovação____ / ____ / ____

Orientador: Professor Dr. Rev. Filipe Costa Fontes

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Ricardo da Cruz Santana**

Programa: Magister Divinitatis, MDiv

Título do Trabalho: A TEOLOGIA DA ALIANÇA E SUAS APLICAÇÕES NA
EDUCAÇÃO RELIGIOSA DAS CRIANÇAS

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Dedicatória

*Dedico este trabalho a minha esposa, Luciana,
a meus filhos, Lucas e Ana Luísa; família da
Aliança, alcançada por Graça.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao Senhor Jesus Cristo, Autor e Consumador da Fé, por Sua infinita bondade e imensurável misericórdia sobre minha vida. Sou eternamente grato porque, imerecidamente, fui salvo pela graça de Deus. Cristo é tudo, e, diante dEle, curvo-me com imensa gratidão e abundante alegria. Foi ele quem me capacitou e quem me deu graça de concluir todas as etapas desta pesquisa, abençoando-me agora, com o privilégio de apresentá-lo ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (CPAJ).

À minha esposa Luciana Ferreira Santana, por todos estes anos que temos vivido juntos; ela, apesar de mim mesmo, tem sido, insistentemente, cuidadosa e incentivadora. Tem atuado como verdadeira “*ajuda de Deus*” sobre minha vida e ministério.

À Igreja Presbiteriana Central do Gama, que aprovou meu ingresso neste curso. Louvo a Deus pela IPCG, pelo tempo concedido e a oportunidade de desenvolver o dom Ministerial.

Aos meus estimados amigos de CPAJ, que me serviram de companhia e incentivo para continuidade deste curso: Natan Leite, , André Igor Dutra e Guilherme Jayme.

Ao meu orientador, Dr. Rev. Filipe Costa Fontes, que, pacientemente, me incentivou e tornou possível a conclusão deste trabalho; sua preocupação e empenho com o trabalho infantil germinaram em mim a preocupação pastoral com este tema.

Finalmente, agradeço ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ) e à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) por investirem incessantemente no preparo de ministros do evangelho em nossa nação. Que Deus os sustentem até a volta do nosso Senhor.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A TEOLOGIA DA ALIANÇA	14
2.1	Definição de Aliança	14
2.2	A Aliança nas Escrituras	15
2.3	Fazer uma Aliança é “cortar uma Aliança”	18
2.4	A Aliança da Redenção	21
2.5	A Aliança das Obras	33
2.6	A Aliança da Graça	50
2.7	A Teologia da Aliança e suas implicações quanto ao ensino das crianças.	57
3	OS AGENTES DA ALIANÇA	66
3.1	Relembrando questões importantes	66
3.2	O papel dos pais na Educação Religiosa dos filhos da Aliança:	71
3.3	A Escritura e a Educação Religiosa dos filhos	73
3.4	A igreja como colaboradora na Educação Religiosa dos filhos da Aliança.	98
3.5	Os perigos dos ministérios estruturados	103
4	COMO PODEMOS MELHORAR A EDUCAÇÃO RELIGIOSA ÀS CRIANÇAS.	105
4.1	A necessidade de mudança de mentalidade.	105
4.2	A necessidade de preparo de educadores cristãos locais.	106
4.3	Propondo princípios para educação religiosa das crianças	109
5	CONCLUSÃO	121
6	BIBLIOGRAFIA	126

RESUMO

Esta monografia trata da disciplina da Teologia da Aliança e suas aplicações na educação religiosa das crianças. As fontes bibliográficas e acadêmicas utilizadas nesta pesquisa enfatizaram a importância da Teologia da Aliança e como a família e a igreja devem responder ao fato de que esta Aliança inclui crianças como receptoras das promessas do Reino de Deus. Ela aponta para uma realidade aparente ignorada, de que Deus se importa, e muito, com os pequeninos, sendo a família e a igreja os agentes responsáveis para que as verdades divinas sejam ensinadas de geração a geração.

Em suma, esta monografia visa reafirmar que a família e Igreja de Cristo, compradas pela Nova Aliança, não podem existir de maneira saudável sem incluírem em sua *práxis* cristã séria reflexão sobre a Educação Religiosa das crianças. Somente quando a família e a igreja cumprem seus respectivos papéis será possível afirmar que entenderam bem as aplicações da Teologia da Aliança.

Palavras Chaves: Teologia da Aliança, Teologia do Pacto, Crianças, Ministério Infantil, Família, Igreja. Educação Religiosa

ABSTRACT

This monograph deals with the discipline of Covenant Theology and its applications in the religious education of children. The bibliographic and academic sources used in this research emphasized the importance of Covenant Theology and how the family and the church must respond to the fact that this Covenant includes children as recipients of the promises of the Kingdom of God. It points to an apparently ignored reality, that God cares a lot about the little ones, with the family and the church being responsible agents for the divine truths to be taught from generation to generation.

In short, this monograph aims to reaffirm that the family and Church of Christ, purchased by the New Covenant, cannot exist in a healthy way without including in their Christian praxis a serious reflection on the Religious Education of children. Only when the family and the church fulfill their respective roles will it be possible to say that they have understood the applications of Covenant Theology well.

Keywords: Covenant Theology, Covenant Theology, Children, Children's Ministry, Family, Church. Religious Education

1 INTRODUÇÃO

Quando o SENHOR chamou a Abraão, fez-lhe uma preciosa promessa:

Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a *tua descendência* no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. (Gn. 17.7, grifo meu).

Certamente, esta Aliança de Deus não era apenas com Abraão, mas com toda a sua descendência; dito de outro modo, crianças estavam incluídas na Aliança. Essa verdade, portanto, deve gerar uma genuína preocupação para que crianças sejam educadas nos princípios desta Aliança, a fim de que se tornem tementes a Deus. Esta não é única aplicação da Teologia da Aliança, mas com toda certeza, pode-se afirmar que a Educação Religiosa das Crianças é uma delas.

Muito tem sido escrito sobre o conteúdo da Aliança, mas pouco sobre os privilégios e responsabilidades de se viver numa relação de Aliança com Deus na prática. No caso da Educação Religiosa das Crianças, o fato delas estarem incluídas na Aliança, parece não ser suficiente para que famílias e igrejas se dediquem na condução delas. Por isso, a Educação Religiosa das Crianças deve ser um tema caro para estes agentes; Deus, por intermédio de Moisés, advertiu seu povo quanto à necessidade de ensinar os filhos da Aliança:

⁴ Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. ⁵ Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. ⁶ Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; ⁷ tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. ⁸ Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. ⁹ E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (Dt 6.4-9).

O professor e pastor Filipe Fontes define educação cristã como

[...] a atividade de qualquer agente (famílias, igrejas, escolas), exercida de modo formal ou informal, destinada à formação integral do indivíduo, que se desenvolve a partir da cosmovisão cristã (FONTES, 2018, p. 28)

John Frame disse acertadamente:

Não há dúvida de que a igreja tem um papel importante na educação de nossos filhos. A igreja tem um ministério de ensino e discipulado (Mt. 28.19, At. 5.42, 1Co. 12. 28-29, 14.19, Ef. 4.11, Cl. 1.28, 3.16, 1Tm. 4.11, 6. 2, 2Tm. 2. 2, Tt. 2. 4, Hb. 5.12, Tg. 3.1) e isso certamente não se restringe a adultos. Deus encarrega a igreja de ensinar as Escrituras a todos. Partes da Escritura são dirigidas especificamente a crianças (como Ef. 6.1-3), e tudo isso é relevante para eles. A igreja deve apoiar os pais (e vice-versa) no ensino da Palavra de Deus aos filhos de acordo com sua idade e nível de compreensão. (FRAME, 2012)

Devido à grande importância da Educação Religiosa das Crianças, este trabalho visa propor reflexões e possíveis mudanças, a fim de que a Igreja de Cristo possa, ainda que de maneira imperfeita e limitada, entender e cumprir as aplicações da Teologia da Aliança.

Pretende-se, com este trabalho, responder às perguntas - *“O que é a Teologia da Aliança?”* *“À luz da Teologia da Aliança, qual é o papel da família e da igreja na Educação Religiosa das crianças?”* ou *“Como a família e a igreja devem aplicar a Teologia da Aliança na Educação Religiosa das Crianças?”*

O tema faz-se extremamente importante pelos seguintes motivos: (1) porque Deus tem uma Aliança com seu povo; (2) as crianças fazem parte deste povo; (3) porque elas devem ser ensinadas sobre as verdades de Deus (Dt. 6.1-9); (4) porque a família e a igreja são os agentes escolhidos por Deus para essa tarefa e (5) para o próprio bem da igreja de Cristo.

Portanto, este trabalho pretende ajudar os pais e a igreja quanto aos seus papéis na apresentação do Evangelho aos filhos da Aliança; falando especificamente da igreja, minha intenção é o despertamento da liderança local quanto ao importante trabalho a ser desenvolvido com as crianças, dando a devida importância ao Ministério Infantil, treinando líderes e investindo os recursos necessários.

Diante dos questionamentos apresentados, surgem as seguintes hipóteses: (1) os cristãos, especialmente os reformados, necessitam de clara apresentação da Teologia da Aliança; (2) necessidade de reflexão sobre as implicações da Teologia da Aliança na Educação Religiosa das crianças na família e na igreja; (3) entendimento de que a igreja deve servir de auxílio às famílias na Educação Religiosa das crianças e (4) apresentação de possíveis métodos a ser adotados para o melhoramento do compromisso da igreja quanto a Educação Religiosa das crianças.

A literatura pertinente ao assunto em foco oferece um farto material, principalmente entre autores reformados clássicos. Então, iniciar-se-á falando sobre Teologia da Aliança e a maneira com que ela era entendida pelos primeiros reformadores, e como hoje é vista no meio eclesial. Começa-se a análise a partir de autores reformados clássicos, tais como Louis Berkhof, Charles Hodge, François Turretini e outros. A seguir, abordar-se-á o que as principais confissões de fé afirmam

a esse respeito. Por último, referir-se-á o conceito hodierno, representado por autores reconhecidos no âmbito eclesiástico.

Em consonância com o tema aventado neste trabalho, e aspirando por responder as proposições arroladas, faz-se necessário optar por uma metodologia regulada pela pesquisa bibliográfica, ancorada em um raciocínio dedutivo. Convém esclarecer que a estrutura teórica adotada repousa sobre a pesquisa e leitura de fontes secundárias, a saber: livros, artigos, periódicos, documentos monográficos, sites confiáveis e outros relacionados com o assunto. Dessa forma, o que se pretende é a busca por elaborar um arquivo único com os principais pontos sobre o tópico em estudo.

Os livros e artigos que trataram diretamente da temática tiveram a primazia nesse processo de catalogação dos dados. Entretanto, obras correlatas ou que esclareçam assuntos secundários, mas necessários para a compreensão do todo, foram aludidas ou utilizadas como respaldo teórico complementar. E todas as obras examinadas, citadas em notas de rodapé ou não, para a elaboração deste projeto, estão devidamente catalogadas na bibliografia, a fim de serem, quiçá, posteriormente consultadas.

Basicamente, a metodologia bibliográfica adotada se submeteu ao papel exploratório e descritivo no que se ocupa esse trabalho. Tal ferramenta favoreceu a coleta de dados dentre um encadeamento de ideias e autores relativos à temática. A metodologia facilitou, após o levantamento bibliográfico, a percepção de que o enunciado sugerido é de extrema relevância na compreensão da Teologia da Aliança e sua aplicação na Educação Religiosa das Crianças.

Apesar de a maioria dos termos relatados aqui já terem um entendimento consagrado no meio evangélico, faz-se proveitoso que eles sejam, devidamente, aclarados em definições apropriadas.

Teologia da Aliança

A Teologia da Aliança é uma visão geral conceitual e hermenêutica, ou interpretativa, bíblica, com princípios próprios, que conduz à uma melhor compreensão da estrutura geral da Bíblia. A forma padrão pela qual se organiza a Teologia da Aliança considera a história do relacionamento de Deus com a

humanidade [e especialmente com o seu povo escolhido¹], desde a Criação, a Queda até a Redenção, sob o marco de três abrangentes alianças teológicas: Aliança da Redenção, Aliança das Obras e Aliança da Graça.

Educação Religiosa das Crianças

Define-se Educação Religiosa das Crianças como sendo aquela responsabilidade de “fazer discípulos de todas as nações” (Mt. 28.20); trata-se daquela ordenança de transmitir as verdade de Deus aos filhos da Aliança (Sl. 78.1-8). Essa transmissão acontece por dois agentes, a família e a igreja, proporcional e complementarmente.

Família

Neste trabalho, família é vista como a unidade social fundamental e inclui marido, esposa e os filhos. Portanto, quando este termo é mencionado, tem-se em mente aquelas pessoas que vivem debaixo do mesmo teto.

Igreja

Igreja é aquela comunidade de professos em Jesus Cristo, unidos numa mesma fé e propósito. Embora haja “joio e trigo” vivendo em um mesmo contexto, este trabalho leva em consideração aquele aspecto geral pelo qual a igreja foi fundada pelo próprio Senhor Jesus (Mt. 16.18).

Ministério Infantil

É o trabalho desenvolvido pela igreja local em prol do cumprimento de sua missão como agente da Aliança. Este ministério pode ser desenvolvido em diversos aspectos da vida comunitária e difere de acordo com a realidade de cada igreja. Ele não é propriamente o Departamento Infantil e nem se restringe a ele; ele inclui todos os esforços da igreja, incluindo o apoio às famílias das crianças.

¹ Andarei entre vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo. (Lv 26.12).

2 A TEOLOGIA DA ALIANÇA

A Teologia da Aliança (ou Teologia do Pacto) é uma das mais ricas doutrinas cristãs. Para os reformados, ela é essencial (o verdadeiro cerne) ao desdobramento das demais doutrinas. De fato, sem uma compreensão clara da Teologia da Aliança, dificilmente haverá êxito na compreensão de doutrinas como soteriologia, eclesiologia, escatologia e assim por diante. No que diz respeito a este trabalho, entender, com clareza a Teologia da Aliança será essencial para verificar-se como ela se aplica a educação religiosa das crianças.

2.1 Definição de Aliança

A primeira pergunta que deve ser feita é “o que é uma Aliança”? A Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada define Aliança como:

Acordo ou convênio que regulamenta determinadas relações entre duas partes. Toda aliança inclui obrigações e promessas. Na Bíblia, o pacto é o convênio ou aliança que Deus, pela sua própria iniciativa, fez com o seu povo.²

O. Palmer Robertson, embora considere muito difícil definir o que seja uma Aliança, o faz da seguinte forma:

Aliança é um pacto de sangue soberanamente administrado. Quando Deus entra em relação de aliança com os homens, de maneira soberana institui um pacto de vida e morte. A aliança é um pacto de sangue, ou um pacto de vida e morte, soberanamente administrado. (ROBERTSON, 2002, p. 10)

Robertson prossegue:

Aliança [...] envolve compromissos com consequências de vida e morte. No ato de estabelecimento da aliança, as partes se comprometem mutuamente, por meio de um processo formal de derramamento de sangue. Este derramamento de sangue apresenta a intensidade do comprometimento da aliança. Por meio da aliança elas se ligam para a vida e para a morte. (*ibid*, p. 20)

Michael Horton define Aliança como

Um relacionamento de “juramentos e obrigações” que implica compromissos mútuos, se bem que não necessariamente iguais. Algumas alianças bíblicas são mandamentos e promessas impostos unilateralmente; outras são assumidas pelas duas partes. Algumas são condicionais e outras incondicionais. Em outras palavras, na Escritura encontramos, sob o conceito

² Sociedade Bíblica do Brasil, Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).

amplo de juramentos e obrigações, uma grande variedade de alianças. (HORTON, 2010, p. 8)

2.2 A Aliança nas Escrituras

Aliança é um tema presente nas páginas da Bíblia, ainda que, em alguns casos, as *palavras aliança ou pacto* não apareçam de modo direto. Pode-se afirmar que esse tema é central e, como afirmado, o entendimento incorreto ou incompleto pode comprometer diversas doutrinas e práticas cristãs.

Horton afirma que

a própria existência de Deus é de aliança: o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem em mútua dedicação incessante, que se estende para além da Divindade para criar uma comunidade de criaturas que servem como uma análoga gigante do relacionamento da Divindade (HORTON, 2010, p. 7)

A afirmação de Horton é de extrema importância, pois ela mostra que, mesmo antes de qualquer ato divino de criação, há, entre as Pessoas da Trindade um acordo, uma Aliança ou Pacto; isso se revelará de modo mais glorioso naquilo que os teólogos comumente têm chamado de Aliança da Redenção, o que veremos mais adiante.

Vemos essa Aliança revelada nas palavras da criação do homem:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (Gn. 1.26)

De acordo com o texto de Gênesis, pode-se afirmar que o verbo no plural (“façamos”) revela que havia mais de uma Pessoa (a revelação do Novo Testamento comprova que são Três) e que elas, juntas (ou em aliança) deram vida às “criaturas da Aliança”; além disso, revela que o homem era uma criatura criada com mais excelência que as demais, pois era “*à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*” (notemos o plural novamente). É isso que encontramos no Salmo 8.4-8:

⁴ [...] que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?
⁵ Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. ⁶ Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ⁷ ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; ⁸ as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares. (Sl 8.4-8)

Desse modo:

Somente na criação da humanidade é anunciada de antemão a intenção divina. A fórmula “e assim se fez” [...] põe a humanidade mais perto de Deus do que o restante da criação. (BRUCE e CATHI, 2010, p. 74)

Por que Deus resolveu revelar-se por meio de uma Aliança? A Confissão de Fé de Westminster (1647) afirma que tal fato se deu por conta da distância entre o Criador e a criatura, a qual chamamos de *distância ontológica*:

I. Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual foi ele servido significar por meio de um pacto³. (CFW, VII, §1º - DO PACTO DE DEUS COM O HOMEM)

De acordo com o relato dos capítulos iniciais de Gênesis e as declarações da Confissão de Fé de Westminster, pode-se fazer as seguintes afirmações:

- a. O motivo pelo qual Deus celebra uma Aliança com o homem é a distância infinita (“distância ontológica”) existente entre o Criador e suas criaturas humanas (como tão bem o afirma a CFW, VII, §1º).** Tal verdade é vista desde o estabelecimento da Aliança das Obras (o qual será visto mais detalhadamente adiante) e serviu como instrumento de Deus lançar uma ponte entre o Criador e a criatura, a fim de que a própria criatura, especificamente, pudesse usufruir de todos os benefícios de uma completa comunhão com Deus.
- b. A Aliança estabelecida por Deus é um relacionamento de amor e vida.** Deus assume uma série de compromissos com o ser humano para levá-lo a uma vida plena de comunhão com Ele; essa comunhão tem a ver com a condição humana – *a imagem e semelhança de Deus* – e visa o alcance de sua plenitude por meio de uma semelhança cada vez maior com Deus, num relacionamento de comunhão cada vez mais estreito.

Dessa forma, a motivação primeira da Aliança de Deus com a criatura nada tem a ver com o pecado, uma vez que sequer havia pecado quando Deus resolveu relacionar-se com Adão. Portanto, ao celebrar a Aliança das Obras com Adão, Deus se “acomoda”, denominada pela Confissão de Fé de Westminster como “*voluntária condescendência da parte de Deus*” (CFW, VII, §1º) à condição ontológica do ser humano; dito de outra maneira, Deus “desce” ao nível da humanidade para que haja

³ Jó 9.32-33; Sl. 113.5-6; At. 17.24-25; Lc. 17.10.

comunhão entre Ele e os seres humanos e, sem deixar em nenhum momento sua própria essência, se comunica de forma clara dentro dos limites criacionais e das estruturas e capacidades cognitivas e afetivas do homem.

c. O conteúdo da Aliança é a “oferta da vida eterna”:

A CFW afirma que, tanto na Aliança das Obras quanto na Aliança da Graça, vida eterna é oferecida ao homem, ainda que administrados de maneira distinta:

[...] nesse pacto [das obras] *foi a vida prometida* a Adão e nele à sua posteridade. (CFW, VII, §2º, grifo meu)

[...] nesse pacto [da graça] ele livremente *oferece aos pecadores a vida* e a salvação por Jesus Cristo (CFW, VII, §3º, grifo meu)

Ainda que a administração dos Pactos das Obras e da Graça sejam distintas, o ponto importante aqui a ser verificado é que, em ambos, *há uma promessa/oferta de vida eterna*. Esta oferta está condicionada à perfeita obediência do homem aos termos ditados por Deus na Aliança, sendo ela, sempre a condição para que as bênçãos prometidas por Deus – *vida eterna, comunhão, deleite na presença de Deus* – possam ser usufruídas. Deste modo, é correto afirmar que, na Aliança das Obras esperava-se perfeita obediência de Adão; na da Redenção, de Cristo.

Notemos, portanto, que na Nova Jerusalém a essência da vida eterna⁴ é reafirmada - *“Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles”* (Ap 21.3) e a própria árvore da vida entra novamente em cena:

No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. (Ap. 22.2)

Que verdade maravilhosa, pois mesmo depois da erradicação do pecado, a oferta de vida eterna continua sendo prodigalizada por Deus, mesmo porque o homem não tem vida em si mesmo, mas a deriva continuamente de Deus.

d. O propósito da Aliança é honrar e glorificar a Deus.

A humanidade existe para isso e a revelação de Deus consiste em fazer com que o homem se torne ciente de que lhe cabe oferecer um culto permanente de louvor a Deus por meio de seu viver.

⁴ E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. (Jo 17.3).

Desta forma, pode-se verificar que a Aliança é necessária *antes da entrada do pecado* no mundo, *durante o domínio do pecado* e mesmo depois que o *pecado tenha sido erradicado do universo*. Sua razão de ser é permitir que Deus se relacione com os seres humanos, para efeito de comunhão e de acordo com regras que o próprio Deus lhes dá a conhecer.

2.3 Fazer uma Aliança é “cortar uma Aliança”

Um ponto importante para entendermos melhor a Teologia da Aliança diz respeito ao fato de que a aliança é um pacto de sangue ou “pacto de vida e morte”, como afirma Palmer. Deste modo, a maneira correta de se falar sobre um Pacto é “cortar uma aliança⁵”. O texto que mais revela esta prática se encontra em Gênesis 15.12-21

¹² Ao pôr do sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram; ¹³ então, Ihe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. ¹⁴ Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas. ¹⁵ E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. ¹⁶ Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus.

¹⁷ E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços. ¹⁸ Naquele mesmo dia, fez o SENHOR aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates: ¹⁹ o queneu, o quenezeu, o cadmoneu, ²⁰ o heteu, o ferezeu, os refains, ²¹ o amorreu, o cananeu, o girgaseu e o jebuseu. (Gn. 15.12-21, grifo meu)

No verso 18 lê-se: “*Naquele mesmo dia, fez o SENHOR aliança com Abrão*” (18). Assim, fazer uma aliança é o mesmo que “*cortar uma aliança*” (*b`eriyth karath*⁶).

⁵ Alguns estudiosos afirmam que a palavra *b`eriyth* pode ter outros quatro significados. O primeiro relaciona *b`eriyth* com o nom. *biritu* – fecho, cadeia e, portanto, considera a aliança essencialmente como um vínculo (Weinfeld). O segundo se refere ao uso da preposição acad. *Birit* – entre, e, portanto, considera a aliança como um acordo entre duas partes (Noth). O terceiro, que postula um vb. *bhr II* foi influente em função do trabalho de E. Kutsch, encontrando uma ligação com o acad. *Barû* – ver, ele argumenta em favor de um significado estendido no heb. “escolher para uma tarefa”, por conseguinte, “obrigação”, com base na forma *berû* em 1 Samuel 17.8 (claramente “escolha”, mas o texto é controverso). Uma quarta explicação (não associada ao acad.) é a proposta de Gerleman do significado de “algo especialmente posto a parte”, derivando *b`eriyth* da raiz *brr*. (Gordon J. McConville, בְּרִית (*b`erit*), ed. Willem A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011).

⁶ *karat*. v. cortar. Usado na expressão idiomática “cortar uma aliança” para se referir a fazer uma aliança. Esta palavra significa literalmente “cortar”, como em “cortar” (Êx. 4.25) ou “cortar” (1Rs. 5.18), mas também é usada figurativamente para se referir a matar (Gn. 9.11) ou remoção de uma comunidade (Êx. 12.15). Em algumas passagens, *kārat* ocorre sem *b`erit*, mas ainda significa “fazer uma aliança”;

Gênesis 15 fornece um exemplo de cerimônia de corte. Nesta cerimônia (1) um animal era cortado em pedaços e dispostos no chão; (2) as partes da aliança passariam entre as peças cortadas e (3) aquele que quebrasse a aliança (*bêriyth*) receberia o mesmo destino dos animais, ou seja, seriam mortos e cortados. O que é mais interessante no relato de Gênesis 15 é que apenas Deus passa entre as partes⁷, sinalizando que Ele mesmo garantiria o cumprimento das promessas.

Outros textos da Escritura parecem dar apoio a essa interpretação; por exemplo, ao lembrar a deslealdade de Israel aos compromissos da Aliança, o profeta Jeremias afirma:

Farei aos homens que transgrediram a minha aliança e não cumpriram as palavras da aliança que fizeram perante mim como eles fizeram com o bezerro que dividiram em duas partes, passando eles pelo meio das duas porções; (Jr. 34.18).

Mais adiante, Jeremias pronuncia:

²⁰ [...] entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procuram a sua morte, e os cadáveres deles servirão de pasto às aves dos céus e aos animais da terra. (34.20)

Se os relatos de Gênesis e Jeremias apontam para “cortar uma aliança”, como crê-se que de fato o fazem, e que o destino daquele que quebra a aliança é o mesmo dos animais, temos diante de nós uma alusão importante à morte de Cristo. Com essa afirmação concorda Palmer, pois diz que a ideia de “aliança”⁸ reflete mais biblicamente a morte vicária de Jesus Cristo. Em defesa deste ponto de vista, basicamente, considera-se dois estágios distintos do autor da aliança: *Primeiro*, a morte do autor da aliança aparece como simbolismo da maldição, ou seja, aquele que quebrou a aliança terá o mesmo destino dos animais cortados; *segundo*, a morte realmente viria como consequência da quebra de seu compromisso. Mais do que uma mera distinção, a ideia de aliança se aplica melhor quando pensamos na morte de Cristo, pois ela foi

este é um uso atípico. Essas passagens incluem 1 Rs 8.9 e 2 Cr 7.18, onde *kārat* ocorre sozinho, e Ag 2.5, onde combina com דָּבָר (*dābār*, “palavra”) para significar “fazer uma aliança”. Michael R. Jones, “Covenant”, ed. Douglas Mangum et al., *Lexham Theological Wordbook*, Lexham Bible Reference Series (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).

⁷ [...] eis um fogueiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços. (Gn. 15.17).

⁸ Embora a Confissão de Fé de Westminster afirme que “este pacto da graça é frequentemente apresentado nas Escrituras pelo nome de Testamento, em referência à morte de Cristo, o testador, e à perdurável herança, com tudo o que lhe pertence, legada neste pacto”, Palmer prefere a ideia de aliança. Embora a ideia de *testamento* não seja totalmente descartada.

substitutiva. Ele assumiu o lugar dos pecadores e foi “cortado” pela transgressão deles à aliança. Neste sentido, Palmer acertadamente afirma:

Cristo morreu no lugar do pecador. Por causa das violações da aliança, os homens foram condenados a morrer. Cristo tomou sobre si mesmo as maldições da aliança e morreu no lugar do pecador. Sua morte foi pactual, não testamental. (ROBERTSON, 2002, p. 18)

Portanto, aliança é um pacto de sangue, administrado de forma soberana.

2.3.1 A existência de Três Alianças

A Confissão de Fé de Westminster menciona três Alianças, o **Pacto das Obras**: “o primeiro pacto feito com o homem era um pacto de obras” (CFW, VII, §2º); o **Pacto da Graça**: “o Senhor dignou-se fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça” (CFW, VII, §3º). Embora a CFW não use a terminologia **Pacto da Redenção**, há uma menção da mesma ideia nas afirmações “santo conselho e beneplácito da sua vontade”, (III, §§1º e 5º), “inescrutável conselho da sua própria vontade” (III, §7º e V, §1º); além disso, a CFW fala de uma ordenação que foi dada a Cristo para ser o Mediador entre Deus e o homem⁹. Apesar de se fazer uma distinção aqui entre as Alianças da Graça e da Redenção, há quem os veja como sendo uma só, ou as colocam sobrepostas; mas, para melhor entendimento, veremos cada Aliança distintamente, ainda que ambas sejam lados de uma mesma moeda nominada de misericórdia. Essa distinção, inclusive, se mostra mais proveitosa neste particular; além disso, ela evita possíveis confusões e, segundo Berkhof, é o método usado pela maioria dos teólogos reformados, como Maastricht, a Marck, François Turretini, Hermann Witsius, Heinrich Heppel, Charles Hodge, Russell Shedd, Geerhardus Vos e Herman Bavinck.

Conforme afirma Shedd:

Apesar desta distinção (entre a aliança da redenção e a da graça) ser favorecida pelas afirmações bíblicas, não se segue que há duas alianças separadas e independentes, em antítese à aliança das obras. A aliança da graça e a da redenção são dois modos ou duas fases da única aliança evangélica da misericórdia. (SHEDD, *apud*, BERKHOF, 2001, p. 382)

⁹ Aprove a Deus em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do Mundo; e deu-lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado. (CFW, VIII, §1º)

Passemos a verificar cada Aliança separadamente.

2.4 A Aliança da Redenção

Aliança da Redenção (*pactum salutis*) é definido por Berkhof como “o acordo entre o Pai, dando o Filho como o Chefe e Redentor dos eleitos, e o Filho, tomando voluntariamente o lugar dos que lhe foram dados pelo Pai” (BERKHOF, 2001, p. 390). Charles Hodge, em sua Teologia Sistemática, afirma que esta Aliança é uma “verdadeira transação, e deve ser considerada e tratada como tal se quisermos compreender corretamente o plano da salvação” (HODGE, Edição do Kindle, posição 24419).

Sobre esta Aliança de Redenção¹⁰ pode-se fazer as seguintes afirmações:

a. O plano da redenção estava incluído nos decretos eternos de Deus:

A Escritura afirma:

Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor. [...] nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade. (Ef. 1.4, 11).

Paulo, ainda na Epístola aos Efésios, fala de um “eterno propósito”:

[...] segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Ef 3.11¹¹).

Paulo fala do “mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações” (Cl. 1.26). O que é revelado pelas Escrituras é a existência de uma Aliança entre Deus e seu Filho, firmada com promessas e condições. Conhecido também como Economia

¹⁰ Johannes Cocceius (1603-1669) refere-se ao Pacto da Redenção como “*conselho de paz*”; seu entendimento surge do texto em Zc. 6.13, o qual, segundo ele, deve ser entendido como um acordo entre o Pai e o Filho. Embora a interpretação correta da passagem não seja essa, uma vez que ela se refere à união dos ofícios real e sacerdotal do Messias, o caráter escriturístico do nome não põe em descrédito a realidade dos planos eternos de Deus quanto à salvação.

¹¹ Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade. (2Ts 2.13)

que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos. (2Tm 1.9).

Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam? (Tg 2.5)

eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas. (1Pe 1.2).

da Redenção¹², esta Aliança nos mostra que há, de certo modo, uma divisão de trabalho entre as Pessoas da Trindade: o Pai é o originador da salvação – “*nos escolheu, nele*” (Ef. 1.4); o Filho, o executor da salvação – “*por meio de Jesus Cristo*” (Ef. 1.5), e o Espírito Santo, o aplicador da salvação aos eleitos – “*fostes selados com o Santo Espírito da promessa*” (Ef 1.13). Essas “tarefas”, assim coordenadas, manifesta-se como resultado de uma relação pactual entre as Pessoas da Trindade.

Em suma, embora todas as Pessoas da Trindade estejam envolvidas na salvação, as Escrituras mostram que cada uma delas assume um papel proeminente, de forma econômica.

b. Na Aliança da Redenção, Cristo é posto como Cabeça e Representante de seu povo:

É possível que a passagem onde essa afirmação apareça mais claramente seja Rm. 5.12-21¹³; especialmente o verso 19:

Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. (Rm. 5.19)

Na passagem, Adão e Cristo são apresentados como representantes (Cabeça); aquele, da raça humana, este, dos eleitos de Deus. Assim, em Adão, todos caíram,

¹² Charles Hodge chama de “Economia de Redenção” o plano ou propósito de Deus em relação à salvação dos homens. Segundo ele, trata-se do “*plano de Deus em relação a seu ato de reunir em um só corpo harmonioso todos os objetos da redenção, quer no céu, quer na terra, em Cristo (Ef 1.10)*”. Também recebe o misterioso propósito ou plano que estivera oculto em Deus ao longo das eras, cuja revelação foi o grande desígnio do evangelho, e que teve por intenção fazer conhecido aos principados e às potestades, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus (Ef 3.9). (HODGE, 2001, p. 717).

¹³ ¹² Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. ¹³ Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. ¹⁴ Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir. (Rm. 5.12-14)

¹⁵ Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. ¹⁶ O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcende de muitas ofensas, para a justificação. ¹⁷ Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. ¹⁸ Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. ¹⁹ Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. ²⁰ Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, ²¹ a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. (Rm 5.12-21)

em Cristo, muitos se tornarão justos. A passagem que atesta isso de modo claro é 1Co. 15.22:

Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. (1Co 15.22).

O Salmo 89.3 e Isaías 42.6¹⁴ falam de uma Aliança feita diretamente com o Messias:

Fiz *aliança* (*b`eriyth*) com o meu escolhido e jurei a Davi, meu servo: (Sl 89.3, grifo meu).

Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da *aliança* (*b`eriyth*) com o povo e luz para os gentios. (Is 42.6, grifo meu).

Comentando Isaías 42.6, Oswalt afirma:

Quando o Servo se torna o cumprimento da aliança do povo, em parte ele está proclamando a continuidade da amorosa aliança de Deus com um povo que nutria profunda expectativa de que, por mais que mantivera relação com Deus no passado, agora estava sem esperança. (OSWALT, 2011, pp. 156-157)

Além disso, o Salmo 40.7-9 é atestado pelo Novo Testamento como sendo uma clara referência ao Messias (cf. Hb. 10.5-7):

⁷ Então, eu disse: eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; ⁸ agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei. ⁹ Proclamei as boas-novas de justiça na grande congregação; jamais cerrei os lábios, tu o sabes, SENHOR. (Sl. 40.7-9)

⁵ Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; ⁶ não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. ⁷ Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade. (Hb. 10.5-7)

Tanto o Salmo como a passagem em Hebreus confirmam, respectivamente, a prontidão do Messias em fazer a vontade do Pai – *“agrada-me fazer a tua vontade”* [...] *“Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade”*. O autor de Hebreus afirma que *“nessa vontade” “é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas”*. (Hb. 10.10)

Essa disposição do Messias enriquece e torna ainda mais significativa a passagem de Lucas 22.29:

¹⁴ A passagem deve ser entendida à luz de 2Samuel 7.12-14: ¹²“Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. ¹³ Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. ¹⁴ Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens”.

Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, (Lc 22.29).

O verbo confiar (*confiou e confio*) é *diatithemi*, do qual deriva a palavra *diatheke*, e cujo sentido é “colocar legalmente (*autoridade, propriedade ou direitos*) no controle de uma pessoa ou grupo de pessoas” (Léxico no sentido bíblico); traz a ideia de “designar por disposição voluntária, testamento ou aliança” (BERKHOF, 2001, p 384). Esse verbo aparece em Atos 3.25 e é traduzido como *aliança*:

Vós sois os filhos dos profetas e da *aliança* (*diathékē*) que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência, serão abençoadas todas as nações da terra. (At. 3.25).

Vemos, ainda, essa mesma palavra, também traduzida como *aliança*, em Hebreus 8.10:

Porque esta é a *aliança* (*diathékē*) que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. (Hb. 8.10)

É bela a menção resumida da aliança no final de Hebreus 8.10: “e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Assim, podemos concordar com John Owen, quando afirma que “esta é uma promessa separada em si mesma, que resume todas as bênçãos e privilégios da aliança” (OWEN, Hebreus, p. 189)

Lemos ainda no Salmo 2.7-9 a menção de partes contratantes e a indicação de uma promessa:

⁷ Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. ⁸ Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. ⁹ Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro. (Sl.2.8-9)

O caráter messiânico desta passagem é corroborado por At 13.33:

[...] como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. (At 13.33; cf. Hb. 1.5, 5.5¹⁵).

Uma vez que a Aliança da Redenção é feita com Cristo, Ele é submetido às seguintes condições:

¹⁵ Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? (Hb. 1.5).

Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei; (Hb. 5.5).

(1) Cristo é o Fiador e Chefe da Aliança: Fiador ou Penhor é aquele que se faz responsável pelas obrigações que cabe a outro.

[...] por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior *aliança* (*diathēkē*). (Hb 7.22)

Deste modo, na Aliança da Redenção, Cristo assume os pecados de seu povo (Mt. 1.21¹⁶), sofrendo pessoalmente a punição necessária, satisfazendo as exigências da lei pelo mesmo povo.

Além disso, ao tomar o lugar do homem caído, Cristo se coloca como o Último Adão; ao fazer isso, ele é nomeado o Chefe da Aliança, o Representante de todos quantos o Pai lhe deu. Portanto, na Aliança da Redenção, Cristo é o Penhor, o Fiador e o Chefe. Na Pessoa de Cristo se cumprem as profecias de Isaías 53:4-6, 11-12:

⁴ Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

⁵ Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. ⁶ Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. (Is. 53.4-6)

¹¹ Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. ¹² Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu. (11-12)

Cristo, como Fiador *Expromissor*¹⁷, se encarrega de pagar por outro, tornando este livre da culpa e corrupção e, conseqüentemente, a condenação eterna. Assim,

¹⁶ Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. (Mt 1.21).

¹⁷ Berkhof afirma que “a jurisprudência romana reconhece dois tipos de fiador, um designado *fidejussor* e o outro *expromissor*. O primeiro é condicional; o segundo é incondicional. O primeiro é um fiador que se encarrega de pagar por outra pessoa, dado que esta não paga o que deve. O peso da culpa permanece sobre os ombros da parte culpada até a hora do pagamento. O segundo, porém, é um fiador que se encarrega incondicionalmente de pagar por outrem, livrando imediatamente a parte culpada da sua responsabilidade. Coceio e sua escola sustentavam que, no conselho de paz, Cristo se fez fidejussor e que, conseqüentemente, os crentes do tempo do Antigo Testamento não gozavam pleno perdão dos pecados. Inferiam de Rm 3.25 que para aqueles santos só havia uma *paresis*, um passar por alto o pecado, e não a *aphesis*, isto é, o perdão completo, enquanto Cristo não fez realmente a expiação pelo pecado. Entretanto, os seus oponentes afirmavam que Cristo encarregou-se incondicionalmente de prestar satisfação por seu povo e, portanto, foi um fiador no sentido específico de *expromissor*. Esta é a única posição sustentável, pois: (a) Os crentes veterotestamentários receberam plena justificação ou perdão, embora o seu conhecimento disto não fosse tão completo e tão claro como é na dispensação do Novo Testamento. Não há diferença essencial entre a situação dos crentes do Antigo Testamento e a dos crentes do Novo, Sl 32.1,2,5; 51.1-3,9-11; 103.3,12; Is 43.25;

“em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm. 8.37)

(2) Para Cristo a Aliança da Redenção constitui-se na Aliança das Obras:

Uma vez que o primeiro Adão não cumpriu a Aliança das Obras, esta continuava em pleno vigor; ela exigia perfeita obediência. Assim, como Último Adão, Cristo assume as exigências da Aliança das Obras, e, por sua total obediência¹⁸, obtém, como recompensa, a vida eterna para os pecadores. Na qualidade de Representante e Fiador de todo o seu povo, este já não tem a obrigação de fazer. “Está consumado¹⁹”, a obra está realizada, a recompensa é merecida, e os crentes são feitos participantes dos frutos da obra consumada, mediante a graça em Cristo Jesus.

(3) A obra realizada por Cristo é limitada aos eleitos de Deus:

A eleição dos crentes não deve ser confundida com a Aliança da Redenção; é correto afirmar que a eleição se refere à escolha das pessoas destinadas a serem herdeiras da glória eterna em Cristo enquanto a Aliança da Redenção fala do modo e dos meios pelos quais a graça e a glória são preparadas para os pecadores. Assim, a eleição vem antes da Aliança da Redenção, uma vez que a obra expiatória realizada por Cristo na qualidade de Fiador é particular²⁰. Caso não houvesse uma eleição

Rm 3.3,6-16; Gl 3.6-9. A posição de Coceio lembra uma das posições dos católicos romanos, com o seu *Limbus Patrum*. (b) A teoria de Coceio faz a obra de Deus, em sua provisão para a redenção dos pecadores, depender da incerta obediência do homem, de maneira inteiramente sem base. Não há sentido em dizer que Cristo se fez fiador condicional, como se ainda fosse possível ao pecador pagar por si mesmo. A provisão para a redenção dos pecadores é absoluta. Não equivale dizer que ele não trata o pecador como pessoalmente culpado enquanto não for justificado pela fé, pois o que Deus faz é exatamente isso. (c) Em Rm 3.25, a passagem a que Coceio recorre, o apóstolo emprega a palavra *paresis* (deixar de lado ou passar por alto), não porque os crentes individuais da dispensação do Antigo Testamento não receberam pleno perdão do pecado, mas porque, durante o tempo daquela dispensação, o perdão do pecado tinha a forma de uma *paresis*, dado que o pecado não fora adequadamente punido em Cristo e a justiça absoluta de Cristo não fora revelada na cruz”. (BERKHOF, 2001, pp. 384-386)

¹⁸ Em sua morte, Cristo, unindo a natureza humana a si mesmo, se entregou e recebeu a punição judicial pelo pecado (obediência passiva), além de ter cumprido os preceitos da Lei moral (obediência ativa), e assim se tornou digno de tomar o lugar de pecadores completamente desobedientes e cobertos de culpa. O Filho veio para viver e morrer obedientemente. Sua obediência torna não apenas o perdão possível (obediência passiva), mas a justiça disponível (obediência ativa). Porque ele é o nosso cabeça representativo, a obediência de Cristo é a nossa obediência.

¹⁹ João 19.30

²⁰ Essa doutrina é conhecida como Expição Limitada (alguns preferem a terminologia Expição Definida); ela se refere ao fato de que Cristo morreu pelos eleitos de Deus, ou seja, somente por

prévia, certamente a obra de Cristo seria universal ou irrestrita. Ademais, inverter os termos seria o mesmo que fazer da fiança de Cristo a base da eleição, mas a Escritura baseia a eleição inteiramente no beneplácito de Deus: “assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo” (Ef. 1.4).

(4) Para Cristo, os sacramentos serviram como exigências da lei, para os crentes, sinais de graça salvadora:

Embora Cristo tenha feito uso dos sacramentos do Antigo e do Novo Testamentos não devemos vê-los como significados iguais para Cristo e os crentes. Sobre essa distinção, afirma Berkhof:

Se distinguirmos, como estamos fazendo, entre a aliança da redenção e a aliança da graça, será fácil ver que, para Cristo, os sacramentos, com toda a probabilidade, tinham a ver com aquela, e não com esta. Na aliança da redenção, Cristo se incumbiu de satisfazer as exigências da lei. Estas assumiram forma definida quando Cristo esteve na terra, e também incluíam regulamentos religiosos positivos. Os sacramentos faziam parte desta lei e, portanto, Cristo teve que sujeitar-se a eles, Mt 3.15. Ao mesmo tempo, eles puderam servir de selos das promessas que o Pai fizera ao filho. (BERKHOF, 2001, p. 387).

Dito de outro modo, embora Cristo não tivesse necessidade de exercer fé salvadora como os crentes, os sacramentos simbolizavam para Cristo o cumprimento das promessas feitas pelo Pai; deste modo, de certa maneira, Cristo exerceu fé nas promessas que Lhe havia sido prometidas na Aliança da Redenção.

(5) Cristo precisaria cumprir os seguintes requisitos:

Como dito anteriormente, o Filho precisava comparecer diante de Deus como Fiador e Chefe do seu povo, cumprindo as exigências deixadas por Adão. Neste requisitos estavam incluídos:

aqueles o Pai escolheu soberana e graciosamente, antes da fundação do mundo. A Escritura fala que Cristo “salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt. 1.21); Cristo afirma “e dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo. 10.15), que recebeu autoridade “a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste” (17.2), até mesmo Sua oração mencionava apenas “aqueles que me deste, porque são teus” (17.9); sua vida não foi dada por todos, mas “em favor dos seus amigos” (15.13).

- i. Tomar a natureza humana, com todas as suas fraquezas, mas sem pecado. “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl. 4.4; Hb 2.10-11,14-15; 4.15²¹).
- ii. Embora superior, Ele deveria se colocar debaixo da lei, numa relação penal e federal, a fim de pagar a penalidade pelo pecado e conquistar a vida eterna para os eleitos.

¹⁷ Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. ¹⁸ Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. (Mt 5.17-18; cf. Sl 40.8; Jo 8.28-29; Fp. 2.6-8²²).

- iii. Uma vez que Ele conquistasse o perdão dos pecados e a vida eterna para os seus, deveria aplicar estes os frutos dos seus méritos pela poderosa ação do Espírito Santo.

[...] quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. (Jo 16.13; cf. 16.14-15; 17.19-22; Hb 2.10-13; 7.25²³).

²¹ ¹⁰ Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles. ¹¹ Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos. (Hb 2.10-11).

¹⁴ Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, ¹⁵ e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida. (Hb 2.14-15)

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. (Hb 4.15).

²² Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei. (Sl 40.8).

²⁸ Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU E QUE NADA FAÇO POR MIM MESMO; MAS FALO COMO O PAI ME ENSINOU. ²⁹ E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada (Jo 8.28-29).

⁶ pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; ⁷ antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, ⁸ a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.6-8).

²³ ¹⁴ Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. ¹⁵ Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. (Jo 16.14-15)

¹⁹ E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.

²⁰ Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; ²¹ a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. ²² Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; (Jo. 17.19-22).

(6) E, finalmente, para que a Obra da Redenção seja cumprida, as seguintes promessas lhe serão conferidas:

- i. O Pai Lhe prepararia um corpo, que Lhe serviria como tabernáculo²⁴, não contaminado pelo pecado (Lc 1.35; Hb 10.5²⁵).
- ii. O Pai Lhe dotaria dos dons e graças necessárias para a realização da sua obra, e particularmente o ungiu para os ofícios messiânicos, dando-Lhe o Espírito sem medida (Is 42.1-2; 61.1; Jo 3.31²⁶).
- iii. O Pai Lhe daria todo apoio para que Cristo realizasse a obra redentora, livrando-o da morte e habilitando para que pudesse destruir os domínios de Satanás e a estabelecer o reino de Deus (Is 42.1-7; 49.8; Sl 16.8-11; At 2.25-28²⁷).

¹⁰ Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles. ¹¹ Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de Lhes chamar irmãos, ¹² dizendo: A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação. ¹³ E outra vez: Eu porei nele a minha confiança. E ainda: Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu. (Hb. 2.10-13).

Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. (Hb 7.25).

²⁴ E o Verbo se fez carne e *habitou* entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. (Jo 1.14). O verbo traduzido como *habitou* tem o sentido de “*tabernaculou*” [σκηνώω (*skēnoō*). v. morar, morar, abrigar]. Este verbo às vezes é usado no Novo Testamento para se referir a Deus habitando entre Seu povo. Ele está relacionado com σκηνή (*skēnē*, “tenda, tabernáculo”). Aqui em João 1.14 descreve a *encarnação como Deus vindo habitar (skēnoō)* na terra como um humano. Apocalipse 21.3 diz que o tabernáculo de Deus (*skēnē*) está entre os homens e que Deus habitará (*skēnoō*) entre eles.

Benjamin M. Austin, “Presença Divina”, ed. Douglas Mangum et al., Lexham Theological Wordbook, Lexham Bible Reference Series (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).

²⁵ Respondeu-Lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. (Lc 1.35).

Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; (Hb. 10.5).

²⁶ ¹ Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraza; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. ² Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. (Is. 42.1-2)

O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; (Is 61.1)

Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos. (Jo 3.31).

²⁷ ¹ Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraza; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. ² Não clamará, nem gritará,

- iv. Mais uma promessa refere-se ao fato de que o Pai o capacitaria no envio do Espírito Santo – “a quem o Pai enviará em meu nome” – para a formação, instrução, direção e proteção da Igreja (Jo. 14.26; 15.26; 16.13-14; At. 2.33²⁸).
- v. Incluída entre as promessas estava a recompensa de uma numerosa semente, de toda “tribo, língua, povo e nação” (Ap. 5.9; cf. Sl. 22.27; 72.17²⁹).
- vi. Cristo receberia do Pai toda autoridade – “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt. 28.18, cf. Ef. 1.21-22³⁰) e, finalmente, seria

nem fará ouvir a sua voz na praça. ³ Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade, promulgará o direito. ⁴ Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina. ⁵ Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela. ⁶ Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; ⁷ para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas. (Is 42.1-7)

Diz ainda o SENHOR: No tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação; guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas; (Is 49.8)

⁸ O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado. ⁹ Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. ¹⁰ Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. ¹¹ Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente. (Sl. 16.8-11).

²⁵ Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. ²⁶ Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, ²⁷ porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. ²⁸ Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença. (At 2.25-28).

²⁸ mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. (Jo 14.26).

Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; (Jo. 15.26)

¹³ quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. ¹⁴ Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. (Jo. 16.13-14).

Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. (At. 2.33)

²⁹ Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações. (Sl. 22.27)

Subsista para sempre o seu nome e prospere enquanto resplandecer o sol; nele sejam abençoados todos os homens, e as nações lhe chamem bem-aventurado. (Sl. 72.17)

³⁰ 20 o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, ²¹ acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. ²² E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja. (Ef 1.20-22).

recompensado como Filho de Deus (Jo. 17.5, Ef. 2. Fp. 2.9-11, Hb. 2.9³¹). Cristo, diversas vezes, faz menção às promessas feitas a ele antes de seu Advento; do mesmo modo, fala também acerca de uma comissão ou delegação de poderes que recebeu do Pai:

Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou. (Jo. 5.30)

Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis. (Jo. 5.43; cf. 6.38-40; 17.4-12³²)

De fato, João 17.4-12 transmite a ideia de um contrato. Há, por parte de Cristo, inclusive, menção de cumprimento e pedido de recompensa:

⁴ *Eu te glorifiquei na terra*, consumando a obra que me confiaste para fazer;
⁵ e, agora, *glorifica-me, ó Pai*, contigo mesmo (17.4-5, grifo meu)

Notemos que João 17.4-5 é uma afirmação de cumprimento das obrigações – “*Eu te glorifiquei na terra*” – e um pedido para cumprimento das promessas – “*glorifica-*

³¹ 9 Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, 10 para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, 11 e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (Fp. 2.9-11).

vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem. (Hb. 2.9).

³² ³⁸ Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. ³⁹ E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. ⁴⁰ De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. (Jo. 6.38-40)

⁴ Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; ⁵ e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. ⁶ Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. ⁷ Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; ⁸ porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste. ⁹ É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ¹⁰ ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. ¹¹ Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. ¹² Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. (Jo. 17.4-12)

*me, ó Pai*³³. O autor de Hebreus fala de uma *“alegria que lhe estava proposta”*³⁴. Em suma, não resta dúvidas que existiu, desde a eternidade, uma Aliança entre o Pai e o Filho; Aquele outorgando seu Filho como Redentor e Cabeça de seu corpo místico e Este oferecendo-se como Fiador de seus membros. O que as Escrituras revelam, portanto, é que, na Economia da Redenção, o Pai estipulou a obediência de seu Filho até a morte, prometendo-lhe em troca um nome que está acima de todo nome; o Filho, por sua vez, ofereceu-se, voluntariamente, para fazer a vontade do Pai, prometendo uma realização fiel e constante do dever requerido dele, reivindicando o reino e a glória a Ele prometidos³⁵.

Finalmente, a pergunta a ser feita é: *qual a relação da Aliança da Redenção com a Aliança da Graça?* Podemos relacioná-las com as seguintes afirmações:

- a. ***A Aliança da Redenção é o eterno modelo da Aliança da Graça, que acontece e se desenrola na história.*** Ambas estão tão ligadas que fazem com que muitos autores combinem os dois numa só. Porém, como vimos, a Aliança da Redenção é eterna, isto é, nasce e acontece antes de todas as coisas; a da Graça, de certo modo, é temporal, no sentido de que se concretiza no tempo. Aquela consiste num trato entre o Pai e o Filho, como o Fiador e o Chefe dos eleitos, enquanto esta fala de uma aliança entre o Deus trino e o pecador eleito no Fiador.

- c. ***A Aliança da Graça está fundamentada exatamente da Aliança da Redenção. É justamente pelo acordo entre o Pai e o Filho que a Aliança da Graça se tornou possível e acessível aos eleitos.*** O que torna possível a

³³ Essa mesma ideia pode ser encontrada em Fp. 2.5-11, onde Cristo, na exigência de suas obrigações ⁴⁷ si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, ⁸ a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fp. 2.7-8) ao mesmo tempo que, no cumprimento das promessas, ⁹ Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, ¹⁰ para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, ¹¹ e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp. 2.9-11).

³⁴ “[...] olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus”. Hb 12.2.

³⁵ Paulo traz a ideia de que a Obra Redentora de Cristo também significou a reconquista do cosmos. Entretanto, uma vez que Cristo derrote todos os seus inimigos e sujeite tudo e todos debaixo de seus pés, Ele mesmo se sujeitará a Deus: “Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos”. (1Co. 15.28).

Aliança da Graça é sua sustentação na Aliança da Redenção; as promessas de Deus não podem falhar, pois seu Filho não pode mudar, pois ele “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13.8).

- d. ***Consequentemente, nota-se que a Aliança da Redenção torna eficaz a Aliança da Graça, pois naquela são providenciados os meios para o estabelecimento e a execução desta.*** Uma vez que é somente pela fé que o pecador pode receber as bênçãos da aliança, a Aliança da Redenção abre o caminho da fé. O Espírito Santo só produz fé no coração do pecador porque Ele foi prometido a Cristo pelo Pai. O salvo só pode ter a garantia final de sua salvação por causa do cumprimento de Cristo à Aliança da Redenção, “*nenhum deles se perdeu*” (Jo. 17.12). Resumindo, podemos concordar com a afirmação de Turretini:

O primeiro é o acordo entre o Pai e o Filho de levarem a bom termo a obra de redenção. O segundo é aquilo que Deus faz com os eleitos em Cristo: salva-os por intermédio e em virtude de Cristo sob as condições de fé e arrependimento. O primeiro foi feito com o fiador e cabeça para a salvação dos membros; o segundo foi feito com os membros na cabeça e fiador. (TURRETINI, 2010, p. 224).

2.5 A Aliança das Obras

Uma lei natural antes de um Pacto

Antes de entrarmos nas explicações sobre a Aliança das Obras, há uma questão interessante e importante a ser abordada, a qual tem sido chamada por alguns teólogos de *pacto natural*, ou seja, o simples fato de o homem existir (ser criatura de Deus) é motivo para que ele preste obediência a Deus. A.W. Pink também entende que havia essa relação entre Deus e o homem, Criador e criatura, a qual ele chama de *lei natural*³⁶.

Entretanto, há quem defenda uma posição um pouco diferente; nesta última posição está Turretini, que afirma:

Por seu próprio direito, Deus deveras poderia ter prescrito obediência ao homem (criado por ele) sem qualquer promessa de recompensa. Mas, a fim de temperar esse supremo domínio com sua bondade ele adicionou um

³⁶ Por lei natural queremos dizer que a sujeição ao seu Criador — enquanto a criatura agia para a honra e glória do Criador — foi constituída a própria lei do seu ser. Por ser criado à imagem e semelhança de Deus, era próprio da natureza de Adão se deleitar no Senhor e reproduzir (de acordo com suas capacidades de criatura) a justiça e a santidade de Deus. (PINK, 2021, p. 13).

pacto, que consiste na promessa de uma recompensa e na estipulação de obediência.

Embora Turretini concorde que há um *pacto natural* e que este fosse suficiente para a obediência do homem, uma Aliança de Obras foi feita numa clara demonstração de condescendência divina, a fim de que o homem pudesse desfrutar de suas promessas. Ele continua:

Assim como ele quis impor ao homem com mais vigor seu direito, também demonstrou nesse fato sua mais elevada benignidade – que ele (destituído de qualquer necessidade pessoal) quis provocar uma comunhão mais íntima consigo (e mais poderosamente atrair por esse laço de amor e obrigação mútua) a criatura (já sujeita a ele por direito de criação e devedora a ele de todas as coisas por obrigação natural), estabelecendo um pacto consigo, de modo que o homem, agora incitado pela promessa divina, certamente pode esperar felicidade, não movido tão-somente por mera filantropia (*philanthrōpia*), mas também por um pacto (em virtude de sua autenticidade e fidelidade). (TURRETINI, 2010, p. 717)

Assim, ainda que esse *pacto natural*, por si só, exigisse a obediência do homem, aprouve Deus relacionar-se por meio de uma “Aliança das Obras”³⁷. R.C Sproul define esta Aliança como “o pacto inicial que Deus fez com a humanidade” (SPROUL, 2009, p. 93). Vos afirma que, na Aliança das Obras, o homem é

Imediatamente direcionado, não para sua própria bem-aventurança, mas para a honra do Criador; e recebe uma tarefa a fim de que, ao completá-la, possa entrar na alegria plena de sua aliança com Deus” (VOS, 2021, p. 29).

2.5.1 Uma Aliança implícita na narrativa de Gênesis

Embora grande parte dos teólogos concordem que a palavra *b'eryth* não aparece na narrativa de Gênesis 1-3, o que temos ali é um “acordo ou convênio que regulamenta relações entre duas partes” e “compromissos com consequências de vida e morte”, como será demonstrado mais adiante.

De forma acertada, Berkhof afirma:

No caso em consideração, são mencionadas duas partes, é estabelecida uma condição, está claramente envolvida uma promessa de recompensa pela obediência, e é feita a ameaça de uma penalidade pela transgressão. (BERKHOF, 2001, p. 302).

Na mesma ideia de Berkhof está Horton, que diz que na Aliança das Obras está

³⁷ É possível encontrar nomes diversos para este pacto: “aliança da natureza, aliança da vida, aliança edênica e aliança das obras” (BERKHOF, 2001, p. 299). Certamente, o nome “aliança das obras” deve ser usado preferencialmente; “pacto das obras” é o nome usado pela CFW: “primeiro pacto feito com o homem era um *pacto de obras*” (CFW, VI, §2º).

[...] um servo humano justo e santo totalmente capaz de cumprir as estipulações da lei de Deus. Promete bênção com base na obediência e maldição no caso de transgressão. (HORTON, 2010, p.65)

Ainda que a Aliança das Obras mencione Deus e o homem como partes contratantes, não podemos imaginar que ambos compareçam como partes iguais nesta Aliança; Deus se revela como Soberano e impõe todas as condições ao homem, sua criatura-servo-vassalo.

2.5.2 O debate em torno da Aliança das Obras

A Aliança das Obras tem sido alvo de diversos debates. *Primeiramente*, o nome “Aliança das Obras [Pacto das Obras]” encontrou muitas resistências. Embora a CFW adote essa nomenclatura, ela não foi aceita de maneira consensual pelos reformadores e primeiros reformados. Outros nomes foram usados, tais como “*aliança da natureza, aliança da vida, aliança edênica*”³⁸, no entanto, o nome mais aceito, de fato, é *Pacto das Obras*.

Ainda sobre o nome, surge uma *segunda controvérsia*. Além de considerarem impróprio o uso do termo, afirmam que ele traz uma ideia contrária às Doutrinas da Graça. Como é possível, argumentam, se falar em obras que o homem deve praticar para receber os benefícios divinos? Nessa crítica ao “Pacto das Obras” surgem os nomes de Karl Barth, Holmes Rolston III e James B. Torrance; estes dois últimos foram grandemente influenciados pelo primeiro. Em comum, os três defendem que “*uma doutrina da Aliança das obras, como aquela apresentada pela CFW, ameaça o evangelho da graça de Deus em Cristo*” (VENEMA, 2019, p. 29). Rolston, considerado por Venema, “um dos defensores mais fervorosos” de que a doutrina da Aliança das Obras leva ao legalismo, menciona que este conceito de obediência pessoal e perfeita de Adão introduz o “mérito humano”, o que seria um absurdo para a Teologia Reformada. Torrance alega que a Aliança das Obras muda a relação incondicional e amorosa de Deus com o homem em um *contrato legal*³⁹, e que as consequências

³⁸ Charles Hodge chama o pacto no Éden de *pacto de vida*, visto que prometia vida como prêmio da obediência. (HODGE, edição do Kindle, posição 18073).

O Breve Catecismo de Westminster (1647), em resposta à pergunta 12, usa a expressão “*pacto de vida*”. A mesma expressão aparece no Catecismo Maior de Westminster, em resposta à pergunta 20.

³⁹ Para Torrance, houve um desvio “racionalista” da tradição escocesa com Knox introduzido pela CFW, especificamente na questão da Aliança das Obras. Tal mudança colocou Deus como um “Chefe Soberano e o homem como um servo-vassalo. A relação da aliança não é mais baseada na

disso podem levar a erros danosos, como aquele que a graça apenas aperfeiçoa a natureza, o que seria uma afirmação semipelagiana.

Ainda sobre o uso do termo “Aliança das Obras”, três nomes podem ser mencionados – S.G. De Graaf (1889-1955), Gerrit Cornelis Berkouwer (1903-1996) e John Murray (1898-1975); os dois primeiros, holandeses, afirmavam que a

Vida original do homem sob a liderança de Deus não pode ser considerada, nem por um único momento, além de amor e comunhão de Deus. (VENEMA, 2019, p. 33).

Para eles, a ideia de Pacto das Obras sugere uma esfera que vai além da graça. Embora considerem uma distinção entre dois pactos – pré e pós-queda – advertem quanto ao termo usado pela CFW, sugerindo o uso de “Pacto de Favor⁴⁰” ao invés de Pacto das Obras.

Murray, por sua vez, se refere a obediência de Adão como um aspecto original da natureza humana; embora a CFW afirme o mesmo – “*as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador*”, ele difere dela ao usar o termo “administração adâmica” ao invés de Pacto das Obras. Para ele:

A administração adâmica é entendida como uma administração em que Deus, por um ato especial da providência, proporcionou ao homem a condição por meio da qual ele passaria do *status* de contingência para de santidade e bem-aventurança inabaláveis, ou seja, de *posse peccare e posse non peccare* para *non posse peccare*. A concepção adotada era de “uma prova intensificada e concentrada” em que as questões alternativas dependiam das questões de obediência ou desobediência (MURRAY *apud* VENEMA, 2019, p. 37)

Conquanto a abordagem de Murray pareça apenas terminológica, é possível afirmar que ela traz implicações ainda mais profundas aos conceitos tradicionais da Teologia Pactual⁴¹.

compreensão graciosa de Deus com a criatura, em que a mesma é como um filho amado ou um amigo amorosamente abraçado. Todo no pacto das obras é pintado como uma relação contratual entre o chefe e o empregado, o mestre e o servo. (VENEMA, 2019, p. 32).

⁴⁰ À semelhança de Torrance, De Graaf acredita que a terminologia “Pacto das Obras” tende a ocultar a lei dentro do favor de Deus ao homem. Ao invés de Deus tratar o homem como seu filho e amigo, o “Pacto das Obras” o coloca apenas como servo. Tal tendência, afirma, “traz novamente o espectro das boas obras meritórias dentro da órbita da doutrina reformada, um espectro que ameaça a Reforma da doutrina católica da justificação pela graça” (VENEMA, 2019, p. 35)

⁴¹ A proposta de Murray quanto à administração adâmica parece não levar em conta a questão da obediência como condição para que Adão recebesse um status diferente daquele que possuía como criatura; além disso, não fica claro como ele lida com a questão das punições divinas quanto ao pacto, estabelecidos de modo claro por aqueles que defendem a teologia pactual tradicional. Ele também rejeita a ideia de que a aliança mosaica incluía uma repetição da Aliança das obras, chamando essa

Ainda que esses debates afirmem que há um equívoco no termo “Pacto das Obras”, usado na CFW, pode-se fazer as seguintes afirmações em defesa do termo: (1) o uso do termo “Pacto das Obras” na CFW é correto e visa fazer a distinção entre duas alianças, uma antes da queda e outra após; (2) essa distinção é fiel à revelação bíblica, pois mostra a posição do homem diante de Deus antes e depois da Queda; (3) os que acusam a CFW de mudar a relação de Deus com o homem (de filho para servo, etc) ou de apresentar dois modos de salvação (obras e graça) não se atentam para a expressão apresentada na própria Confissão – a “*voluntária condescendência da parte de Deus*”. Em outras palavras, Deus revelou-se favoravelmente gracioso ao homem em relacionar-se com ele por meio de um pacto, fazendo-lhe promessas, diferentemente de mantê-lo apenas em seu *estado natural de obediência*; e (4) o termo “obras” não aponta para algo que Adão merecia da parte de Deus, mas sim do recebimento das promessas da Aliança, vida ou morte, no caso de obediência e desobediência de Adão, respectivamente.

Sendo assim, podemos concordar com a afirmação de A.W. Pink:

O pacto que o Senhor Deus celebrou com Adão é apropriadamente chamado de “O Pacto das Obras”, não apenas para distingui-lo do Pacto da Graça, mas também porque sob ele a vida foi prometida com base na condição de uma obediência perfeita, obediência esta que deveria ser prestada pelo homem. (PINK, 2021, p. 25).

E, finalmente, uma palavra sobre o *desenvolvimento da doutrina*; Berkhof cita que a doutrina da Aliança da Obras é relativamente curta. Historicamente, afirma-se que Agostinho já havia falado sobre o tema; nomes como o do reformador suíço Heinrich Bullinger⁴² (1504-1575) e Gaspar Oleviano (1536-1587) foram importantes na formulação da doutrina conhecida como federal, do latim *foedus*, aliança, pacto, tratado, convenção, união. Oleviano, inclusive, é considerado como “*o verdadeiro fundador de uma Teologia Federal, na qual o conceito de aliança foi, pela primeira*

visão de “mal-entendido profundo e construção equivocada da aliança mosaica”. Sobretudo, o conceito de Murray prejudica a definição reformada de Cristo como o Segundo (Último) Adão, pois, segundo ele, “não seria correto afirmar que a obediência de Cristo era a mesma em conteúdo ou demanda. Cristo foi chamado para obedecer em condições radicalmente diferentes e exigido cumprir demandas radicalmente diferentes” (VENEMA, 2019, p. 39).

⁴² Heinrich Bullinger (1504–1575) é considerado o Reformador mais influente da segunda geração. Como o herdeiro de Zwinglio em Zurique, ele consolidou e continuou a Reforma suíça que seu predecessor começara. É co-autor da Primeira Confissão Helvética e autor da Segunda Confissão Helvética, sendo esta uma das mais importantes confissões de fé reformadas.

vez, o princípio determinante do sistema todo”⁴³. (BERKHOF, Edição do Kindle, p. 300). Com o passar do tempo, outros nomes abraçaram a doutrina da Aliança das Obras, chegando a considerar heresia a negação dela; a ênfase no ensino da Aliança das Obras teve certo declínio, tomando novo fôlego com nomes, tais como Alexander Comrie (1706-1774) e Nicolaus Holtius (1693-1773), chegando finalmente ao reconhecimento oficial através da Confissão de Fé de Westminster⁴⁴ e *Formula Consensus Helvetica* [Sistema de Consenso Suíço⁴⁵ (1675)].

2.5.3 Os elementos pactuais presentes na Aliança das Obras

Como afirmado anteriormente, ainda que não exista qualquer menção da palavra **pacto ou aliança** (*b'êriyth*) no relato de Gênesis 1-3 (uma vez que a palavra só aparece em 9.8⁴⁶), podemos, com toda certeza, afirmar que existe ali uma aliança estabelecida, a qual tem sido denominado pela maioria dos teólogos, preferencialmente, como Pacto das Obras. Além disso, Oseias 6.7 refere-se a esta Aliança feita com Adão, no Éden:

Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim. (Os 6.7).

Deste modo, podemos encontrar os seguintes elementos pactuais em Gênesis 1-3:

⁴³ Bavink afirma que a “doutrina da aliança não se origina nem mesmo com Oleviano, Calvino ou Bullinger, mas é encontrada, em princípio, já em Zwínglio, que, em sua polêmica contra os anabatistas, sustentou a unidade essencial entre o Antigo e o Novo Testamentos” (BAVINK, 2012, p. 216). Entretanto, concorda no fato de que a teologia da aliança continuou em ascensão através de Bullinger, Calvino e o próprio Oleviano.

⁴⁴ II. O primeiro pacto feito com o homem era um pacto de obras; nesse pacto foi a vida prometida a Adão e nele à sua posteridade, sob a condição de perfeita obediência pessoal. (CFW, VII, §2º)

⁴⁵ Canon VII: Como todas as suas obras eram conhecidas por Deus desde a eternidade (Atos 15:18), assim no tempo, de acordo com sua infinita poder, sabedoria e bondade, ele fez o homem, a glória e o fim de suas obras, à sua imagem e, portanto, retos, sábios e justos. Tendo criado o homem desta maneira, ele o colocou sob o *Pacto de Obras*, e neste A aliança lhe prometia livremente comunhão com Deus, favor e vida, se de fato ele agisse em obediência à sua vontade.

Canon VIII: Além disso, essa promessa ligada ao *Pacto de Obras* não era uma continuação apenas da vida terrena e felicidade, mas a posse especialmente da vida eterna e celestial, uma vida a saber, tanto do corpo quanto da alma em céu, se de fato o homem seguisse o curso da perfeita obediência, com indescritível alegria em comunhão com Deus. Por não somente a Árvore da Vida prefigura isso mesmo para Adão, mas o poder da lei, que, sendo cumprida por Cristo, que passou por ela em nosso lugar, não nos concede nada além da vida celestial em Cristo que manteve a mesma justiça da lei. O poder da lei também ameaça o homem com a morte temporal e eterna.

⁴⁶ Eis que estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência (Gn. 9.8).

a. Há menção das partes: o Deus Soberano-Criador e o homem criatura-servo:

De um lado, encontramos o Deus Soberano-Criador de todas as coisas, inclusive do homem:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (Gn 1.26).

Conforme dito anteriormente, ainda que existisse um *pacto natural* entre Deus e o homem, Criador e criatura, ela não era suficiente para o homem desfrutasse das bem-aventuranças e promessas do Criador; o motivo era a distância entre o Criador e sua criatura. Isso levou Deus a dar “um passo mais adiante” em seu relacionamento com o homem, o qual a Confissão de Fé de Westminster dá o nome de “*voluntária condescendência*”. Daí a bondade divina em firmar uma Aliança de Obras.

Do outro lado, encontramos o homem criatura-servo; em tal condição, o homem deveria cumprir dois aspectos da Aliança. Em *primeiro lugar*, sendo a imagem e semelhança de Deus, portanto, naturalmente santo e moralmente justo (cf. Ec. 7.29⁴⁷), inteiramente livre do pecado e da miséria, ele deveria *prestar toda obediência a Deus, ser completamente dependente dEle*⁴⁸. No *segundo aspecto*, Adão, seria o representante legal (cabeça ou representante federal), da raça humana (At. 17.26⁴⁹); portanto, a Aliança das Obras, ainda que feita diretamente com Adão, daria a ele, e a sua descendência, as promessas ou punições nela contidas. Desta feita, quando Adão estava no Éden e pecou, foi considerado que todos a quem ele representava pecaram também; quando ele caiu, todos caíram; quando ele morreu, todos morreram (Rm. 3.23; 1Co. 15.21-22⁵⁰).

⁴⁷ Eis o que tão somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias. (Ec. 7.29).

⁴⁸ A Confissão de Fé de Westminster afirma: “Deus criou o homem, macho e fêmea, com almas racionais e imortais, e dotou-as de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem, tendo a lei de Deus escrita em seus corações, e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, que era mutável” (CFW, IV.2).

⁴⁹ [...] de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; (At. 17.26)

⁵⁰ Uma pergunta interessante que surge nesse contexto de santidade, retidão e moralidade de Adão é “como ele poderia cair estando neste estado?” Embora não seja o objetivo exaurir completamente a questão, pode-se afirmar que Adão caiu por que (1) ele era mutável; é o termo que encontramos na CFW. (2) ele foi criado como ser moram e possuidor de livre-arbítrio, podendo escolher, de fato, entre a obediência e a desobediência e (3) ele estava em um teste, no qual precisava ser confirmado a sua

b. A promessa da Aliança das Obras é o oferecimento de vida eterna⁵¹:

Outro aspecto que caracteriza a Aliança feita com Adão é a promessa de vida eterna:

[...] porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (Gn. 2.17)

Ainda que a promessa não seja direta, está implícita na ameaça divina; a desobediência produz morte, a obediência, vida. A promessa de vida é a afirmação encontrada na CFW: *“nesse pacto foi a vida prometida a Adão e nele à sua posteridade”*. Desse modo, concordamos com a maioria dos estudiosos que afirmam que Adão, ainda que criado em retidão, santidade e justiça, não possuía aquele gozo completo, próprio da salvação. Neste ponto, afirma Berkhof:

É evidente que a promessa implícita era da vida elevada ao seu supremo desenvolvimento de perene bem-aventurança e glória. Na verdade, Adão foi criado num estado de santidade positiva, e também era imortal, no sentido de que não estava sujeito à lei da morte. Mas ele estava apenas no início da sua carreira e ainda não possuía os mais altos privilégios que estavam reservados para o homem. (BERKHOF, 2001, p. 306).

Assim, ainda que Moisés apresente apenas uma parte dessa sanção federal (mencionando o castigo, Gn. 2.17), prova que a primeira, concernente à promessa, não deve estar excluída.

c. A condição da promessa é a perfeita obediência:

De Adão, nada mais se esperava senão a perfeita obediência. A ordem de Deus foi clara: *“[...] de toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás* (Gn. 2.16-17). Hodge declara:

Portanto, deve-se deduzir que, se Adão houvesse mantido sua obediência durante o período designado para sua prova, nem ele nem sua

dependência ou não do Criador. Em resumo, “O veneno inerentemente comum em todo erro e mal é a rejeição do domínio de Deus, da dependência do homem de seu Criador, ou a afirmação de sua própria independência humana. (PINK, A.W. Os Pactos de Deus: O Pacto de Deus com Adão. Edição do Kindle, p. 17).

⁵¹ Os luteranos e pelagianos divergem quando ao estado original do homem e a promessa de vida eterna; para o primeiro grupo, Adão já havia recebido essa promessa a partir do momento em que Deus o havia criado e nada precisava ser acrescentado ao seu estado. Segue-se que, para o luterano, a obra de Cristo apenas restaura a condição original do homem. Os pelagianos, por sua vez, afirmam que o homem possuía o livre-arbítrio e devia “sair da sua neutralidade moral e alcançar para a santidade por meio de uma espécie de poder criativo ético” (VOS, 2021, p. 25). Desta forma, o sacrifício de Cristo serve apenas como meio de retirar os obstáculos para que o homem, por seu livre-arbítrio, chegue-se a Deus para salvação. A Teologia Reformada discorda desses pontos; o homem, ainda que criado em perfeita retidão, não havia chegado ao seu estado mais elevado. Estava inclinado apenas a fazer o bem, mas caiu. Além disso, a Teologia Reformada afirma que a obra de Cristo conduz o homem a um estado mais elevado do que o de Adão.

posteridade jamais teriam sido expostos ao risco de pecar. (HODGE, Edição do Kindle, posição 18738).

Na mesma direção, Turretini comenta:

Embora o homem fosse já obrigado a essa obediência naturalmente, como uma criatura racional, necessariamente sujeito ao domínio de Deus e de sua lei, ele era vinculado mais fortemente por uma obrigação federal. (TURRETINI, 2010, 720–721).

Percebe-se, portanto, que a obediência perfeita era condição indispensável para que Adão recebesse as promessas da Aliança.

d. A morte é o castigo pela quebra da Aliança:

Conquanto se esperasse a obediência de Adão, uma vez ele fora capacitado para isso, o que aconteceu foi a quebra da Aliança:

[...] porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (2.17b, grifo meu)

[...] tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. (Gn. 3.6)

Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses (3.17)

Pelo relato das Escrituras e condição dos homens, não restam dúvidas de que Adão quebrou a Aliança:

Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim. (Os 6.7)

Se, como Adão, encobri as minhas transgressões, ocultando o meu delito no meu seio; (Jó 31.33, cf. Gn. 3.10-12⁵²).

Acertadamente, Hodge afirma que esta *morte* implica na distorção da imagem de Deus no homem, em todo mal penal, como consequência da transgressão; morte, não apenas física, mas espiritual e eterna: “o salário do pecado é a morte” (Rm. 6.23);. Desta morte espiritual e punições eternas estão livres apenas aqueles pelos quais Cristo morreu.

⁵² ¹⁰ Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi.
¹¹ Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? ¹² Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. (Gn 3.10-12)

e. O Sacramento (sinal) da Aliança das Obras

Uma vez que se trata de uma açoitância, faz-se necessário a apresentação de um sacramento (sinal) de selo deste acordo⁵³. Alguns afirmam que na Aliança das Obras há quatro sinais: a árvore da vida, a árvore do conhecimento do bem e do mal, o paraíso e o santo repouso semanal (o *sabbath*); há quem fale apenas de três: as duas árvores e o paraíso; ainda outros, de dois: a árvore da vida e o paraíso; e ainda de um: a árvore da vida. Esta última é a opinião majoritária.

Como dito, a árvore da vida deve ser vista de modo sacramental. “Ela era um sacramento e um símbolo da imortalidade que seria outorgada a Adão, se porventura perseverasse em seu primeiro estado” (TURRETINI, 2010, p. 724). Afirma-se que a árvore da vida simbolizava pelo menos três coisas: (1) Com respeito à vida prévia, ela era um símbolo que imprimia na mente de Adão que tal árvore foi recebida de Deus. Sempre que degustasse seu fruto, ele seria obrigado a recordar que sua vida não vinha de si mesmo e nem era propriamente sua, mas vinha *de* Deus e devia ser vivida *para* Deus. (2) Com respeito à vida futura, ela declarava e selava a vida feliz no paraíso, mas revelava a vida celestial, caso continuasse em retidão. (3) Certamente, ela apontava para o próprio Cristo, como fonte da graça e da vida na glória, uma vez que Ele é chamado de “*a árvore da vida no meio do paraíso de Deus*” (Ap 2.7); “*a árvore da vida que produz seu fruto de mês em mês, cujas folhas são para a cura das nações*” (Ap 22.2).

Logo, a vida que essa árvore significava e selava não era propriamente nem longevidade nem imortalidade apenas do corpo; antes, era a felicidade eterna a ser obtida por fim no céu.

2.5.4 Os Mandatos da Criação

Dentro dessa *lei natural* (e porque não na Aliança das Obras) tem-se afirmado que esta obediência não estava apenas restrita à “*arvore do conhecimento do bem e do mal*” (G. 2.17), mas incluía outras obrigações, as quais tem sido chamadas pelos estudiosos de *Mandatos Cultural, Social e Espiritual*⁵⁴.

⁵³ Veremos mais detalhes sobre esses sacramentos (sinais) e exemplos deles mais adiante.

⁵⁴ A. W. Pink, embora não use a terminologia Mandatos da Criação, fala de *três grandes ramos do dever que pertencem ao homem* em todas as condições possíveis de sua existência mortal e que,

- O *Mandato Cultural* rege os deveres do homem para com o mundo a sua volta, o cosmos, a cultura, a criação.
- O *Mandato Social* rege os deveres do homem para com sua família (esposa e filhos);
- O *Mandato Espiritual* rege os deveres do homem para com Deus;

Sobre esses mandatos, Gerard van Groningen afirma:

Deus criou o homem sua imagem e semelhança para o propósito de governar; Deus abençoou o macho e a fêmea a fim de que lhes fosse assegurado que eles poderiam realizar os propósitos para os quais foram trazidos ao reino cósmico como seres reais. (GRONINGEN, 2002, p. 77).

Vamos verificar cada um deste Mandatos de forma mais detalhada.

2.5.4.1 O Mandato Cultural

O primeiro Mandato dado ao homem foi o *Cultural*⁵⁵, e por ele o homem era responsável pelo mundo a sua volta. Esse Mandato estava implícito no propósito para o qual O homem fora criado. Vamos conferir Gn. 1.26:

Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; *tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.* (Gn. 1.26, grifo meu)

O domínio sobre as criaturas era um dever do ser humano criado à imagem de Deus. Assim como o Senhor Deus dominava o universo, o homem refletiria esse senhorio do Criador exercendo domínio sobre todas as criaturas da terra: *peixes, aves, répteis.*

Como um tipo de mediador entre o Criador e o cosmos, o homem foi colocado

unidos, compreendem toda obrigação do homem nesta vida, ou seja, *o seu dever em relação a Deus, em relação ao seu próximo e em relação a si mesmo.* Assim, a santificação do *sabbath*, a instituição do casamento e o mandamento de lavrar e guardar o jardim foram revelados como ordenanças exteriores, as quais abrangem aquelas três classes de deveres, cada uma das quais possui importância crucial em sua própria esfera – a espiritual, a moral e a natural. (PINK, A.W. Os Pactos de Deus: O Pacto de Deus com Adão. Edição do Kindle, p. 14.

⁵⁵ Robertson usa o termo *trabalho* ao invés de *cultural*. Segundo este autor, “o homem, feito à imagem do próprio Deus, tem a responsabilidade única de ‘subjugar’ a terra e dominar toda criatura viva (G. 1.27-28). Esta sujeição envolve o acionar toda a potencialidade dentro da criação que possa oferecer glória a Deus. Tal ordenança, embutida nas responsabilidades da criação do homem, tenciona claramente afetar todo o seu padrão de vida” (ROBERTSON, 2002, pág. 77).

entre o mundo animal e o mundo espiritual; entre o pó da terra e o fôlego de vida, com o propósito exclusivo de glorificar inteligentemente o Senhor Deus. Era um domínio respeitoso, sem violência ou medo, mas como concedido por Deus. Esse domínio fica evidente quando Deus ordena ao homem a tarefa da nomeação dos seres vivos:

Deu nome ao homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. (Gn. 2.20).

O homem era o responsável pela natureza, a função das criaturas selvagens, domésticas, aves e dava nome a cada uma, delas. Somente o homem podia falar, somente o homem profetizava em nome do Criador, e nome falado pelo homem, este ficava sendo nome dos animais.

Outro aspecto desse domínio, base do Mandato Cultural, é que era um domínio responsável. O homem havia de trabalhar no jardim, para o cultivar e guardar:

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar⁵⁶ e o guardar⁵⁷. (Gn 2.15).

Cultivar tem o sentido de “trabalhar, desempenhar, servir, adorar, levar a cabo, honrar”. **Guardar** tem o sentido de manter, preservar; vigiar, guardar; obedecer;

⁵⁶ עבד ('bd), q. trabalhar, desempenhar, servir, adorar, levar a cabo, honrar; ni. ser arado, trabalhado; pu. ser trabalhado; hi. escravizar, fazer trabalhar, fazer servir; ho. ser levado/influenciado a servir, ser levado a adorar (# 6268); מעבד (ma'abad), subs. feito(s), ato(s) (# 5042); עבד ('ebed I), subs. escravo, servo, subordinado (# 6269); עבד ('abad), trabalho, labor (# 6271); עבדה ('abōdâ), subs. serviço, trabalho, labor; adoração (# 6275); עבדה ('abuddâ), subs. servos, força de trabalho (# 6276); עבדות ('abedût), subs. servidão, escravidão (# 6285).

Carpenter, E. (2011). עבד. In W. A. VanGemeren (Org.), Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento (1a edição, Vol. 3, p. 1129). Editora Cultura Cristã.

⁵⁷ שָׁמַר. (šāmar). v. manter, preservar; vigiar, guardar; obedecer. Principalmente significa “vigiar”, mas pode denotar obedecer no sentido de guardar ou observar um comando. Este verbo é a segunda maneira mais comum de denotar obedecer. Enquanto שמע (šāma', “ouvir”) deriva seu significado de ouvir, šāmar é conceitualmente baseado em ver. Seu significado fundamental é “vigiar”, conforme refletido nos usos relacionados a um vigia da cidade (literalmente, “observador”, usando a forma de participio de šamar; Is 21:11-12), observando alguém (1 Sm 19:11), ou observar a natureza (Ec 11:4). Quando o assunto de šāmar é superior, a palavra geralmente significa “cuidar”, como Adão cuidando (šāmar) do jardim (Gn 2:15) ou Jacó cuidando (šāmar) dos rebanhos de Labão (Gn 30:31). Quando šāmar é usado para um inferior, entra no âmbito semântico da obediência: Israel deve guardar (šāmar) as festas (Êx 23:15) e o sábado (Dt 5:12), obedecer (šāmar) aos comandos (Jr 35:18). ; Ez 20:19), observe (šāmar) amor e justiça (Os 12:6), e siga (šāmar) o caminho da justiça (Pv 2:20). Em Deuteronômio “guardar (šāmar) e fazer (שמע, 'āšâ)” os mandamentos de Deus são um refrão comum (por exemplo, Dt 4:6; 7:12), e ao longo do AT várias palavras para “mandamento” ou “lei” são os objetos mais comuns de šāmar. Nesse sentido, šāmar é “observar atentamente e agir de acordo” ou “obedecer”.

Gabrielson, T.A. (2014). Obediência. Em D. Mangum, D. R. Brown, R. Klippenstein, & R. Hurst (Orgs.), Lexham Theological Wordbook. Lexham Press.

especialmente “vigiar”.

Waltke e Fredericks fazem uma afirmação preciosa:

Como sacerdotes e guardiães do jardim, Adão e Eva deveriam ter expulsado a serpente; em vez disso, ela os expulsa (Waltke & Fredericks, 2010, p. 103).

Esses relatos nos revelam, por exemplo, (1) que o trabalho foi criado antes da queda; (2) o trabalho existe para ser realizado de modo satisfatório e contente, para que Deus seja glorificado! Isso quer dizer que o verdadeiro discípulo de Cristo não busca somente satisfação financeira e prazer no que faz, mas cumprir este Mandato visando a glória de Deus.

O cumprimento do Mandato Cultural pelo homem reflete a *providência* de Deus. Cuidando e preservando as plantas que foram criadas por Deus, o homem responde como administrador, um tipo de vice-gerente do Jardim de Deus. O Jardim abençoava o homem com seus frutos e o homem abençoava o Jardim com seu cuidado e cultivo.

O Mandato Cultural, portanto, rege as relações do homem com o seu meio: a natureza, seu trabalho, sua arte, seu desenvolvimento etc.⁵⁸.

O crente em Jesus, como membro da Nova Aliança, obedece ao Mandato Cultural, à medida que é responsável por *trazer os princípios do reino de Deus à sua cultura*: na educação, no comércio, nas artes, na elaboração e aplicação das leis, um compromisso com a glória de Deus.

⁵⁸ É possível verificar a continuação e os desdobramentos do Mandato Cultural em diversas ocasiões na Escritura, por exemplo: (a) Noé respondeu ao mandato cultural, voltando a cultivar a terra que havia sido devastada pelo dilúvio (Gn. 9.20). (b) Abraão era homem muito rico (Gn. 13.2) e possuía gado, prata e ouro; mas mesmo com tantas posses Abraão buscava uma convivência pacífica entre seus pastores e os pastores de seu sobrinho Ló (v. 8). (c) A sabedoria de José, filho de Jacó, em preparar toda a terra do Egito para enfrentar os sete anos de fome, preservou a família da Aliança da destruição (Gn. 47). (d) A ordenança da criação relativa ao trabalho encontra apoio específico na legislação da nova aliança. O apóstolo Paulo torna muito claro que a boa reputação dentro da comunidade cristã depende, em parte, do devido respeito pelo trabalho, conforme conferimos em 2Te. 3.10-12.

O mandato cultural amplia-se muito quando Deus estabelece um Pacto com Israel, na medida em que o mandato incorpora muitos outros aspectos da vida na terra, tais como: (a) cancelamento de débitos (Dt. 15.1-11); (b) Libertação de escravos (Dt. 15.12-18); (c) Funcionamento do sistema judiciário e o trabalho dos juízes (Dt. 16.18-20; 17.8-13; 19.1-21; 21.1-9); (d) A guerra (Dt 20.1-20); (e) A higiene no acampamento (Dt. 23.9-14); (f) A entrada em propriedade alheia (Dt. 23.24-25); (g) A relação com os amalequitas (Dt. 25.17-19); (h) A prática de barganhas (Dt. 25.13-16).

Todas essas dimensões nada mais eram do que respostas do povo de Israel em relação ao Pacto de Deus com eles. O pequeno jardim do Éden, havia se tomado uma grande extensão de terra, mas era um lugar para ser cultivado com paz e justiça, e guardado de toda violência e perversidade.

2.5.4.2 O Mandato Social

A responsabilidade do homem para com sua esposa e filhos era regida pelo Mandato Social⁵⁹. Por esse Mandato, o homem deveria refletir a unidade do Deus Trino (como imagem de Deus) em sua relação conjugal: “deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher” (Gn. 2.24).

Robertson afirma:

O casamento inclui *procriação* (“Sede fecundos, multiplicai-vos”, Gn. 1.28); *monogamia* (“far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”, Gn. 2.18) *união heterossexual* (“deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher”, Gn. 2.24). Portanto, o casamento deve ser considerado como uma dimensão altamente significativa na ordenança de Deus na criação. (ROBERTSON, 2002, pág. 72-76)⁶⁰

Essa união (casamento) refere-se a uma unidade física, espiritual, racional (mente, emoções, vontade) e de propósito entre duas pessoas. Essa unidade foi experimentada durante certo tempo, tendo em vista que a nudez de ambos não trazia nenhum embaraço ao casal: “... estavam nus, e não se envergonhavam” (Gn. 2.25). O homem e a mulher eram membros da família real de Deus. Pelo casamento eles também poderiam refletir a atividade criadora de Deus. O Criador os capacitara para reproduzir a vida humana criada por Deus:

Sede fecundos, multiplicai-vos [...] viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e lhe chamou Sete” (Gn. 1.28; 5.3).

⁵⁹ Robertson usa o termo *casamento* ao invés de *social*. Segundo este autor, “a origem do relacionamento conjugal na criação tem implicações de longo alcance. Traçando a origem desta ordenança ao ato criador soberano do próprio Deus, as Escrituras removem toda dúvida com respeito à santidade do casamento. O Senhor Criador ordenou o casamento deste o tempo da criação do homem.

Portanto, várias conclusões significativas podem ser alcançadas dessa verdade – *fusão interpessoal* (“uma só carne”, Gn. 2.22-24, Mt. 19.6, Mc. 10.7-9, 1Co. 7.3-5); *instituição do casamento* (“não é bom que o homem esteja só”, Gn. 2.18, 1Co. 11.9).

O casamento inclui procriação (“Sede fecundos, multiplicai-vos”, Gn. 1.28); monogamia (“far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”, Gn. 2.18) união heterossexual (“deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher”, Gn. 2.24). Portanto, o casamento deve ser considerado como uma dimensão altamente significativa na ordenança de Deus na criação.

Tal ordenança continua a ter significação obrigatória para o homem na redenção”. (ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos Pactos: uma análise exegética e teológica dos sucessivos pactos bíblicos e do seu papel no desenvolvimento da revelação de Deus*. Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2002, pág. 72-76.

⁶⁰ Quando Deus pactuou com Israel, as responsabilidades com sua família imediata, estabelecidas desde a Criação, passaram a abranger toda a sociedade. Havia diversos deveres: (a) O casamento com mulher prisioneira (Dt. 21.10-14), (b) Correção do filho rebelde (Dt. 21.18-21); (c) As questões do casamento (Dt. 22.13-30), (d) O tratamento para com os escravos (Dt. 23.15-16), (e) O empréstimo a irmão (Dt. 23.19-20), (f) O divórcio (Dt. 24.1-4); e o (g) Tratamento com os pobres (Dt. 24.14-15).

É possível observar que Adão obedeceu ao Mandato Social à medida em que se manteve fiel à sua esposa e com ela teve filhos e filhas. Do mesmo modo, Noé obedeceu responsabilmente ao Mandato Social, uma vez que Deus o considerou íntegro entre os seus contemporâneos. Ao contrário deles, que se entregavam a toda sorte de impiedade, Noé foi esposo fiel e pai modelo. Seus três filhos obedeceram sem questionar quando o patriarca lhes falou da construção da arca (Gn. 6-9).

Temos um exemplo semelhante no amor de Jó por seus filhos, que era evidenciado pelo sacrifício que oferecia para que cada filho fosse santificado diante de Deus⁶¹.

A família da Nova Aliança tem papéis bem definidos de acordo com Efésios capítulos 5 e 6: (a) Maridos amam, cuidam, santificam suas esposas e são fiéis a elas; (b) esposas são submissas a seus próprios maridos, respeitam-nos e são fiéis a eles; (c) pais criam seus filhos no temor do Senhor e (d) filhos são obedientes aos pais.

Na verdade, o Mandato Social na Nova Aliança é um grande desafio diante de uma sociedade que pouca ou nenhuma importância dá para a fidelidade no casamento, para as relações familiares ou mesmo para as relações em geral.

2.5.4.3 O Mandato Espiritual⁶²

O Mandato Espiritual trata essencialmente da comunhão do homem com Deus. Deus e Adão andavam “no jardim pela viração do dia” (Gn. 3.8); revela a incumbência

⁶¹ Decorrido o turno de dias de seus banquetes, chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração. Assim o fazia Jó continuamente. (Jó 1.5).

⁶² Robertson usa o termo *Sábado* ao invés de *espiritual*. O autor afirma que a “significação do princípio do Sábado para a ordenança da criação aparece não somente no modelo de seis dias de atividades criadora seguidos de um dia de descanso. Aparece também explicitamente na afirmação de que Deus *abençoou o dia sétimo e o santificou* (Gn. 2.3). o caráter criacional da benção sabática de Deus deve ser lembrado. A partir do início, Deus conferiu uma benção distintiva ao Sábado”. (ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos Pactos: uma análise exegética e teológica dos sucessivos pactos bíblicos e do seu papel no desenvolvimento da revelação de Deus*. Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2002, pág. 66. Quando, nos profetas, Deus quer dar a entender que a religião está arruinada, queixa-se que seus sábados foram *profanados* (cf. Is. 56.2, Jr. 17.21-23,27, cf. Ez. 20.12,13; 22.8, 23.38). Sobre o Sábado, afirma Calvino: “*Primeira*, pois o celeste Legislador quis que sob o descanso do sétimo dia prefigurasse ao povo de Israel um repouso espiritual, pelo qual devem os fiéis descansar de *suas* próprias atividades para que deixem Deus operar neles. *Segunda*, quis *ele* que um dia fosse estabelecido no qual se reunissem para ouvir a lei e realizar os atos de culto, ou, pelos menos, o qual consagrassem particularmente à meditação de suas obras, de sorte que, por esta rememoração, fossem exercitados à piedade. *Terceira*, ordenou um dia de repouso no qual se concedesse aos servos e aos que vivem sob o domínio de outros para que tivessem alguma relaxação do *seu* labor” (CALVINO, João. *As Institutas: Edição Clássica, Livro II, item 28*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, pág. 154).

de corresponder a Deus em um relacionamento de amor e adoração. Por isso, tal estipulação também pode ser denominada de Mandato da Comunhão.

Adorar significa “conhecer e reconhecer a Deus como o único Deus verdadeiro, e nosso Deus” (BCW, Pergunta 46); é descansar, alegrar e encontrar-se nele o mais completo prazer e contentamento. A Escritura é repleta dessas verdades:

Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores (Jo 4.23).

Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus? (Sl 42.1-2).

A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo! (Sl 84.2).

Essa intimidade com Deus estava prefigurada na (1) instituição do sábado: “E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn. 2.3); no fato de Deus conversar diretamente com Adão: “[...] ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia” (Gn. 3.8) e na possibilidade do acesso à árvore da vida. Se o homem mantivesse a prioridade desta comunhão, tudo iria bem com ele mesmo e com todas as outras esferas do Universo. Porém

¹⁷ Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. ¹⁸ Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. ¹⁹ No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. (Gn. 3.17-19).

Como afirma van Groningen:

Deus veio caminhar no jardim com o homem e a mulher. Deus se fez imediata, direta, pessoal e intimamente disponível. Deus estabeleceu o sétimo dia como um dia de descanso, no qual ele e a humanidade não iriam dirigir a atenção para os desafios do cosmos, e sim, cada um para o outro. Deveria ser um tempo determinado a cada período de sete dias para o exercício do vínculo de vida/amor que os unia. Deus ordenou que esse tempo fosse separado semanalmente para o exercício dos relacionamentos amorosos e comunhão íntima, pelos quais o vínculo de vida e amor poderia ser sustentado e enriquecido. (GRONINGEN, 2002, p. 91-92).⁶³

⁶³ Podemos encontrar o cumprimento do Mandato Espiritual em outras partes da Escritura; por exemplo, Noé andou com Deus (Gn. 6.9) e fez tudo quanto o Senhor lhe ordenou que fizesse (Gn. 6.22). Abraão deixou sua casa e partiu para a terra da promessa (Gn. 12.4) e sua comunhão com Deus lhe concedeu o título de amigo de Deus (Is. 41.8); Moisés recusou o título de filho da filha de Faraó, e considerou o sofrimento de Cristo mais vantajoso do que os tesouros do Egito (Hb. 11.23-27).

Dessa forma, a comunhão deveria ser exercida no andar com Deus diariamente, conversar intimamente com ele e expressar amor, honra, devoção e louvor enquanto os desafios e privilégios eram enfrentados diariamente. Entretanto, a cada sétimo dia, esta comunhão deveria ser expressa da maneira mais intensa, completa e rica possível.

Resumindo, o homem foi configurado para adorar a Deus. Mais do que um evento isolado, a adoração deveria abarcar todas as iniciativas humanas, como finalidade principal da existência. Uma vez que fomos feitos para cultuar ao criador, quando desviados deste objetivo, nós nos inquietamos e definhamos, como afirmou Agostinho:

Para nós é uma graça inestimável existir por ele, mas será maior nele descansar. Ele não é feliz por ter feito estas coisas, mas porque, não necessitando do que foi feito, descansou em si mesmo antes que nas obras, por isso, não santificou o dia da obra, mas o do descanso, porque mostrou ser feliz, não porque as fez, mas porque não necessitava das que fez. (AGOSTINHO, Edição do Kindle, pp. 106-107)

Uma vez que a adoração a Deus é prioritária, o homem deve dedicar, entender e praticá-la, a fim de contemplar a Deus por fé, ouvir seu ensino e expressar a ele seu adequadamente.

2.5.5 Criados para adorar

Finalmente, pode-se afirmar que os Mandatos apontam para um objetivo em comum, o homem foi criado para adorar a Deus. De modos mais específico, como transcorre a narrativa da Criação, fica claro que o ideal divino é que o homem deve adorar a Deus enquanto obedece; Logo, o cumprimento de cada Mandato é não apenas para o bem do homem, mas acima de tudo, para glória de Deus.

2.5.6 Atualidade da Aliança das Obras

Devemos nos perguntar se a *Aliança das Obras ainda está em vigor?* Certamente que sim; Deus ainda exige do homem perfeita obediência e quem “fazer

isto viverás⁶⁴". Isso não significa que o homem continua em prova como no Éden; todos caíram em Adão, nascem pecadores e merecedores do justo juízo de Deus⁶⁵.

O que precisa ser entendido é que os padrões de justiça ainda continuam em vigor e cada um se apresentará diante de Deus com suas obras. Portanto, a obediência continua sendo o único caminho para a vida eterna. Entretanto, como veremos mais adiante, a diferença da Aliança das Obras e da Graça é que Deus, agora, se aproxima de nós não em Adão, mas em Cristo, que cumpriu toda a obediência exigida de Adão. Cristo é o Segundo e Último Adão, que restaura aquilo que o primeiro corrompeu. Ele é o Cabeça da nova humanidade. Deste modo, aqueles que permanecem em Adão, receberão as devidas consequências penais e naturais da transgressão; os que estão em Cristo, receberão dele as promessas adquiridas por sua Obra Redentora.

2.6 A Aliança da Graça

A Confissão de Fé de Westminster descreve a Aliança da Graça da seguinte maneira:

O homem, tendo-se tornado pela sua queda incapaz de vida por esse pacto, o Senhor dignou-se fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça; nesse pacto ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles a fé nele para que sejam salvos; e prometendo dar a todos os que estão ordenados para a vida o seu Santo Espírito, para dispô-los e habilitá-los a crer. (CFW, VI, §3º, grifo meu)

Berkof descreve a Aliança da Graça como sendo "a revelação ímpar da graça⁶⁶ de Deus, e porque o homem recebe todas as bênçãos prometidas na aliança como

⁶⁴ Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo-os, o homem viverá por eles. Eu sou o SENHOR. (Lv 18.5)

Testemunhaste contra eles, para que voltassem à tua lei; porém eles se houveram soberbamente e não deram ouvidos aos teus mandamentos, mas pecaram contra os teus juízos, pelo cumprimento dos quais o homem viverá; obstinadamente deram de ombros, endureceram a cerviz e não quiseram ouvir. (Ne. 9.29)

Mas a casa de Israel se rebelou contra mim no deserto, não andando nos meus estatutos e rejeitando os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandemente os meus sábados. Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir. (Ez 20.13).

⁶⁵ "Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe". (Sl 51.5); "[...] como está escrito: Não há justo, nem um sequer". (Rm 3.10); "Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus" (Rm. 2.5).

⁶⁶ Charles Hodge afirma que o "termo graça é usado na Escritura e nos escritos religiosos ordinários em três sentidos. (1.) Para denotar amor imerecido, ou seja, amor exercido em favor dos que não o merecem. (2.) Para denotar qualquer favor imerecido, especialmente bênçãos espirituais. Portanto,

dádivas da graça divina”. (BERKHOF, Edição do Kindle, p. 381). Turretini a chama de pacto gratuito, onde Deus “promete gratuitamente ao homem remissão de pecados e salvação em virtude de Cristo” (TURRETINI, 2010, p. 221). Como os demais pactos, verificaremos as partes contratantes, condições e promessas etc.

2.6.1 Partes da Aliança da Graça

Temos por um lado, o Deus ofendido, porém misericordioso; ofendido porque seus mandamentos foram quebrados pelo primeiro Adão, no Éden; misericordioso, por deixar-se aplacar a ira, possibilitando a reconciliação do homem caído.

A Escritura descreve Deus como “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef. 1.3), cujo propósito, desde os tempos eternos foi, nos predestinar em amor – “e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito⁶⁷ de sua vontade” (Ef. 1.4-5). Esse beneplácito é sua boa vontade, seu deleitoso prazer em nos adotar como seus filhos.

Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. (Rm. 5.8)

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou. (Ef. 2.4)

William Hendriksen, comentando sobre o beneplácito de Deus, afirma:

Quando elegeu um povo para si, decidindo adotá-lo como a composição de seus próprios filhos, o Pai foi movido por um único motivo: seu amor. Portanto, o que ele fez não foi resultado de uma simples determinação, e sim um ato de supremo deleite. Assim Deus, que não aflige de bom grado (Lm 3.33), se deleita na salvação dos pecadores⁶⁸. (HENDRIKSEN, 1992, P. 95)

todos os frutos do Espírito nos crentes são chamados graças, ou dons imerecidos provenientes de Deus. (3.) A palavra graça denota frequentemente a influência supernatural do Espírito Santo. (HODGE, 2001, 749).

⁶⁷ 2107 εὐδοκία *eudokia*, de um suposto composto de 2095 e a raiz de 1380; TDNT - 2:742,273; n f

1) vontade, escolha

1a) boa vontade, bom intento, benevolência

2) deleite, prazer, satisfação

3) desejo

3a) de prazer em alguma coisa ausente que facilmente produz desejo por ela

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

⁶⁸ “[...] porque não aflige, nem entristece de bom grado os filhos dos homens”. (Lm 3.33). “Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?” (Is. 5.4) “Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? – diz o SENHOR Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?” (Ez 18.23).

Portanto, o que temos de um lado da Aliança é este Deus, cuja ofensa não lhe impede de exercer seu grande amor⁶⁹, convidando pecadores à comunhão por meio de Jesus Cristo, o Mediador da Aliança da Graça.

De um lado, Deus; do outro, o homem. Neste ponto, vale ressaltar uma questão importante que tem sido debatida; embora os resultados desse debate em nada diminuam os efeitos desta Aliança da Graça, tem-se perguntado se a Aliança da Graça é feita com Cristo ou com o povo eleito de Deus. As Escrituras e os Símbolos de Fé descrevem isso de modo alternado, sem que essa alternância afete o propósito da Aliança, o oferecimento da “vida e a salvação” (CFW, VII, §3º). Deste modo, as Escrituras, algumas vezes, apresenta Cristo como uma das partes; noutras, é visto, não como uma das partes, mas como o Mediador e oferenda da Aliança, enquanto as partes apresentadas são Deus e seu povo.

Os Símbolos de Fé parecem, às vezes, adotar um modo de descrição semelhante. A Confissão de Fé de Westminster (CFW) descreve o homem como parte da Aliança da Graça:

O homem, tendo-se tornado pela sua queda incapaz de vida por esse pacto [Pacto das Obras], o Senhor dignou-se fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça; nesse pacto ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles a fé nele para que sejam salvos; e prometendo dar a todos os que estão ordenados para a vida o seu Santo Espírito, para dispô-los e habilitá-los a crer. (CFW, VII, §3º, grifo meu)

Notem que na CFW, Deus e seu povo são as partes; pois em uma aliança, as promessas são feitas a uma das partes, e aqui lemos que se prometem a vida e a salvação aos pecadores, e que deles se exige fé. O mesmo conceito é apresentado no Breve Catecismo (BC), na Pergunta 20. Ali está expresso:

Tendo Deus, unicamente pela sua boa vontade desde toda a eternidade, escolhido alguns para a vida eterna, entrou com eles em um pacto de graça,

“Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?” (Ez 33.11). “Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Como te faria como a Admá? Como fazer-te um Zeboim? Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas compaixões, à uma, se acendem”. (Os 11.8). “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23.37). “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem”. (Lc 2.14). “Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos”. (Rm 10.1)

⁶⁹ Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. (1Jo 4.9).

para os livrar do estado de pecado e miséria, e trazer a um estado de salvação por meio de um Redentor⁷⁰. (BCW, Pergunta 20, grifo meu)

No Catecismo Maior, contudo, o outro conceito é expressamente adotado. Na resposta à Pergunta 31 “Com quem o pacto da graça foi feito?”, lemos a resposta:

*O pacto da graça foi feito com Cristo como o segundo Adão, e nele com todos os eleitos como sua semente*⁷¹. (CMW, Pergunta 2)

A questão pode ser resolvida – se este é o caso – afirmando que Deus firmou uma Aliança da Graça para salvação dos eleitos, tendo Cristo Jesus, como Mediador. Deste modo, embora a Aliança da Graça seja feita e dirigido a homens pecadores, estes só podem ser representados e aceitos mediante a fé em Cristo. Dito de outra maneira, na Aliança da Graça, o homem não é visto simplesmente como uma criatura ou como uma criatura íntegra e justa (como era o caso de Adão na Aliança das Obras), mas como um filho da ira, alienado de Deus e de sua vida. A Escritura descreve os homens caídos como

¹ [...] mortos nos vossos delitos e pecados, ² nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; ³ entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. (Ef. 2.1-3)

Portanto, as bênçãos relativas à salvação de pecadores só podem ser desfrutadas nesta vida, e certamente na vindoura, por meio dos méritos de Jesus Cristo, o Mediador:

Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem. (1Tm 2.5)

Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo”. (Gl 3.16).

⁷⁰ ⁴ Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, ⁵ não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, ⁶ que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, ⁷ a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. (Tt 3.4-7).

⁷¹ ¹⁰ “Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. ¹¹ Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. (Is 53.10-11). “Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o SENHOR: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o SENHOR”. (Is 59.21).

Assim sendo, Cristo cumpre a Lei em seus *aspectos ativos* (cumprimento cabal da Lei Moral, ou seja, do Decálogo) e em seus *aspectos passivos* (imputação a Cristo da penalidade de morte sentenciada à raça humana; ou seja, a ira do Pai é descarregada sobre Cristo). Cristo assume a culpa (a responsabilidade penal/judiciária) pelo pecado da raça humana e, quando morre na cruz, liberta os eleitos da raça humana do castigo da morte e do juízo e lhes imputa a sua justiça e a vida eterna (conteúdo da Aliança), além dos benefícios da salvação. Cristo sofre a ira do Pai que, até então, recaía sobre toda a raça humana. Cristo, na condição de Deus, oferece um sacrifício de valor eterno ao Pai e, na condição de homem, assume todas as responsabilidades e o passivo da raça humana, tornando-se seu procurador/representante/substituto, uma vez que a parte humana se tornou incapaz de continuar cumprindo com suas obrigações, por ser a parte defunta da Aliança.

Sobre isso, Calvino afirma:

[Cristo] foi submetido por fiador, avalista e até mesmo como culpado, em lugar dos transgressores, para que pagasse e saldasse todas as penas que deles se deveriam exigir. Portanto, nada há de surpreendente dizer-se que ele desceu às regiões infernais, uma vez que tenha ele sofrido esta morte infligida aos pecadores por um Deus irado. (CALVINO, 2006, p. 268)

Onde entra a graça nisso tudo? *Da parte de Deus*, em ter a sua ira aplacada; toda a justiça de Deus foi cumprida em Cristo para os eleitos⁷². *Da parte do homem*, em receber gratuitamente a salvação pela fé na Pessoa e Obra de Cristo⁷³.

Podemos resumir, portanto, afirmando que a Aliança da Graça é meramente a Aliança das Obras sendo realizada por Cristo no lugar do primeiro Adão. Os benefícios da Obra de Cristo, os seus merecimentos, são imputados, de forma soberana e gratuita, aos eleitos pelo Pai. A Obra de Cristo é o fundamento da salvação dos eleitos. É por isso que afirmamos que somos salvos graciosamente pela Obra (de Cristo). Outro elemento gracioso nisso tudo é que os eleitos redimidos não precisam fazer

⁷² “Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o admitiu”. (Mt. 3.15). “[...] visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé” (Rm 1.17).

⁷³ “¹Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; ²por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamos-nos na esperança da glória de Deus”. (Rm 5.1-2).

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; ⁹não de obras, para que ninguém se glorie”. (Ef 2.8-9).

mais nada, porquanto Cristo já fez tudo em seu lugar. Eles devem apenas crer (depositar sua fé exclusivamente e suficiente) na Obra Consumada de Cristo.

2.6.2 Condições da Aliança da Graça

A condição da Aliança da Graça, no que diz respeito aos adultos, é a fé em Cristo Jesus; ou seja, a fim de participar dos benefícios desta Aliança temos de receber o Senhor Jesus Cristo como o Filho de Deus em quem e por causa de quem suas bênçãos são outorgadas aos filhos dos homens.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que *creem no seu nome*; (Jo. 1.12, grifo meu)

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, *para que todo o que nele crê não pereça*, mas tenha a vida eterna. (Jo. 3.16, grifo meu)

A fé, portanto, é a condição para receber o favor oferecido. Em todo o caso, a necessidade é igualmente absoluta. Sem a Obra de Cristo não teria havido nenhuma salvação; e sem fé não há salvação. O que crê no Filho tem a vida eterna. O que não crê, não verá a vida, mas sobre permanece a ira de Deus.

2.6.3 As promessas da Aliança da Graça

As promessas da Aliança da Graça podem ser resumidas naquela fórmula, diversas vezes citadas na Escritura: “Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus” (Jr. 32.38⁷⁴). Isso envolve a plena restauração de nossa relação normal com Deus. Toda barreira à comunhão é eliminada “[...] pelo novo e vivo caminho” (Hb. 10.20), Deus se comunica em sua plenitude com seu povo, que se torna dele por inteira conformidade com sua vontade e devoção a seu serviço, e é o objeto especial de seu favor. O fato dele ser o nosso Deus implica também que ele nos assegura seu amor, e nos admite à comunhão com ele mesmo. Uma vez que somos o seu povo, (1) somos sua possessão peculiar⁷⁵. Isso significa, dentre outras coisas, que da massa dos

⁷⁴ “Andarei entre vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (Lv 26.12). “Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem” (Jr 7.23). “O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Ez 37.27). “Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (2Co 6.16).

⁷⁵ Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; (Êx 19.5)

homens caídos em Adão, Deus nos escolheu em Cristo Jesus; e (2) uma vez que fomos escolhidos, um destino sublime nos aguarda; por isso, somos justificados, santificados e glorificados (Rm. 8.30). Somos perfeitamente conformados com sua imagem, devotados ao seu serviço e obedientes à sua vontade.

2.6.4 A Aliança das Obras versus a Aliança da Graça

Resta-nos afirmar que a Aliança das Obras diverge, e muito, da Aliança da Graça. Na Aliança das Obras, a vida é prometida apenas ao homem perfeitamente justo e merecedor, mas Aliança da Graça promete não somente vida, mas também salvação a todo ser humano totalmente imerecedor e indigno (a saber, ao pecador). Naquela primeira Aliança, uma vez quebrada pela desobediência humana, Deus poderia, de maneira justíssima, ter entregue os homens à morte e ninguém poderia com razão ter discordado dEle por isso. Mas não foi de seu agrado usar daquela suprema justiça para com a raça humana; antes, movido de piedade, planejou e instituiu um remédio para tão grande miséria, sancionando graciosamente a Nova Aliança em Cristo, no qual temos o meio não só de escapar dessa miséria, mas também de alcançar a mais perfeita felicidade. Este remédio (ou meio) demandava justiça, sabedoria manifesta e misericórdia e poder granjeados em Jesus Cristo, o Unigênito Filho de Deus, nosso Mediador, o fundamento dessa Aliança da Graça. Se na Aliança das Obras o homem não satisfizesse as exigências pactuais, em virtude dos seus dotes naturais, na da Graça ele é capacitado a satisfazê-las, unicamente pela influência regeneradora e santificante do Espírito Santo⁷⁶.

Finalmente, podemos afirmar que a Aliança da Graça é assim chamada porque todas as coisas nele incluídas são gratuitas, inclusive as condições (Jr 31; Ez 36); ela

Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. (Dt 7.6)

Porque sois povo santo ao SENHOR, vosso Deus, e o SENHOR vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes seu povo próprio. (Dt 14.2)

o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. (Tt 2.14)

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; (1Pe 2.9)

⁷⁶ “[...] porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13)

é a manifestação da suprema riqueza da graça divina (Ef. 2.7⁷⁷), sendo ela a essência da mensagem do evangelho (Rm. 1.16-17). Ela não é chamada de “nova” apenas em razão de sua renovação em Cristo sob o Novo Testamento, mas também porque é eterna, imutável e jamais será revogada.

⁶ Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas. ⁷ Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda. ¹³ Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer. (Hb. 8.6-7, 13, cf. Jr. 31,32).

2.7 A Teologia da Aliança e suas implicações quanto ao ensino das crianças.

Uma vez que a Teologia da Aliança pôde ser entendida, resta-nos verificar quais são as aplicações dela para a vida cristã. Uma doutrina tão imensamente rica não deve se restringir apenas ao conhecimento teórico, mas deve nos conduzir às práticas que sejam condizentes com ela. Portanto, seguem algumas aplicações da Teologia da Aliança. Essa doutrina nos revela que **(1) Deus deseja relaciona-se com o homem e sua descendência**. Está claro que Deus, desde o início procurou se relacionar com o homem; como visto, tal relacionamento não se limitou apenas a uma questão natural. Deus resolveu condescender-se. Essa condescendência divina não visava apenas o primeiro casal, mas certamente a sua descendência esperada; o Mandato Social incluía tal mandamento: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1.28). Mesmo no pronunciamento das maldições, Deus recorda a mulher de seu papel como genitora: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos” (Gn. 3.16). Adão, renovado em esperança, compreende que a descendência da mulher derrotará a da serpente; ele, também, ao dar o nome à mulher, lembra-se de seu papel de genitora: “E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos” (Gn. 3.20).

Em decorrência disso, podemos afirmar que, mesmo após a Queda, **(2) Deus continua pactuando com os pais e sua descendência**. A Queda de Adão foi trágica, sem sombras de dúvidas, mas não cessou a obra pactual de Deus em favor do

⁷⁷ “[...] para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus”. (Ef. 2.7). ¹⁶ Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; ¹⁷ visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”(Rm 1.16-17).

homem. Podemos ver isso, inicialmente em Noé. A Aliança de Deus com ele incluía a sua descendência:

Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra. (Gn. 6.13)

Contigo, porém, estabecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos. (Gn. 6.18, grifo meu)

A palavra traduzida como aliança é *b'ëriyth*; o que lemos é que Deus estabelece uma aliança, um pacto com Noé, o que, certamente, incluía toda a sua família: “*tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos*” (18). É interessante notar também o verbo traduzido aqui como “estabecerei (*qûm*⁷⁸)”; ele traz a ideia de que “estabelecer – instituir, decretar ou estabelecer⁷⁹”. O sentido não é a criação de algo novo, mas o estabelecimento, a confirmação ou cumprimento de algo existente previamente. Portanto, o estabelecimento dessa aliança, possivelmente, é consequência do fato de que “*Noé achou graça diante do SENHOR*” (Gn. 6.8); o nome Noé é bem significativo neste contexto:

[...] pôs-lhe o nome de *Noé* (repouso⁸⁰), dizendo: Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o SENHOR amaldiçoou. (Gn. 5.29)

⁷⁸ קוּם (*qûm*). v. para subir. O significado central deste verbo é “levantar-se” ou “levantar-se” no sentido físico; relacionado ao conceito de rebeldia, também pode significar “levantar-se” (contra alguém).

O verbo *qûm* aparece com frequência no AT, embora não apareça frequentemente com o sentido de rebelião ou confronto. Exemplos desse uso do verbo incluem a rebelião contra Moisés e Arão pelos chefes israelitas e por Datã e Abirão (Nm 16:1-35), bem como a rebelião de Jeroboão contra Salomão (2 Cr 13:6). (BIANCHI, Francesco. “Rebeldia”, ed. Douglas Mangum et al., Lexham Theological Wordbook, Lexham Bible Reference Series (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).

⁷⁹ Um uso mais técnico de *qûm* no sentido de “estabelecer” e “cumprir” é encontrado em combinação com juramento (p. ex. Jr. 11.5) e, sobretudo, na forma do hi., com aliança. Para Noé, Deus disse: “Contigo, porém, estabecerei (hi. *qûm*) a minha aliança” (Gn 6.18). Uma linguagem similar, usando *qûm* no hi., é encontrada na aliança com Abraão (Gn 17.7, 19; Êx 6.4; cf. Lv 26.9) e na aliança futura (Ez. 16.62). Em três formas verbais diferentes, *qûm* se refere à palavra de Deus: (p. ex., “a palavra de nosso Deus permanece (*qûm*) eternamente”, Is 40.8), pi. (p. ex., “Jurei e confirmei (*qûm*) o juramento”, SI 119.106), e no hi. (p. ex., “cumprirei para convosco a minha boa palavra”, lit. “suscitar (*qûm*) minha boa palavra,” Jr 29.10; cf. Nm 23.19; 1Rs 8.20). (ELMER, A. Martens, “קוּם (*qûm*)”, ed. WILLEN, A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, 1129).

⁸⁰ 05146 נַחַח Noach, o mesmo que 5118, grego 3575 Νωε; DITAT - 1323b; n pr m. Noé = “repouso”. James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

O dilúvio acontece (Gn. 7.11-24), e Deus reafirma os termos da Aliança com Noé e sua família⁸¹:

⁸ Disse também Deus a *Noé e a seus filhos*: ⁹ Eis que estabeleço a minha aliança *convosco, e com a vossa descendência*, ¹⁰ e com todos os seres vivos que estão *convosco*: tanto as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra. ¹¹ Estabeleço a minha aliança *convosco*: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra.

¹⁴ Sucederá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, ¹⁵ então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. ¹⁷ Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e *toda carne sobre a terra*. (Gn 9.8-11,14-17, grifo meu)

Outra história que revela a aplicação da Aliança de Deus aos *pais e sua descendência* é a Aliança feita com Abrão⁸². Esta Aliança se revela, inicialmente, quando Deus ordena para que Abrão deixe sua terra. Além da ordem, Deus lhe faz promessas:

¹ Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e *vai para a terra que te mostrarei*; ² de ti *farei uma grande nação*, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! ³ Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; *em ti serão benditas todas as famílias da terra*. (Gn 12.1-3, grifo meu).

Essa dedicação radical de Abrão – “sai da tua terra” – vinha com diversas promessas que permeavam o próprio Abrão e “todas as famílias da terra”. Em outras palavras, Deus estabelece bençãos e coloca Abrão como este “agente” para que elas chegassem o mais longe possível.

Entretanto, naquele momento, as promessas de uma terra, grande nação e benção a todas as famílias esbarravam num questão importante para Abraão – *o fato de que ele não possuía descendência*. Ele, inclusive, posteriormente, expressa tal preocupação ao SENHOR:

Perguntou-lhe Abrão: SENHOR Deus, como saberei que hei de possuí-la? (Gn 15.8)

Embora Abraão cresse nas promessas de Deus, buscava ainda mais certeza delas. Palmer Robertson descreve muito bem a situação do patriarca:

⁸¹ Esta expressão-chave (7.7,13; 8.16,18; cf. 7.1) revela, de modo enfático, que Deus preserva a humanidade em sua estrutura familiar básica. A salvação de Deus se estende aos filhos dos crentes.

⁸² Esse pacto é conhecido como Pacto Abraâmico ou Aliança da Promessa.

Deus havia assegurado promessas magnânimas a Abraão. Mas, agora, o patriarca tornara-se idoso. Sua mulher permanecia sem filho. O Senhor declara, inequivocamente, suas intenções soberanas. Ninguém senão um filho saído dos próprios lombos de Abraão possuiria as promessas de Abraão. (ROBERTSON, 2002, pág. 118).

Assim, Deus afirma que as promessas feitas a Abraão repousariam em sua descendência:

A isto respondeu logo o SENHOR, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu *herdeiro*. (Gn. 15.4, grifo meu)

¹⁸ Naquele mesmo dia, fez o SENHOR aliança com Abrão, dizendo: *À tua descendência dei esta terra*, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates: ¹⁹ o queneu, o quenezu, o cadmoneu, ²⁰ o heteu, o ferezeu, os refains, ²¹ o amorreu, o cananeu, o gírgaseu e o jebuseu. (Gn 15.12-21, grifo meu).

⁶ Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti. ⁷ *Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência.* ⁸ *Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus.* (Gn. 17.1-8, grifo meu)

Uma vez que a Aliança de Deus com Abraão é “cortada” (Gn. 15.17), apresenta-se o sinal desta Aliança: a circuncisão. Novamente, a aliança e a inclusão da descendência nela é confirmada:

⁹ Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a *minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações.* ¹⁰ Esta é a *minha aliança*, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado. (Gn 17.9-10, grifo meu⁸³)

A circuncisão era este sinal que dá testemunho. Ela comprova e testifica a Aliança de Deus com Abraão e suas gerações após ele. Assim, a “marca física finita simboliza uma realidade espiritual como indicada pela paternidade espiritual de Abraão e a promessa de uma aliança perpétua” (Waltke & Fredericks, 2010, p. 319). Estas promessas, feitas à descendência, são confirmadas no Novo Testamento; *primeiramente*, pelas afirmações em seu discurso de Pentecostes:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; (At 2.17; cf. Is. 44.3⁸⁴)

⁸³ Nestes versos, a palavra que aparece novamente, traduzida como *aliança*, por duas vezes é *b'eriyyth* – acordo, aliança, compromisso [James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002)].

⁸⁴ “Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes”; (Is. 44.3)

Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar (At 2.39, grifo meu).

As promessas da Aliança feitas a Abraão se confirmam na Nova; o sinal da Aliança passa da circuncisão para o batismo, sendo este ministrado também às crianças. Neste particular, encontramos o caso de uma mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura:

Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou, dizendo [...] (At 16.15).

É salutar mencionar o caso do carcereiro, que após sua conversão a Cristo, foi batizado, juntamente com toda a sua família:

Naquela mesma hora da noite, cuidando deles, lavou-lhes os vergões dos açoites. A seguir, foi ele batizado, e todos os seus. (At 16.33, grifo meu).

Portanto, o batismo, inclusive ministrado aos filhos dos crentes, é o sinal externo da Nova Aliança (Cl. 2.11-12⁸⁵)

Seguindo, a Teologia da Aliança implica no fato de que **(3) os pais devem ensinar seus filhos a amar e servir a Deus, prioritariamente**. Esse ensino deve acontecer, primeiramente, como vimos, (i) porque os filhos estão incluídos na Aliança. Em consequência disso, (ii) os pais devem conduzir seus filhos à confiança no Senhor. É o que vemos nas afirmações registradas no Salmo 78.5-8:

⁵ Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, ⁶ a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; ⁷ para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos; ⁸ e que não fossem, como seus pais, geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante, e cujo espírito não foi fiel a Deus. (Sl 78.5-8)

É belo como Harriet e Gerard van Groninger descrevem essa verdade:

Deus confia em nós porque nos ama como pais. [Ele] nos confia seus filhos, amando-os como ele os ama, porque ele nos ama e amando-nos quer dar-nos uma das maiores alegrias que existem no mundo: filhos. Juntamente com o amor, confiança e alegria, vem a responsabilidade que nós, como pais da Aliança, temos que preparar essas criaturas portadoras da imagem de Deus, seus agentes, servos, para serem futuramente os trabalhadores da Aliança e os servos do reino. (GRONINGER, 2009, págs. 118-119)

⁸⁵ “¹¹ Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, ¹² tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos”. (Cl 2.11-12).

Entretanto, tal confiança não acontece natural e instantaneamente; filhos são pecadores e, desde a mais tenra idade, já revelam sua rebeldia natural. (iii) os pais, devem ensinar aos seus filhos a amarem a Deus de modo intencional e rotineiramente. Neste sentido, Deuteronômio 6.4-6 revela um grande desafio:

⁴ Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. ⁵ Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. ⁶ Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; ⁷ tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. ⁸ Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. ⁹ E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (Dt 6.4-9).

Nota-se que a passagem acima é dirigida inicialmente aos pais (4-6). É responsabilidade dos pais *ouvir* (shama⁸⁶), *amar* ('ahab⁸⁷); amar significa escolhê-Lo para um relacionamento íntimo e obedecer aos seus mandamentos⁸⁸. Mas este amor devia ser uma entrega completa – “e todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (5). Os pais também devem *guardar* a palavra de Deus no coração. Uma vez que isso aconteça, os pais devem *inculcar*⁸⁹ tais verdades nos filhos. Inculcar tem o sentido de ensinar e impressionar por repetições frequentes e admoestações. Este é um tema familiar em Deuteronômio:

Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos. (Dt. 4.9, grifo meu).

⁸⁶ שמע (šm'), q. escutar, ouvir, dar ouvidos a, prestar atenção, perceber, compreender, atender, obedecer, conceder, examinar (legal); (K. T. Aitken, “שמע”, ed. Willem A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento [(São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, 1129)].

⁸⁷ אהב ('hb), q. amar [part. 'ōhēb, amigo/parceiros de aliança, cônjuge]; ni. ser amável; pi. amar (# 170); אֶהְבֵּם/אֶהְבֵּי (‘ōhab/'hābîm), subs. delícias do amor (Pv 7.18; # 171); [P. J. J. S. Els, “אהב”, ed. Willem A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, 270)]. Amar (cuidar) tem relação com “ter um grande afeto, cuidado ou lealdade para com”

⁸⁸ A ordem de “amar a Deus” é dada frequentemente em Deuteronômio (v. 5; 7.9; 10.12; 11.1, 13, 22; 13.3; 19.9; 30.6, 16, 20).

⁸⁹ 08150 שָׁנַן (shanan) uma raiz primitiva; DITAT - 2422; v.

1) afiar, aguçar

1a) (Qal) aguçar, afiar

1b) (Piel) aguçar, ensinar (incisivamente)

1c) (Hitpolel) ser perfurado

Em suma, os mandamentos deviam ser tema de conversa tanto dentro como fora de casa, do começo ao fim do dia – “e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (6.7). Os mandamentos deveriam permear cada esfera da vida humana. Logo, os pais devem ver seus filhos como filhos da Aliança; em consequência dessa verdade, os pais devem dedicar-se na educação religiosa de seus filhos.

Outra questão que a Teologia da Aliança nos faz refletir é quanto ao que **(4) Deus tem a dizer sobre a cultura, família e trabalho**. Os Mandatos ainda estão vigentes; à medida que é possível, faz-se necessário redimir a cultura, a família e o trabalho. Os valores de Deus precisam ser reafirmados em todas as esferas da sociedade. Sobretudo, novas gerações precisam ser ensinadas sobre quem Deus é e como Ele governa e opera no mundo. Uma cosmovisão cristã do mundo em que vivemos faz-se urgente. A sociedade atual e, especialmente as crianças, tem sido bombardeada com valores completamente contrários às Escrituras e porque não dizer, tem sido incentivada a viver num mundo no qual Deus não se faz necessário. Por isso, a necessidade de ensinar a “criança no caminho em que deve andar” (Pv. 22.6).

Além disso, **(5) o Pacto revela que Deus tem um povo escolhido e separado**. Essa distinção fica clara logo após a Queda:

Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (Gn. 3.15)

Essa foi a tônica em toda a história do povo de Israel; ele é a mulher que “grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz” (Ap 12.2). Por isso, a Escritura falar do ofertante e da oferta que agradou ao Senhor (Gn. 4.4), dos “sete mil joelhos que não se dobraram a Baal”⁹⁰, das inúmeras advertências do SENHOR quanto aos perigos de firmar aliança com povos pagãos⁹¹, do juramento feito de que “eu e minha casa serviremos ao SENHOR”⁹². A história de Israel, dentre outras coisas,

⁹⁰ Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou. (1Rs 19.18).

⁹¹ para que não faças aliança com os moradores da terra; não suceda que, em se prostituindo eles com os deuses e lhes sacrificando, alguém te convide, e comas dos seus sacrifícios (Êx 34.15).

⁹² Porém, se vos parece mal servir ao SENHOR, escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam além do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR. (Js. 24.15)

revela a “diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve” (Mt. 3.18). O Novo Testamento também menciona essa distinção, afirmando que o povo de Deus é “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2.9); que foi liberto do império das trevas e transportados para o reino do Filho do seu amor (Cl 1.13); adverte quanto ao jugo desigual⁹³, estimula ao casamento “no Senhor”⁹⁴, chamando-os a uma renovação da mente (Rm. 12.2). Jesus fala do “trigo e joio”, “cabritos e ovelhas”⁹⁵.

Este povo escolhido é chamado por Jesus de “minha igreja” (Mt. 16.18⁹⁶); é descrito por Paulo como “corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo”⁹⁷. É aquele “edifício, bem ajustado, [que] cresce para santuário dedicado ao Senhor” (Ef 2.21). O povo de Deus é composto por aqueles que recebem, pela fé, as promessas feitas a Abraão⁹⁸; Apocalipse registra que este povo é comprado de toda “tribo, língua,

⁹³ ¹⁴ Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? ¹⁵ Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? ¹⁶ Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. ¹⁷ Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, ¹⁸ serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso. (2Co 6.14-18).

⁹⁴ A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor. (1Co 7.39).

⁹⁵ ²⁴ Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; ²⁵ mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se. ²⁶ E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. ²⁷ Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? ²⁸ Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? ²⁹ Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. ³⁰ Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro. (Mt 13.24-30).

³² e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; ³³ e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; (Mt 25.32-33).

⁹⁶ Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (Mt 16.18)

⁹⁷ ⁴ Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, ⁵ assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros”. (Rm 12.4-5). “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja;” (Cl 1.24). “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12).

⁹⁸ “[...] para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido”. (Gl. 3.14)

povo e nação”⁹⁹. Por isso, a igreja de Cristo deve compreender com clareza qual o seu papel como agente da Aliança (o que será visto no Capítulo 2). Por ora, basta afirmar que ela tem papel fundamental, mas não isolado, na educação dos filhos dos crentes e na reafirmação desta escolha e separação divina. A igreja de Cristo, “coluna e baluarte da verdade”¹⁰⁰, é o meio ordinário para que os pais encontrem direção e apoio no processo de ensino e consagração dos filhos da Aliança.

O próximo capítulo tratará do papel dos pais e da igreja como agentes da Aliança. Esperamos provar que a participação deles, embora não seja determinante, são essenciais para reafirmar todas as verdades contidas na Teologia da Aliança.

⁹⁹ “[...] porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação”. (Ap 5.9). “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos;” (Ap 7.9).

¹⁰⁰ “[...] para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. (1Tm 3.15)

3 OS AGENTES DA ALIANÇA

Uma vez que foi possível verificar que (1) Deus tem uma Aliança com seu povo escolhido, e que, (2) nesta Aliança crianças estão incluídas, faz-se necessário pensar, indispensavelmente, nas aplicações quanto à Educação Religiosa dos filhos na família e na igreja, uma vez que, como será visto, são nessas duas esferas que a Aliança se desenvolve.

Susan Hunt afirma que

Cada família cristã deveria ser um retrato instantâneo dos valores do reino de Deus, mas o mural é a igreja. A igreja, a comunidade da aliança deve ser o panorama irresistível da graça. (HUNT, 2008, p. 89)

Assim, este capítulo visa verificar a responsabilidade dos pais e da igreja no cumprimento das exigências da Aliança. Concordamos com aquilo que foi afirmado por Charles H. Spurgeon:

Negligenciar a instrução de nossa descendência é pior que *estupidez*. A religião da família é *necessária* para a nação, para a própria família e para a igreja de Deus. Quem dera os pais despertassem para um senso de importância dessa questão. É um dever agradável falar de Jesus para nossos filhos e filhas, e mais ainda porque isso tem se mostrado uma obra aprovada, pois Deus tem salvado os filhos por meio das orações e admoestações dos pais. (SPURGEON *apud* BAUCHAM, 2015, p. 22)

Sem dúvida, as palavras de Spurgeon, embora pareçam duras, são necessárias aos pais cristãos da atualidade. Não há como se falar na Educação Religiosa dos filhos sem ter em mente que se trata de matéria da mais alta importância. Além disso, é quase impossível que este assunto não cause incômodos, especialmente naqueles que, infelizmente, tem negligenciado a educação de seus filhos. Entretanto, ainda que se fale dessa maneira, não se deve ter em mente que a eficácia da Educação Religiosa dos filhos depende exclusivamente das ações dos pais, conquanto elas sejam extremamente importantes em cada contexto.

3.1 Relembrando questões importantes

Antes de entrarmos nos deveres daqueles que tem sido chamado de “agentes da Aliança” – *família e igreja* – faz-se necessário lembrar algumas questões importantes, a fim de que fique claro que os princípios aqui estabelecidos necessitarão de esforço e dedicação destes agentes para que sejam colocados em prática.

Inicialmente, uma questão que precisa sempre ser lembrada é que **as crianças da Aliança são pecadoras**. É comum para os pais, e a igreja, imaginarem que os filhos dos crentes são automaticamente inclinados às verdades bíblicas. Não é exatamente isto que as Escrituras revelam; muito pelo contrário, elas afirmam que “todos pecaram e carecem da glória de Deus”¹⁰¹; crianças são pecadoras desde o nascimento: “[...] nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5). O Rei Salomão afirma que “a estultícia está ligada ao coração da criança” (Pv. 22.15) e “[...] a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (Pv. 29.15).

As Confissões Reformadas concordam com as Escrituras e apresentam essa verdade de maneira clara; por exemplo, a Confissão de Fé de Westminster (1647) afirma que “ficamos totalmente indispostos, adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal” (CFW, V, §4º). O Catecismo Maior de Westminster (1648) afirma que o homem se tornou “relutante quanto a qualquer bem espiritual, incapacitado de fazê-lo, bem como resistente a ele, inclinado a todo mal, e isso continuamente” (CMW, Pergunta 25). Além destes, a Segunda Confissão Helvética afirma que

Consideramos pecado como sendo a corrupção inata do homem, que resultou ou se propagou de nossos primeiros pais a todos nós, e nos fez submergirem em desejos malignos, nos afastando de Deus, e nos tornando inclinados a todo mal, cheios de toda impiedade tornando inclinados a todo mal, cheios de toda impiedade, de descrenças, de desprezo e de ódio a Deus, de tal modo que nada de bom podemos fazer – nem ao menos podemos pensar em algo bom por nós mesmos (Mt. 12. 34-35). (Segunda Confissão Helvética, VII, § 2º).

O Bispo J. C. Ryle afirma acertadamente:

Lembre-se que as crianças nascem com uma tendência decidida para o mal; e, portanto, se você deixá-las escolher por si mesmas, elas estarão determinadas a escolher o errado. (RYLE, 2012, p. 10)

¹⁰¹ ⁹ Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; ¹⁰ como está escrito: Não há justo, nem um sequer, ¹¹ não há quem entenda, não há quem busque a Deus; ¹² todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. ¹³ A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, ¹⁴ a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; ¹⁵ são os seus pés velozes para derramar sangue, ¹⁶ nos seus caminhos, há destruição e miséria; ¹⁷ desconhecaram o caminho da paz. ¹⁸ Não há temor de Deus diante de seus olhos. O judeu não constitui exceção ¹⁹ Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus. (Rm 3.9-19).

Portanto, os pais e a igreja precisam saber que estão lidando com pecadores e que precisarão aplicar a eles o único remédio eficaz, a saber, o evangelho de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Douglas Wilson faz a seguinte menção disto:

Cada membro da família é uma pessoa criada à imagem de Deus, e, se desejamos conduzi-la adequadamente, devemos atentar para a Palavra de Deus como nosso primeiro e mais importante guia. (WILSON, Edição do Kindle, p. 7)

Sim, esta imagem está desfigurada nos pais e nos filhos, e precisa ser restaurada em ambos. Logo, reafirmamos que se faz necessário uma clara compreensão da maior necessidade dos filhos se quisermos ter esperança na Educação Religiosa deles; e uma vez que as consequências da Queda sejam compreendidas corretamente¹⁰², a resposta não virá por meio de técnicas manipulativas, mas do Evangelho da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, conforme dito anteriormente.

Em decorrência disso é que, parafraseando William P. Farley, ***educar os filhos da Aliança não é uma tarefa fácil***. A família e a igreja, por mais esforços que produzam, são meios limitados e imperfeitos na prática das implicações da Aliança, ainda que a dedicação deles quanto a educação dos filhos sejam a mais aplicada e fiel possível. O motivo disto é que:

Seus pecados, fracassos e imperfeições produzirão conflito com seus filhos e desentendimentos com seu cônjuge. Em alguns momentos, você sentirá profundamente essas imperfeições. (FARLEY, 2017, p. 13)

Além disso, os pais se darão conta bem cedo que, no seu dever, encontrarão diversos obstáculos na educação de seus filhos – *variadas tentações, rebeldias e personalidades difíceis*. Não obstante, os pais crentes sabem que só podem (e devem) confiar na graça salvadora de Deus. Eles sabem que não possuem recursos próprios para ensinar os seus filhos no caminho da Verdade. Deste modo, ainda que os pais crentes prometam ensinar-lhe a ler para que venha a ler por si mesmo a Santa

¹⁰² Uma explicação mais clara disso pode ser encontrada nas afirmações de Tedd Trip: “O foco central na criação de filhos é o evangelho. Você precisa direcionar não apenas o comportamento de seus filhos, mas as atitudes de seus corações. Precisa mostrar não apenas “o que”, mas também o “porquê” de seus pecados e fracassos. Seus filhos necessitam desesperadamente entender não apenas “o que” fizeram exteriormente de errado, mas também “porquê” o fizeram, que é o aspecto interior. É necessário ajudá-los a perceberem que a Palavra de Deus trabalha de dentro para fora. Portanto, na criação de seus filhos, o objetivo não pode ser simplesmente ver crianças bem-comportadas. Seus filhos devem também compreender por que pecam e como experimentar uma mudança interior”. (TRIPP, Edição do Kindle, pp. 12-13).

Escritura; orar por ele e com ele; servir-lhe de bons exemplos de piedade e religião, e esforçar-vos por todos os meios designados por Deus, para criá-lo na disciplina e correção do Senhor, só poderão fazer isso pela graça de Deus.

Outra questão importante a ser lembrada é que **Deus é soberano, mas usa meios**. Esta afirmação possui duas verdades que precisam ser lembradas de forma recorrente; *primeiro, Deus é soberano quanto à salvação dos filhos dos crentes:*

Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. (Mt 11.27).

Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. (Jo 6.44).

Pais e igrejas comprometidas com a Teologia da Aliança devem ter uma compreensão muito clara disso: *Deus é soberano sobre a salvação dos filhos*.

Além disso, *Deus usa meios*; neste caso, Deus usa soberanamente os pais e a igreja como meios de alcançar os filhos da Aliança. Ainda que a “salvação pertença ao Senhor” (Jn. 2.9), isso não faz dos pais e da igreja agentes passivos quanto à salvação dos filhos, uma vez que os pais devem ordenar aos “filhos que cuidem de cumprir todas as palavras desta lei” (Dt. 32.46). Concordamos com Douglas Wilson:

O propósito do pai ou da mãe é, por fim, ser o instrumento de salvação para os filhos. [Os pais] obviamente não são graça salvadora para seus filhos, mas são ordenados a imitá-la e a facilitá-la, permeando-a na atmosfera do lar. Deus é poderoso para salvar. (WILSON, Edição do Kindle, p. 13)

Ryle faz uma afirmação enfática e convincente:

Cuidado com esta ilusão miserável em que alguns caíram: que os pais não podem fazer nada por seus filhos, que você deve deixá-los sozinhos, esperar pela graça e ficar parado. (RYLE, 2012, p. 16)

Além disso, **os pais devem ser imitadores de Deus e, conseqüentemente, serem exemplos a seus filhos**¹⁰³. Eis uma das questões que mais atrapalha a Educação Religiosa dos filhos; é um daqueles “incômodos” que faz com que muitos pais não se sintam desafiados a educar seus filhos. O exemplo do lar não diz respeito apenas ao ensino das verdades dos mandamentos de Deus, mas da vivência deles diariamente. Ainda que isso não signifique a perfeição dos pais, uma vez que isso é impossível, ela se faz necessária para que o ensino ministrado aos filhos encontre lugar em seus corações.

¹⁰³ “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”. (1Co 11.1).

Como afirma Cotton Mather:

Será impossível para você incutir algum bem em seus filhos e você mesmo parece vazio desse bem. Se o velho caranguejo anda para trás, não há propósito em o jovem caranguejo ser induzido a andar para frente. Senhores, os jovens rastejarão atrás dos velhos (MATHER *apud* BAUCHAM, 2015, p. 169)

Por isso, dificilmente, os filhos praticarão algo diferente daquilo que veem na vida de seus pais. Por exemplo, se crianças não veem seus pais lendo a Palavra de Deus, elas provavelmente farão o mesmo. Se os pais usam palavras inapropriadas ou estejam envolvidos em “chocarrices” (Efésios 5.4), elas provavelmente vão imitá-los. Se um filho vir, por exemplo, o pai gritando com sua mãe e tratando-a com desrespeito, provavelmente a desrespeitará também [sem falar que isso pode acontecer quando ele se casar¹⁰⁴]. Os pais podem até ensiná-los a fazer o que é correto segundo a Palavra de Deus, mas se não fizerem o que ensinam, certamente o ensino será apagado pelas ações.

Em quinto lugar, ***os agentes da Aliança precisam adotar uma postura ofensiva***. Tal postura, segundo Farley, é aquela que:

Considerará que seus filhos não são cristãos. Considerará que eles precisam do impressionante e vencedor poder do novo nascimento. Considerará que, assim que os filhos o obtiverem, esse poder os protegerá do mundo. “Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1Jo 4.4). (FARLEY, 2017, p. 16)

Isso significa que os pais e a igreja, quando pensam no cumprimento das implicações da Aliança, devem atentar-se, não apenas nas “regras externas”, mas no coração. Em outras palavras, pais que desejam experimentar a Teologia da Aliança na prática devem trabalhar arduamente para alcançar o coração de seus filhos com as riquíssimas verdades do Evangelho de Cristo; e a igreja deve fazer o mesmo, como será visto mais adiante.

Como consequência do ponto anterior, ***os agentes da Aliança precisam de uma compreensão clara sobre o novo nascimento***. É ingênuo acreditar que os filhos, nascidos de pais crentes, já experimentaram o novo nascimento; *filho de crente não é crentinho*. Os filhos necessitam de novo nascimento. “Importa-vos nascer de

¹⁰⁴ Essa proposição não é imutável. Filhos, mesmo vendo maus exemplos de seus pais, podem adotar atitudes completamente diferentes. Por exemplo, um filho cujo pai foi alcoólatra, não será necessariamente um alcoólatra. Há casos contrários a isso também, filhos, por melhores exemplos de seus pais, acabam adotando comportamentos completamente diferentes.

novo” (Jo 3.7¹⁰⁵). Há uma diferença entre aqueles que apenas frequentam a igreja porque os seus pais assim o fazem daqueles que verdadeiramente receberam o novo nascimento. Um exemplo disto é exposto pelo sociólogo Mark Regnerus em seu livro *Forbiddenfruit: Sex&religion in thelives of American teenagers*:

Aqueles que se identificam como adolescentes evangélicos tendem a ter seu primeiro encontro sexual numa idade menor (aos 16,3 anos) do que os protestantes liberais, que tendem a perder a virgindade aos 16,7 anos. E os jovens evangélicos têm muito mais possibilidade de ter tido três ou mais parceiros sexuais (13,7%) do que os não evangélicos (8,9%). Essas e outras descobertas similares sugerem que os adolescentes evangélicos norteamericanos não estão muito distantes de seus amigos descrentes. A maioria dos pais cristãos presume que o comparecimento na igreja ou o envolvimento em grupos de jovens é igual ao novo nascimento. (REGNERUS, *apud*, FARLEY, 2017, págs. 18-19).

Embora a pesquisa se refira aos Estados Unidos, não é de se duvidar que encontremos realidades semelhantes por aqui. O ponto importante é que os pais devem conduzir seus filhos aos cultos – doméstico e comunitário –, mas precisam dar atenção quanto ao novo nascimento deles; as atitudes externas devem ser frutos de um coração que já foi alcançado pela graça. “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3).

Dito isso, podemos avançar e verificar o papel da família e da igreja no cumprimento da Aliança.

3.2 O papel dos pais na Educação Religiosa dos filhos da Aliança:

Quando pais cristãos, sobretudo aqueles que possuem um entendimento claro sobre a Teologia da Aliança, recebem de Deus um filho, sabem que estão diante deles um herdeiro das promessas divinas¹⁰⁶. Além disso, filhos são considerados como uma grande benção; essa é a promessa que lemos no Salmo 127.3: “Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão”¹⁰⁷. Não obstante, tão grande promessa

¹⁰⁵ “Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção”. (1Co 15.50).

¹⁰⁶ Gn. 17.7, At. 2.39.

¹⁰⁷ Eis a razão pela qual Deus condenou o povo de Jerusalém por sacrificar seus filhos aos ídolos, na época do profeta Ezequiel. Além de profanarem o Primeiro Mandamento (Êx. 20.3), tais famílias estavam destruindo a possessão do SENHOR, a qual ele chama de “meus filhos” (Ez. 16.20-21)

vem acompanhada de grandes responsabilidades: “pais, [...] criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”¹⁰⁸.

Um aspecto essencial para o cumprimento das implicações da Aliança no que diz respeito à Educação Religiosa das crianças é a compreensão e o empenho das famílias da Aliança. Não se pode (nem se deve) imaginar que as crianças serão ensinadas sobre as verdades bíblicas sem que os pais da Aliança estejam engajados nessa empreitada. Nisto, afirma Andrea Schwartz:

A educação precisa consistir em um empreendimento intencional, em vez de algo que faça os filhos se sentirem “enganados” ou “manipulados” ao participarem de atividades desenvolvidas para torná-los úteis ao reino de Deus. (SCHWARTZ, Edição do Kindle, p. 38)

Em relação a isso, pode-se afirmar, com convicção, que segundo Efésios 6.4¹⁰⁹ (texto que será tratado mais detalhadamente), nem o Estado, nem a sociedade em geral, ou mesmo a igreja, são responsáveis prioritários na Educação Religiosa das crianças, ainda que estes agentes tenham vital interesse na questão e, possam, em boa medida de responsabilidade, cooperar. Na perspectiva divina, contudo, a criança pertence, antes e acima de tudo, aos seus pais; são eles que devem velar, inclusive, e até onde lhes seja possível, para que as agências que exercem grande influência sobre a educação da criança sejam definitivamente cristãs. O próprio coração da educação cristã é este: *conduzir o coração da criança ao coração de seu Salvador*

Este capítulo não pretende ser exaustivo quanto ao papel dos pais na Aliança, muito menos apresentar soluções rápidas e fáceis; cremos que os desafios são grandes, mas se colocados em prática, podem gerar os frutos desejados. Por outro lado, precisamos ser honestos ao afirmarmos que há casos onde os frutos não apareceram mesmo em situações onde os pais eram dedicados e comprometidos. A despeito disso, este é o caminho do discipulado, os quais os primeiros discípulos se tornam os nossos próprios filhos.

¹⁰⁸ “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. (Ef 6.4). “Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados”. (Cl 3.21). “tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te”. (Dt 6.7)

¹⁰⁹ “[...] tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te”. (Dt. 6.7).

3.2.1 Os pais devem alimentar seus filhos espiritualmente

Alimentar os filhos espiritualmente encontra paralelo, por exemplo, com o que se faz quanto à comida; se não damos comida nutritiva a nossos filhos, certamente eles sofrerão consequências quanto ao crescimento e poderão, inclusive, desenvolver certas doenças. Semelhantemente, se os filhos dos crentes não forem alimentados com o “Verdadeiro Pão”¹¹⁰, possivelmente enfrentarão sérias dificuldades. Há uma questão mais grave nesta comparação, pois a falha dos pais em suprir o alimento material pode trazer danos nesta vida, ao passo que a falha em dar o alimento espiritual trará prejuízos nesta e na vindoura. Assim, ainda que os filhos morram fisicamente, não devem morrer espiritualmente. Em concordância, afirma Hodge:

A responsabilidade de um homem para com seus filhos, assim como para com Deus, o compromete a fazer de sua casa uma Betel; se não for uma Betel, será um lugar de habitação dos espíritos malignos. (HODGE *apud* BAUCHAM, 2015, p. 20)

William P. Farley, em seu livro *A criação de filhos no poder do evangelho*, descreve quatro crenças ou atitudes que estão atrapalhando a disposição dos pais em alimentar seus filhos. A *primeira* delas é que os pais acham que podem delegar o trabalho a outros em vez deles mesmos fazerem; falaremos disto mais adiante, apontando os riscos dessa atitude. *Segunda*, os pais carecem de confiança na força do Pão da Vida: o evangelho. *Terceira*, os pais não têm confiança que podem aplicar o evangelho aos filhos e, *finalmente*, os pais se sentem incompetentes para ensinar os filhos. Embora essas atitudes pareçam plausíveis em algumas situações, o que veremos é que elas são perigosas e comprometem, e muito, a tarefa dos pais. Por isso, pais que não se dedicam à “alimentação espiritual dos filhos” dificilmente colherão resultados positivos quanto ao cumprimento das promessas da Aliança.

3.3 A Escritura e a Educação Religiosa dos filhos

Uma vez que os pais são os responsáveis pela Educação Religiosa de seus filhos, é imprescindível verificar como as Escrituras revelam isso de modo prático. Para isso, examinaremos alguns textos importantes.

¹¹⁰ Replicou-Ihes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. (Jo 6.32)

3.3.1 Inculcando a Palavra nos filhos

Um dos textos mais conhecidos sobre a educação religiosa dos filhos é Deuteronômio 6.4-6:

⁴ Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. ⁵ Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. ⁶ Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; ⁷ tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. ⁸ Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. ⁹ E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (Dt 6.4-9).

Nota-se que a passagem acima é dirigida, inicialmente, aos pais (4-6). É responsabilidade dos pais *ouvir* (shama¹¹¹), *amar* ('ahab¹¹²); significa escolhê-Lo para um relacionamento íntimo e obedecer aos seus mandamentos¹¹³. Mas este amor devia ser uma entrega completa – “e todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (5). Obedecer aos mandamentos de Deus é o significado de *guardar* a palavra de Deus no coração. Deuteronômio 6.4-9, portanto, se dirige primeiramente aos pais, a fim de que estes sejam fiéis aos mandamentos divinos, estando prontos para educarem seus filhos nas verdades que eles mesmos colocaram sua confiança.

Uma vez que isso aconteça, os pais devem *inculcar*¹¹⁴ tais verdades nos filhos. Inculcar tem o sentido de ensinar e impressionar por repetições frequentes e

¹¹¹ שמע (šm'), q. escutar, ouvir, dar ouvidos a, prestar atenção, perceber, compreender, atender, obedecer, conceder, examinar (legal); (K. T. Aitken, “שמע”, ed. Willem A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento [(São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, 1129)].

¹¹² אהב ('hb), q. amar [part. 'ōhēb, amigo/parceiros de aliança, cônjuge]; ni. ser amável; pi. amar (# 170); אֶהְבֵּם/אֶהְבֵּם ('ōhab/'hābîm), subs. delícias do amor (Pv 7.18; # 171); [P. J. J. S. Els, “אהב”, ed. Willem A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, 270)]. Amar (cuidar) tem relação com “ter um grande afeto, cuidado ou lealdade para com”

¹¹³ A ordem de “amar a Deus” é dada frequentemente em Deuteronômio (v. 5; 7.9; 10.12; 11.1, 13, 22; 13.3; 19.9; 30.6, 16, 20).

¹¹⁴ 08150 שָׁנַן (shanan) uma raiz primitiva; DITAT - 2422; v.

1) afiar, aguçar

1a) (Qal) aguçar, afiar

1b) (Piel) aguçar, ensinar (incisivamente)

1c) (Hitpolel) ser perfurado

admoestações. Este é um tema familiar em Deuteronômio; é a continuidade do Mandato Espiritual:

Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos. (Dt. 4.9, grifo meu).

Em suma, os mandamentos divinos deviam ser tema de conversa tanto dentro como fora de casa, do começo ao fim do dia – “e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (6.7). Logo, como filhos da Aliança, os filhos devem receber de seus pais dedicação na educação religiosa deles.

3.3.2 Ensinando para as gerações vindouras

Outro texto importante a ser considerado é Salmo 78.1-8

¹ Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. ² Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. ³ O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, ⁴ não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez. ⁵ Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, ⁶ a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; ⁷ para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos; ⁸ e que não fossem, como seus pais, geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante, e cujo espírito não foi fiel a Deus. (Sl. 78.1-8)

Como tem sido afirmado, é de responsabilidade dos pais passar adiante o conhecimento do Senhor às gerações seguintes. Essas responsabilidades são mencionadas no Salmo 78 e em outras passagens da Escritura¹¹⁵, e continuam vigentes para os cristãos com respeito tanto aos filhos (Ef 6.4) quanto aos adultos (1Tm 4.11-14; Tt 2.1-15). O Salmo 78 revela algumas verdades importantes; primeiramente, sua ênfase no aspecto da audição: “Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca” (v. 1). O paralelo “escutai”, “prestai ouvidos” traz o sentido de “ouvir com intenção”; em ambos, o sentido é de escutar com intuito de praticar a piedade¹¹⁶. A lei de Deus, a qual o salmista chama de “minha

¹¹⁵ Confira Dt 6.4-9; 11.18-21; 29.29.

¹¹⁶ אָזְנָה ('ōzen), orelha, ouvido (# 265); שָׁמַע ('zn l), denom. vb. hi. ouvir (→ # 263). No Antigo Testamento, o substantivo 'ōzen ocorre 187x no AT. Como era de esperar, a orelha/o ouvido é regularmente associado com o sentido da audição. Muitas vezes, algo é dito “aos ouvidos de” outras pessoas; em

lei” (v. 1) encontra lugar em ouvidos atentos, prontos a escutar. Isso nos traz a memória que a fé vem “pelo ouvir”¹¹⁷.

Uma vez que os ouvidos estão atentos, o salmista afirma que tem algo importante a dizer:

² Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. ³
O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais. (Sl. 78.2-3)

A palavra hebraica traduzida aqui por “parábolas”¹¹⁸ (v. 2) pode se referir a um ditado ou provérbio (cf. Pv. 1.6¹¹⁹); às vezes, aparece ou como uma passagem didática mais longa (cf. Pv. 1.8-19). Em alguns contextos, pode significar “governar”¹²⁰. “Enigmas”¹²¹ se referem a uma pergunta difícil que pede uma resposta. A questão

Deuteronômio 31.30, a NIV traduz isso como “à escuta de” (toda a assembleia de Israel). O ouvido pode ser descrito como atento (Ne. 8.3; Pv. 22.17; Is. 32.3) e tendo compreensão (Jó 13.1; Pv. 18.15). Em Jó 12.11, lemos: “Porque o ouvido prova as palavras, como o paladar, a comida.” (cf. Jó 34.3). Assim, da mesma maneira que a língua distingue entre comida boa e ruim, o ouvido deveria exercitar o poder de discernimento. Somente o que é visto como válido deveria ser “ouvido” e aceitado. Essa ênfase geral no ouvido como o órgão da audição está conectada com a importância vital de ouvir a lei, escutar a Deus e praticar a piedade (Ne 8.3; cf. Lv 26.14-17; Dt 4.1, 33; 6.3-4; → šm‘, ouvir, escutar, # 9048). A pessoa piedosa é sábia porque ela abre o seu ouvido a Deus, submete sua vontade à de Deus e imita o Senhor mostrando interesse e compaixão. Os sábios de Israel estabelecem uma ligação entre aquilo que alguém ouve ou vê e as ações dele (Pv. 4.20-27). Paul Trebilco, “אָזְנָה”, ed. Willem A. VanGemeren, Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, p. 331).

¹¹⁷ “¹⁷ E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo. ¹⁸ Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo”. (Rm 10.17-18).

¹¹⁸ מִשְׁלַּל mashal. Aparentemente procedente de 4910 em algum sentido original de superioridade em ação mental; DITAT - 1258a; n m

- 1) provérbio, parábola
 - 1a) provérbio, dito proverbial, enigma
 - 1b) provérbio
 - 1c) símile, parábola
 - 1d) poema
 - 1e) sentenças de sabedoria ética, máximas éticas

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

¹¹⁹ para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios. (Pv. 1.6).

¹²⁰ Gn. 1.18; 3.16; 4.7; 45.8

¹²¹ חִידָה chiydah, procedente de 2330; DITAT - 616a; n f

- 1) enigma, questão difícil, parábola, dito ou questão enigmática, palavra ou questão perplexa
 - 1a) enigma (expressão obscura)
 - 1b) adivinhação, enigma (para ser adivinhado)
 - 1c) questões perplexas (difíceis)

importante, levantada pelo salmista, é que aquilo que “ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais” (3b) devem ser transmitido às próximas gerações: “não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez” (4). Diferentemente do que se costuma pensar, ainda que tais feitos do SENHOR sejam misteriosos ou difíceis de contar – tais como parábolas e enigmas –, não devem ser ocultados dos filhos. Dito de outro modo, as lições da história de Israel deviam ser transmitidas aos filhos e netos, indispensavelmente. Estas lições objetivas da história não devem ser secretas, mas, antes, reveladas (v. 4)! A história actual era um registro do que Deus fizera em favor de seu povo; seus poderosos e maravilhosos feitos deveriam ser contados para gerar louvor e adoração¹²². Logo, as exigências básicas de Deus, expressas nas responsabilidades actuais, tinham que ser ensinadas geração após geração¹²³. O processo de educar gerações posteriores foi especificado pelo Senhor (vv. 5-6). A lacuna entre as gerações tinha de ser preenchida pela instrução, de modo que houvesse continuidade na transmissão dos estatutos e leis do Senhor. Tal transmissão se destinava a ser algo mais do que apenas conhecimento do passado (vv. 7-8); ela tinha como objetivo conduzir cada geração à confiança pessoal em Deus, de modo que o coração O reverenciasse e obedecesse.

Para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos; (Sl. 78.7).

De modo particular, isto evitaria o problema que surge com a geração no deserto, a qual repetidas vezes é caracterizada, como aqui, como sendo contumaz e rebelde¹²⁴. Ao comentar o Salmo 78, João Calvino descreve bem a intenção do autor:

[...] tudo faremos para transmitir a nossos filhos. Por esse meio remove-se todo pretexto de ignorância. Porque foi da vontade de Deus que essas coisas fossem publicadas de época em época, sem interrupção; de modo a serem transmitidas de pai para filho em cada família, para que pudessem atingir até a última família humana. (CALVINO, 2009-2012, p. 200)

1d) transação dúbia (com o verbo ter)

James Strong, *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

¹²² Joel adverte que suas palavras deveriam ser narradas às gerações seguintes: “*Narraí isto a vossos filhos, e vossos filhos o façam a seus filhos, e os filhos destes, à outra geração*”. (Jl. 1.3).

¹²³ Êx. 10.2; 12.26,27; Dt. 6.6-9,20-22; 11.19-21.

¹²⁴ Dt 9.6,7,13,24; 31.27; 32.20

Resumindo, a lei divina, instrução e feitos deveriam ser ensinados de geração em geração, por meio de uma educação familiar sucessiva – dos pais aos filhos, a fim de que a geração seguinte tivesse conhecimento de Deus e colocasse nEle a sua confiança. “A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura”. (Sl 22.30); “o pai fará notória aos filhos a tua fidelidade” (Is 38.19).

Além do Antigo Testamento, é possível encontrar textos no Novo Testamento que confirmam a necessidade de os pais ensinarem seus filhos no caminho do SENHOR.

3.3.3 Efésios 6.4 e a *paideia* cristã

No Novo Testamento, Efésios 6.4¹²⁵, talvez seja o texto mais conhecido e usado para se referir à Educação Religiosa dos filhos:

E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. (Ef. 6.4; cf. Cl. 3.21¹²⁶)

Efésios 6.4 traz duas palavras importantes que podem nos ajudar, e muito. É bem verdade que essas palavras podem ser usadas em outros contextos, mas certamente, são primordiais para o entendimento do papel dos pais na Educação Religiosa de seus filhos; elas são *disciplina* e *admoestação* (Almeida Revista e Atualizada¹²⁷).

A palavra para *disciplina*, no original, é *paideia*¹²⁸. Ela significa “educação – toda formação e educação dos filhos (tanto o cultivo da mente e da moral); inclui

¹²⁵ Embora Efésios 6.4 seja importante, há muitos outros textos que precisam ser mencionados: Êx. 20.12; Dt. 5.16, Gn. 18.19, Dt. 6.7, 11.19, Sl. 78.4, Pv. 22.6.

¹²⁶ “Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados”. (Cl 3.21).

¹²⁷ A Bíblia Nova Versão Internacional traz a seguinte redação: “Pais, não irriteis seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor. (Ef. 6.4, NVI, grifou meu). A Almeida Revista e Corrigida mantém a palavra admoestação e traduz disciplina por doutrina: “E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor”. (Ef 6.4, ARC).

¹²⁸ 3809 παιδεια *paideia*, de 3811; TDNT - 5:596,753; n f

1) todo o treino e educação infantil (que diz respeito ao cultivo de mente e moralidade, e emprega para este propósito ora ordens e admoestações, ora repreensão e punição). Também inclui o treino e cuidado do corpo

2) tudo o que em adultos também cultiva a alma, esp. pela correção de erros e contenção das paixões.

2a) instrução que aponta para o crescimento em virtude

2b) castigo, punição, (dos males com os quais Deus visita homens para sua correção)

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

mandamentos, admoestações, reprovação e punição”. Ela é mais bem traduzida como disciplina, uma vez que traz o sentido de um treino. *Paideia* tem a mesma raiz de *paidagogos*¹²⁹ (pedagogo), que é exatamente um guia, um tutor para crianças. Deste modo, pode-se afirmar que os pais, na condição de tutores e guias de seus filhos, devem conduzi-los de modo disciplinar, por meio de mandamentos e admoestações. Alguns, como Douglas Wilson, chamam essa disciplina de *formativa*¹³⁰.

A segunda palavra importante que aparece no texto é admoestação (*nouthesia*¹³¹). *Nouthesia*¹³² refere-se a uma advertência ou aviso para evitar

¹²⁹ 3807 παιδαγωγος *paidagogos* de 3816 e uma forma reduplicada de 71; TDNT - 5:596,753; n m

1) tutor, i.e., um guardião e guia de meninos. Entre os gregos e os romanos, o nome era aplicado a escravos dignos de confiança que eram encarregados de supervisionar a vida e a moralidade dos meninos pertencentes à elite. Aos meninos não era nem mesmo permitido sair de casa sem a sua companhia até que alcançassem a idade viril.

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

¹³⁰ Douglas Wilson afirma que a correção formativa é aquela que prepara os filhos para “um dia futuro, antecipando problemas comuns à vida, preparando seu filho e o mundo para dias difíceis”. (WILSON, Edição do Kindle, p. 45).

¹³¹ 3559 νουθεσια *nouthesia*, de 3563 e um derivado de 5087; TDNT - 4:1019,636; n f

1) admoestação, exortação

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

¹³² *nouthesia*. O verbo significa “dar entendimento”, “corrigir”, “pôr no coração”. A ênfase está em influenciar não apenas o intelecto, mas também a vontade e a disposição. A palavra adquire, assim, sentido tais como “admoestar”, “advertir”, “lembrar” e “corrigir”. Ela descreve um meio básico de educação. Filo e Clemente de Alexandria falam que Deus e Cristo nos advertem, repreendem e encorajam deste modo. A ideia não é de punição, mas de um apelo moral que conduz a uma reforma. Neste sentido, a palavra assume o significado de “disciplinar”. A filosofia, entretanto, não a utiliza tecnicamente para o seu próprio trabalho. A LXX faz pouco uso dela; ela significa “repreender” em 1Sm 3.13, “admoestar” em Jó 4.3 e “corrigir” em Jó 30.1; 36.12. O substantivo, que significa “admoestação” ou “correção”, é comum em Filo, para quem ele representa advertências divinas em distinção a punições divinas. O único uso da LXX está em Sb 16.6 (as pragas do deserto como advertência), porém Jó 5.17 tem o sinônimo *nouthétēma*. O grupo ocorre no NT apenas em Paulo. Em Ef. 6.4 o substantivo representa um meio de formação cristã, ou seja, a admoestação ou instrução que irá corrigir e não ofender. Em 1Co 10.11 os juízos de Deus no AT têm importância pedagógica; eles estão escritos para nossa instrução. O verbo denota uma função pastoral. Paulo adverte e ensina (Cl. 1.18) com vistas a levar os crentes à maturidade em Cristo. A admoestação é parte central da cura das almas (At 20.31). As críticas são palavras paternas de correção (1Co 4.14-15). As igrejas devem corrigir seus membros por meio de seus pastores (1Ts. 5.12) ou de suas ministrações recíprocas (1Ts. 5.14). Esta pode ser uma correção do insubmisso (2Ts. 3.15), como também uma última tentativa de recuperar hereges (Tt. 3.10). O uso pastoral continua comum nos pais apostólicos (1Clem. 7.1; Inácio Efésios 3.1; Hermas Visões 2.4.3), e a referência também pode ser a sermões de admoestação (2Clem. 17.3; Justino Apologia 67.4). [J. Behm e E. Würthwein, “noeō, nous, noēma, anōētos, ánoia, dysnoētos, diánoia, dianóēma, énoia, eunoēō, eúnoia, katanoēō, metanoēō, metánoia, ametanōētos, pronoeō, prónoia, hyponoeō, hypónoia, nouthetēō, nouthesia”, ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey W. Bromiley, trans. Thaís Pereira Gomes, Dicionário Teológico do Novo Testamento (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013), p. 716].

comportamentos aberrantes. Ela aparece em duas outras ocasiões no NT; em 1Coríntios 10.11, traduzida como *advertência* (ARA)

Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para *advertência* (*nouthesia*) nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado. (1Co 10.11, grifo meu).

Aqui o Apóstolo menciona os atos desobedientes de Israel, afirmando que eles servem, de modo pedagógico, como admoestação (aviso) aos leitores.

A outra ocorrência de *nouthesia* está em Tito 3.10:

Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo (*nouthesia*) primeira e segunda vez (Tt. 3.10, grifo meu)

Certamente, Paulo se refere a alguém que estava causando divisões na igreja; a ordem é para que ele seja *advertido ou chamado à correção* a fim de que deixe tais práticas.

Sendo assim, as palavras *paideia*¹³³ e *nouthesia* dizem respeito à educação das crianças, as quais necessitam de direção, ensino, instrução e disciplina. Novamente, Douglas Wilson afirma:

¹³³ **A. A orientação do conceito no mundo grego. O grupo caracteriza a cultura grega e permanece básico no desenvolvimento de toda a civilização ocidental – 1. A educação no lar entre os gregos:** (a) Até o tempo dos sofistas. *paideia* não é conhecida na Grécia de Homero, onde prevalece o princípio da nobreza, *areté* é um dom divino, a criação é física e a educação é simplesmente a transmissão de usos e costumes de acordo com a posição. Os sofistas desafiam o princípio aristocrático e avançam a ideia de que a cultura pode ser adquirida mediante o ensino, dando assim à *paideia* seu conceito e orientação. (b). O período clássico e o posterior. Platão faz distinção entre *paideia* e treinamento vocacional, mas inclui música e ginástica. Os pais são os responsáveis primários, mas carecem de orientação. Aristóteles faz distinção entre faixas etárias e considera essenciais a leitura e a escrita. O objetivo da educação pessoal é a virtude, e a felicidade é propiciada pela cultura. No estoicismo, o alvo, mediante o autoexame, é o cosmopolitismo helenístico. O ideal romano de firmeza de caráter como alvo da educação tem seu impacto aqui (cf. também o sistema espartano). Uma atitude heroica em relação ao destino oferece liberdade quanto aos valores mundanos e torna fácil até mesmo a renúncia à própria vida. Plutarco argumenta que a educação é apenas para os homens livres. A criança é como a terra, o professor é como o agricultor e o ensino é como a semente. Os meninos estão nas mãos de guardiões cuidadosamente selecionados, os quais, embora sejam escravos, são tutores particulares que instruem no temor de Deus, na retidão, na autodisciplina e na coragem. Os pais devem supervisionar, pois a cultura é de máxima importância, sendo divina e permanente. O próprio destino tem seu papel na *paideia* por seus castigos, mas a palavra não é usada para punição corporal no grego não bíblico. **2. O legislador e a *paideia*:** A educação na Grécia é uma questão pública, pois a relação com o Estado é debatida. Portanto, mesmo ideias a respeito da educação familiar são apresentadas como exigências legais. Por natureza, o homem está ordenado à *paideia*, e a *paideia* serve à segurança do Estado e à integração do indivíduo na sociedade. As leis, então, ordenam a educação. A *paideia* é o que distingue os humanos dos animais ou os gregos dos bárbaros. Platão entende que os mitos mentirosos devem ser descartados, e que a virtude é a essência da cultura, a qual requer compromisso pessoal. Aristóteles defende que o Estado deve impor a educação a todos os homens livres, embora os governantes se destaquem pela cultura superior bem como pelas riquezas. Para Aristóteles, a lei é o verdadeiro pedagogo. A educação serve a um fim social,

ou seja, à integração nas relações políticas dispostas pela lei. **3. A educação religiosa:** A *paideia* grega é fundamentalmente antropocêntrica, sendo cada pessoa a medida de todas as coisas (Protágoras). Platão, todavia, introduz uma transcendência absoluta, dando assim à *paideia* um aspecto teológico. A educação pressupõe o conhecimento do bem, que é a teologia. A razão pode controlar a educação, mas o cultivo e mesmo a salvação da alma é o que constitui a preocupação última. Aristóteles também encontra um lugar para a teologia, e seus sucessores entendem que a *paideia* nos coloca em pé de igualdade com os deuses. O elemento antropocêntrico continua, porém a *paideia* preenche a natureza humana e cumpre o seu destino ao conduzir o seu esforço em direção ao bem. **B. A educação no AT – 1. A disciplina de Deus mediante a lei e a sabedoria.** Originalmente, a tradição bíblica não possui qualquer vocabulário pedagógico. Deus é santo e exige santidade de seu povo escolhido. Violações dessa santidade são punidas ou expiadas. Visto que a santidade possui uma dimensão moral, os mandamentos morais são uma obrigação. Deus ajuda o povo da Aliança a guardar os mandamentos mediante a instrução, a punição e as recompensas. O registro dos atos de Deus, com a lei e a profecia, caracteriza e molda o povo. A lei é principalmente uma força educativa (Sl. 119). O pai é o seu guardião, incumbido de ensinar a nova geração (Gn. 18.19). Seu propósito é oferecer um padrão para o crescimento na fé e na ordem. Dentre as muitas palavras para instrução, *ysr* (com *musr*) é a que mais se aproxima da ideia de educação. Ela combina a ideia de “criação”, aprimoramento e cultura moral. Ela comunica a ideia de relações interpessoais e pode se referir à instrução da pessoa bem como à sua criação pessoal. Ela também traz o pensamento de censura, admoestação e de medidas disciplinares. Até mesmo a punição corporal está incluída (Pv. 13.24), pois ela guarda de coisas piores (23.13) e dá esperança de emenda (19.18). Contudo, ela precisa ser feita com amor e não com ira. A responsabilidade primária é do pai e da mãe (1.8). Provérbios trata também do cultivo do caráter dos adultos, assim como da educação das crianças. O temor de Deus é o início da sabedoria (1.7). O alvo da instrução é a sabedoria, a compreensão, a disciplina e a integridade (1.2ss.). A lei é uma lâmpada; e a sabedoria, uma luz (6.23). O que se busca é a educação moral. A pobreza e a vergonha perseguem os que a negligenciam (13.18; 24.32). Deus é a fonte última de toda instrução. O conteúdo da instrução é a confiança nele (3.11). O próprio Deus disciplina e corrige (Sl 16.7). Sua correção completa poderia destruir; por isso se pede moderação (6.1; 38.1). Seu castigo moderado é uma bênção (94.12). É o castigo de um pai amoroso. E se estende até o mundo dos gentios (94.10).

2. A disciplina de Deus na revelação profética: Os profetas relacionam a disciplina de Deus a seus atos históricos antes que ao ensino. Como ponto essencial da lei, essa disciplina serve a todo o povo (cf. Os. 10.12). O profeta possui compreensão da direção divina dos acontecimentos (cf. Is. 8.11), os quais podem assumir cursos diferentes (28.26). Deus ensina Israel ao destruir Jerusalém (Sf. 3.2, 7). Todavia, diante da teimosia, a instrução é inútil (Jr. 2.30; 5.3, etc.). Mesmo assim, Deus preserva seu povo, e há esperança de renovação (Jr. 30.11; 31.18). De forma semelhante, o sentido de advertência está presente em Ezequiel (5.15; 23.48). As experiências no deserto são um exemplo de instrução divina (Dt. 11.2). Visto que Israel é descrito como um indivíduo, o conceito intrinsecamente individual da educação se lhe é aplicado com facilidade, embora haja uma aplicação para os indivíduos como membros da comunidade da Aliança. **3. A reconstrução do conceito na tradução grega do AT:** A representação de Deus como Educador dá uma direção antropocêntrica ao caráter teocêntrico da revelação do AT. Os problemas de teodiceia fortalecem essa tendência, embora a ideia de provação preserve uma perspectiva mais teocêntrica. As noções de educação e de desenvolvimento permanecem na margem da Escritura, e enquanto o termo *paideia* possibilita aos tradutores do AT conferir uma interpretação pedagógica à história do AT, ele adquire o novo sentido de correção no processo. **(a). A literatura sapiencial:** Aqui, a disciplina paterna é o contexto para o pensamento pedagógico. O termo grego se adapta ao original e frequentemente significa “correção” (Pv. 29.19). A educação pelo sofrimento é pressuposta em Pv 3.11-12. Todavia, o grupo introduz também noções culturais que são mais característicos do judaísmo helenístico, p. ex., a da instrução intelectual (Pv. 1.8; 4.1, 13, etc.). A sabedoria é o supremo mestre, operando tanto pela lei quanto pela vida, e abrangendo mais do que razão humana. Posteriormente, o conceito de punição educativa está presente (cf. Sabedoria e Salmos de Salomão), embora não seja fácil distinguir o sofrimento disciplinar do justo do sofrimento penal do ímpio. A solução para o problema da teodiceia é a de que um Deus misericordioso é, de várias maneiras, o Educador do seu povo. E isso nem sempre é evidente. **(b). Salmos:** As referências aqui são para a correção de Deus ou à instrução na sua vontade. O substantivo tende a ter mais do sentido cultural grego, o verbo mais do sentido disciplinar bíblico. Na maior parte, os versículos relevantes pertencem à tradição sapiencial. **(c). Os Profetas:** Mais abertamente do que o original, a LXX apresenta aqui o tratamento de Deus como correção. A LXX admite que a verdadeira tarefa do profeta é instruir o povo por meio da sabedoria divina que lhe foi conferida (cf. Ez. 13.9; Am.

3.7). A educação de Deus é um dom gratuito ao povo da Aliança, não é um privilégio da raça humana como tal. O verbo grego *paideúein* pode significar “advertir”, “corrigir”, “castigar” ou “educar”, mas a criação de filhos está sempre subjacente, e o conceito vem abarcar a lei e todas as experiências de Israel após o êxodo (cf. Os 5.2). **(d). A apresentação da História:** Aqui, todo o tratamento de Deus, incluindo a entrega da lei e da sabedoria, é visto como obra de Deus, o Mestre. Se Deus ensina pelo sofrimento, ele também ensina pela lei e por seus estatutos. A lei se torna a base da cultura do judaísmo e é vista como o livro de educação para Israel e para a humanidade. Com ela, o judaísmo confronta o mundo com uma reivindicação suprema à cultura. Em sua disciplina, ela encontra a vida e a felicidade (Sir 24.27). **C. O conceito de *paideia* no judaísmo helenístico e rabínico – 1. *paideia* e *nómos* em Filo:** Filo encontra na *paideia* uma ponte entre a revelação do AT e a cultura grega. Nela, ele resume o conteúdo intelectual da tradição do AT para as pessoas educadas. Ele também usa o grupo para provar a superioridade da revelação do AT. *paideia* denota a educação e a cultura do indivíduo e do povo. Seu objetivo é a formação do caráter e a autorrealização. Uma clara cosmovisão e uma sabedoria prática estão incluídas. *paideia*, como um dom de Deus, desenvolve o espírito humano. O conteúdo do AT flui para essa forma grega. *paideia* é o agente da revelação do AT no mundo grego. Os pais são os principais educadores. Eles dão uma educação que termina na maturidade, embora *paideia* também abranja a autoeducação da vida adulta. Para Filo, a educação é primariamente para os meninos, mas ele entende que uma educação adequada deveria ser oferecida igualmente às meninas. A sinagoga instrui na piedade. Ela ensina as pessoas educadas a escolherem o que é certo do ponto de vista triplo do amor a Deus, à virtude e ao próximo. *paideia* é uma joia divina da alma divina. A expressão grega “conhece-te a ti mesmo” é vista em termos da expressão bíblica “guarda a ti mesmo” (Êx. 34.12). A autoeducação é assim reencaminhada ao mandamento divino. A preocupação com o único Deus e Criador dá à cultura judaica a sua superioridade. O cajado de Êx. 12.11 representa a *paideia*. Como um cetro, ele simboliza o governo de Deus, que é quem está por trás de toda *paideia*. *paideia* traz salvação. A alma alcança boas dádivas unicamente pelo exercício da virtude. *paideia* é um poço ou fonte com importância salvífica, desde que se reconheça que sua base última é unicamente a bondade de Deus. A maioria das pessoas pode atingir apenas a *paideia* ordinária (representada por Hagar) que os leva à sujeição às leis positivas das nações. Todavia isso produz fruto saudável, pois o bem é perene, e a *paideia* segue sua marcha, constantemente renovada, vicejando com eterno florir. Em última análise, *paideia* significa para Filo uma vida que é conduzida sob a direção do *lógos*, de quem procedem todas as potencialidades de sabedoria e de cultura. **2. A educação judaica-helenística em Josefo:** Josefo também reivindica a cultura e tem conhecimento de teoria educacional. Para ele, a educação abrange o ensino e a prática, e o seu alvo é a religião. A lei oferece a melhor combinação de ensino e prática. A obediência à lei, como até mesmo os estrangeiros percebem, é a base da educação judaica. Isso lhe concede uma inclinação volitiva e intelectual. Entretanto, Josefo aceita fundamentalmente a norma grega de cultura. Ele não procura dar ao grupo o seu sentido veterotestamentário de disciplina ou correção. Quando muito, os pais disciplinam pela admoestação. **3. Disciplina pelo sofrimento na teologia judaica posterior:** Os rabinos desenvolvem a ideia de que a educação de Deus consiste essencialmente em correção. O período dos Macabeus exerce aqui a sua influência. A correção é um privilégio filial; as nações ímpias são deixadas em sua prosperidade temporal, a qual as conduzirá à ruína final. A correção pode tomar a forma tanto de orientação como de castigo. Em declarações rabínicas, o castigo pressupõe culpa. Aqueles que o recebem devem examinar seus atos ou atribuí-lo à negligência da lei. Por vezes, pode dever-se simplesmente à correção amorosa. Todavia, mesmo esse conceito não chega a resolver completamente o problema da teodiceia. A solução pedagógica é uma solução antropocêntrica que não se encaixa bem com a reivindicação teocêntrica do AT de que a revelação de Deus é incondicional. **D. O conceito de *paideia* no NT – 1. A cultura grega e judaica no NT:** Dois versículos em Atos, sem importância teológica, evidenciam o uso helenístico. At 7.22 diz que Moisés fora educado em toda a sabedoria dos egípcios. Isso concorda com observações biográficas a respeito de grandes vultos. Em At 22.3 Paulo afirma que ele próprio foi educado em Jerusalém e instruído na lei. Ele pode assim entender a importância dessa educação, mas como cristão e apóstolo ele deve desafiar a reivindicação dos judeus de serem instrutores de ignorantes e mestres de crianças. A questão em Romanos não é meramente uma compreensão intelectual, mas a formação da vida segundo um estudo consistente e uma aplicação da lei. A palavra *paideutés* sugere orientação prática, e *áphronōn* denota aqueles que carecem de direção. **2. A lei como supervisor:** Jesus rejeita a reivindicação dos escribas e fariseus de serem mestres para o mundo (Mt. 23.15), e Paulo assume a mesma postura, citando Is. 52.5 e Ez 36.20 (Rm. 2.24). Para Paulo, a lei possui apenas uma validade limitada (Gl. 3.24). Seu tempo se encerra com Cristo. Ela é um *paedagōgós* enquanto formos menores de idade. Durante nossa menoridade estamos debaixo dela

A determinação de instruir filhos na *paideia* do Senhor é impressionante, principalmente porque não havia civilização cristã na qual os *enculturar*. A fim de cumprir tamanha exigência [...] os cristãos primitivos fizeram o que o apóstolo Paulo mandou fazer, e o resultado foi uma cultura cristianizada. Eles não o fizeram perfeitamente, e nós não estamos nem perto disso, mas aqueles crentes criaram uma cultura na qual era possível educar os filhos. (WILSON, Edição do Kindle, p. 49)

Concordando com Douglas Wilson, Willian Hendriksen diz:

Toda essa disciplina e admoestação devem ser “no Senhor”. [...] devem equivaler à educação cristã, e, em seu sentido mais amplo, por certo devem ser incluídas na aplicação à criança de um nobre exemplo de vida e conduta cristãs. Toda atmosfera em que a educação é dada deve ser tal que o Senhor ponha sobre ela seu selo de aprovação. (HENDRIKSEN, 1992, p. 312)

e nos encontramos virtualmente na posição de escravos. Todavia, com a fé atingimos a condição de filhos adultos e uma nova aproximação ao Pai, o que é muito melhor do que a dependência do melhor “pedagogo”. Embora Paulo aqui associe a lei com os “espíritos elementares”, ele não é contra a lei. Ela é um supervisor com uma função educacional. Portanto, ele continua a apelar a ela quando decisões devem ser tomadas na vida congregacional, interpretando o AT à luz de Cristo. **3. A educação de Deus:** Em Lc. 23.16, 20, *paideúein* é duas vezes usada para “castigar” na história da paixão. Esse uso não é atestado no mundo não bíblico, mas a surra faz parte da criação grega de crianças, e a palavra tem esse sentido no uso popular, se é que não o tem no uso literário. Hb. 12 trata da disciplina do sofrimento. O sofrimento é a correção do Pai em seu amor responsável. À luz da paixão de Cristo, o sofrimento é a garantia de filiação e, conseqüentemente, da graça e do perdão divinos. Não é apenas um treinamento atlético, mas uma associação com Cristo. É improvável que “para *paideia*” em 12.7 signifique que o alvo seja a “cultura” cristã. *Paideia* não é o alvo, mas o caminho; os crentes devem suportar, tendo por fim a educação. Como os pais terrenos exercem disciplina para o bem de seus filhos, assim também o Pai celestial disciplina os crentes com vistas à santidade (v. 10). Se a *paideia* é dolorosa a princípio, ela produz o fruto pacífico da justiça (v. 12). Uma compreensão escatológica eleva essa perspectiva acima da perspectiva da sabedoria prática, pois o fim é a participação na eterna adoração de Deus no céu. As cartas de Apocalipse ensinam essa mesma mensagem. Deus repreende e disciplina aqueles que ama (3.19). Os dois verbos aqui expressam prova amistosa, censura, castigo e educação, não num sentido moralizante, mas em termos dos tratamentos divinos. Em Tt. 2.12, igualmente, o querer amoroso de Deus como Pai está por trás da instrução. O alvo é a salvação (v. 11), e a palavra de Deus educa para ela mediante o chamado à renúncia da impiedade e o nutrir da esperança no aparecimento de Cristo. Em 1Co 11.32 Paulo assume a ideia de que a correção de Deus ao seu povo não envolve condenação, uma vez que esta é para o mundo. Essa correção é um derramamento do amor paternal. 2Co 6.9 traz o mesmo sentido. Os golpes que Paulo levou como apóstolo são a *paideia kyríou* (cf. 11.23). Eles têm uma aparência negativa, mas a realidade é vida, vitória sobre a morte e regozijo. **4. A disciplina cristã no NT:** A regra básica para a educação cristã é afirmada em Ef. 6.4. O próprio Senhor é quem educa através dos pais. Ele usa os meios ordinários da disciplina e da instrução para esse fim. Em 2Tm 3.16 a Escritura assume um papel indispensável; ela é proveitosa para o ensino, para a correção e para a instrução na justiça. Isso não contradiz Gl. 3.24. Ensinados pelos líderes cristãos, os membros das igrejas devem pôr em prática a justiça sob a direção da Escritura. Timóteo, em 2Tm 2.25, deve corrigir com mansidão aqueles que estão no erro, sem entrar em controvérsias insensatas que não promovem o desenvolvimento espiritual. Ele deve exercer uma influência educativa que Deus poderá usar para produzir arrependimento e esclarecimento. Em 1Tm 1.20, onde não há qualquer sujeito humano, o ponto principal é a correção antes que a destruição. Ainda que a ênfase esteja mais na punição do que na educação, o alvo é a reforma, e nesse sentido nós temos a *paideia* cristã (cf. a disciplina edificativa em At 5.1ss.; 13.6ss.). [G. Bertram, “paideiō, paideia, paideutēs, apaideutos, paidagōgós”, ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey W. Bromiley, trans. Paulo Sérgio Gomes, Dicionário Teológico do Novo Testamento (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013), 102–107]

Deste modo, os pais não aplicam a disciplina corretiva nos filhos como uma garantia de que eles serão salvos por ela, entretanto a aplicam porque esta é a ferramenta de Deus para que os filhos sejam educados “na disciplina e admoestação do Senhor”.

3.3.4 A educação religiosa no exemplo de Timóteo

Outro texto que exemplifica bem a importância da Educação Religiosa dos filhos é 2Timóteo 3.15:

[...] e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. (2Tm 3.15)

William Hendriksen relaciona diversos princípios e métodos de educação em Israel que nos ajudam na compreensão da passagem acima:

- (1) A educação judaica era definitivamente teocêntrica quanto a princípios, conteúdo e métodos. O israelita piedoso ensinava seus filhos porque o SENHOR lhe ordenava agir assim. Vemos isso em passagem como Gn. 18.19:

Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito. (Gn. 18.19¹³⁴).

¹³⁴ “[...] e para que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhos como zombei dos egípcios e quantos prodígios fiz no meio deles, e para que saibais que eu sou o SENHOR”. (Êx 10.2). ²⁶ Quando vossos filhos vos perguntarem: Que rito é este? ²⁷ Responderéis: É o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas. Então, o povo se inclinou e adorou”. (Êx. 12.26-27). ¹⁴ Quando teu filho amanhã te perguntar: Que é isso? Responder-lhe-ás: O SENHOR com mão forte nos tirou da casa da servidão. ¹⁵ Pois sucedeu que, endurecendo-se Faraó para não nos deixar sair, o SENHOR matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do homem até ao primogênito dos animais; por isso, eu sacrifico ao SENHOR todos os machos que abrem a madre; porém a todo primogênito de meus filhos eu resgato. ¹⁶ E isto será como sinal na tua mão e por frontais entre os teus olhos; porque o SENHOR com mão forte nos tirou do Egito” (Êx. 13.14-16). ⁹ Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos. ¹⁰ Não te esqueças do dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos” (Dt. 4.9-10). ⁷ tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. ⁸ Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. ⁹ E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas” (Dt 6.7-9). “Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos”. (Dt 11.19)

“[...] disse-lhes: Aplicai o coração a todas as palavras que, hoje, testifico entre vós, para que ordeneis a vossos filhos que cuidem de cumprir todas as palavras desta lei”. (Dt 32.46). “Os vivos, somente os vivos, esses te louvam como hoje eu o faço; o pai fará notória aos filhos a tua fidelidade”. (Is. 38.19)

- (2) O conteúdo desse corpo de educação teocêntrica era “O temor do Senhor é o princípio do saber, e o conhecimento do Santo é prudência” (Pv 1.7; 9.10). Este era também seu propósito: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (Ec 12.13).
- (3) Diante das diversas passagens citadas é possível afirmar que educação física, mental, moral e espiritual da criança estava centrada exclusivamente no lar, com a participação tanto do pai quanto da mãe. É o que pode ser visto no caso de Timóteo, cuja a “fé sem fingimento habitou em tua avó Loide e em tua mãe Eunice” (2Tm 1.5)¹³⁵.
- (4) As crianças, por sua vez, eram admoestadas a prestar atenção à instrução de seu pai e a não rejeitar o ensino de sua mãe¹³⁶. Eram ensinadas a honrar e a obedecer aos seus pais¹³⁷. As Escrituras deixam claro que não se deve permitir à criança fazer “o que lhe agrada”. Pais piedosos nunca infligiam essa crueldade a seus amados filhinhos!

Hendriksen afirma:

A razão pela qual não se deixava tudo a critério da criança consistia em que o pequenino era considerado não só imaturo (esta era uma razão por si só suficiente), mas também pecador por natureza, e portanto incapaz de escolher por si só o bem (Sl 51.5).

- (5) Compreendendo que nenhuma sabedoria ou piedade humana é capaz de competir com os tremendos prejuízos causados pelo pecado, os pais

¹³⁵ Possivelmente, a avó e mãe de Timóteo tiveram de assumir a educação religiosa dele, uma vez que a única menção de seu pai se encontra em At. 16.1.

¹³⁶ “Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe”. (Pv. 1.8). “Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe”; (Pv. 6.20).

¹³⁷ “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá”. (Êx. 20.12). “¹⁵ Quem ferir seu pai ou sua mãe será morto. ¹⁶ O que raptar alguém e o vender, ou for achado na sua mão, será morto. ¹⁷ Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe será morto”. (Êx. 21.15-17). “Se um homem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto; amaldiçoou a seu pai ou a sua mãe; o seu sangue cairá sobre ele” (Lv 20.9). “Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos” (Dt. 21.18). “Os olhos de quem zomba do pai ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos no ribeiro os arrancarão e pelos pintãos da água serão comidos”. (Pv. 30.17).

piadosos encomendavam seus filhos a Deus e ao seu benevolente cuidado (Jó 1.5¹³⁸).

- (6) Em Israel, a educação centrada em Deus tinha início quando a criança era ainda bem pequena¹³⁹.
- (7) Em meio à difícil tarefa de educar adequadamente seus filhos, os israelitas recebiam muito incentivo da promessa da Aliança de Deus:

Estabelecerei minha aliança entre mim e ti e tua descendência depois de ti no decurso das gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e de tua descendência” (Gn. 17.7¹⁴⁰)

Essas promessas são renovadas e reafirmadas na Nova Aliança:

³⁸ Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. ³⁹ Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar. (At 2.38-39)

De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão. (Gl 3.9).

E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gl. 3.29)

- (8) Uma vez que as crianças são pecadoras por natureza, mas passíveis de transformação pela graça divina, aplicava-se a elas a disciplina como algo proveitoso ou justo. Ainda que a repreensão sábia era considerada geralmente melhor que centenas de varadas, a vara da correção não era poupada:

O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina. (Pv 13.24)

¹³⁸ Decorrido o turno de dias de seus banquetes, chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração. Assim o fazia Jó continuamente. (Jó 1.5)

¹³⁹ ²⁷ Por este menino orava eu; e o SENHOR me concedeu a petição que eu lhe fizera. ²⁸ Pelo que também o trago como devolvido ao SENHOR, por todos os dias que viver; pois do SENHOR o pedi. E eles adoraram ali o SENHOR.” (1Sm 1.27-28). “Então, Elcana foi-se a Ramá, a sua casa; porém o menino ficou servindo ao SENHOR, perante o sacerdote Eli” (1Sm 2.11). ¹⁸ Samuel ministrava perante o SENHOR, sendo ainda menino, vestido de uma estola sacerdotal de linho. ¹⁹ Sua mãe lhe fazia uma túnica pequena e, de ano em ano, lha trazia quando, com seu marido, subia a oferecer o sacrifício anual”. (1Sm 2.18-19).

¹⁴⁰ “Considera a tua aliança, pois os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de violência”. (SI 74.20). ⁸ Lembra-se perpetuamente da sua aliança, da palavra que empenhou para mil gerações; ⁹ da aliança que fez com Abraão e do juramento que fez a Isaque”; (SI 105.8-9).

¹³ Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá. ¹⁴ Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno. (Pv. 23.13-14; cf. 17.10¹⁴¹).

(9) Acima de tudo, os pais amavam seus filhos e os educavam no espírito do amor:

Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem. (Sl 103.13).

(10) Ainda que os israelitas piedosos tomassem muitas decisões por seus filhos, eles os preparavam para saber escolher por si mesmos¹⁴².

(11) A educação em Israel era de um caráter muito prático. É possível que até mesmo as crianças menores muitas vezes aprendiam a ler e a escrever¹⁴³, embora seja impossível precisar a extensão dessa habilidade¹⁴⁴. É bem notório que ensinavam às crianças um trabalho e as estimulavam a aprender uma profissão.

(12) Quanto à metodologia, como regra geral, os israelitas não tinham aversão pela memorização. Até certo ponto, a necessidade exigia e o senso comum ditava que a memorização recebesse um lugar de proeminência no sistema educativo¹⁴⁵. Outro método que podemos encontrar nas Escrituras é aquele onde perguntas eram feitas pelas crianças, a fim de que os pais fossem provocados ao ensino dos mandamentos do SENHOR¹⁴⁶; este é o método adotado pelo Catecismo Maior de Westminster e Breve Catecismo.

¹⁴¹ Mais fundo entra a repreensão no prudente do que cem açoites no insensato. (Pv. 17.10).

¹⁴² “Porém, se vos parece mal servir ao SENHOR, escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam além do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR”. (Js. 24.15)

¹⁴³ “O resto das árvores da sua floresta será tão pouco, que um menino saberá escrever o número delas”. (Is. 10.19)

¹⁴⁴ ¹¹ Toda visão já se vos tornou como as palavras de um livro selado, que se dá ao que sabe ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele responde: Não posso, porque está selado; ¹² e dá-se o livro ao que não sabe ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele responde: Não sei ler”. (Is. 29.11-12).

¹⁴⁵ “Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali”. (Is 28.10).

¹⁴⁶ “Naquele mesmo dia, contarás a teu filho, dizendo: É isto pelo que o SENHOR me fez, quando saí do Egito”. (Êx. 13.8). “tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te”. (Dt 6.7). ²⁰ Quando teu filho, no futuro, te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que o SENHOR, nosso Deus, vos ordenou? ²¹ Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o SENHOR de lá nos tirou com poderosa mão. ²² Aos nossos olhos fez o SENHOR sinais e maravilhas, grandes e terríveis,

- (13) Ainda que, em princípio, a educação da criança fosse considerada como tarefa e responsabilidade só dos pais, é possível verificar que, em períodos posteriores, sacerdotes e levitas, profetas e tutores especiais (sobretudo no caso das famílias abastadas¹⁴⁷, “homens sábios”, escribas e rabinos, davam sua contribuição para elevar o nível cultural da juventude e da nação.
- (14) Uma referência importante quanto a essa questão da educação religiosa centrada no lar pode ser encontrada no livro do profeta Daniel. Ali, somos informados que quatro jovens, “*instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento*”, mesmo nas terras do exílio, se negavam, ainda que arriscando perder a vida, a contaminar-se ou a render homenagem a pessoa ou coisa que não fosse o Deus de seus pais.

Portanto, é bem possível que os métodos mencionados acima, uma vez colocados em prática na educação de Timóteo, fizeram diferença em sua vida, uma vez que somos informados que sua avó Loide e a mãe Eunice o haviam instruído “*desde a infância*”. A expressão “desde a infância” (*brephos*) pode se referir ao fato de que Timóteo foi ensinado desde que era um *bebê*¹⁴⁸. Em algumas passagens,

contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa; ²³ e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais. ²⁴ O SENHOR nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos e temêssemos o SENHOR, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje. ²⁵ Será por nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o SENHOR, nosso Deus, como nos tem ordenado”. (Dt 6.20-25). “Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos”. (Dt. 11.19). ²⁶ Pelo que dissemos: preparemo-nos, edifiquemos um altar, não para holocausto, nem para sacrifício, ²⁷ mas, para que entre nós e vós e entre as nossas gerações depois de nós, nos seja testemunho, e possamos servir ao SENHOR diante dele com os nossos holocaustos, e os nossos sacrifícios, e as nossas ofertas pacíficas; e para que vossos filhos não digam amanhã a nossos filhos: Não tendes parte no SENHOR. ²⁸ Pelo que dissemos: quando suceder que, amanhã, assim nos digam a nós e às nossas gerações, então, responderemos: vede o modelo do altar do SENHOR que fizeram nossos pais, não para holocausto, nem para sacrifício, mas para testemunho entre nós e vós. (Js. 22.26-28).

¹⁴⁷ “Concebi eu, porventura, todo este povo? Dei-o eu à luz, para que me digas: Leva-o ao teu colo, como a ama leva a criança que mama, à terra que, sob juramento, prometeste a seus pais?” (Nm. 11.12). “Davi o entregou nas mãos do profeta Natã, e este lhe chamou Jedidias, por amor do SENHOR”. (2Sm 12.25). “Achando-se em Samaria setenta filhos de Acabe, Jeú escreveu cartas e as enviou a Samaria, aos chefes da cidade, aos anciãos e aos tutores dos filhos de Acabe, dizendo” (2Rs 10.1). “Jônatas, tio de Davi, era do conselho, homem sábio e escriba; Jeiel, filho de Hacmoni, atendia os filhos do rei” (1Cr 27.32). “Reis serão os teus aios, e rainhas, as tuas amas; diante de ti se inclinarão com o rosto em terra e lamberão o pó dos teus pés; saberás que eu sou o SENHOR e que os que esperam em mim não serão envergonhados”. (Is 49.23).

¹⁴⁸ 1025 βρεφος brephos, de afinidade incerta; TDNT - 5:636,759; n n

brephos indica uma criança ainda não nascida¹⁴⁹; em outras, simplesmente uma criança bem pequena, um bebê ou infante. A pouca idade de Timóteo não foi impedimento, muito menos desculpa, para que a Educação Religiosa lhe fosse negada ou simplesmente adiada. Comentando sobre a educação dada a Timóteo, Calvino afirma:

[...] se porventura alguém tenha adquirido desde sua tenra juventude um sólido conhecimento das Escrituras, o mesmo deve considerar tal coisa como uma bênção especial da parte de Deus. (CALVINO, 2009, p. 262)

E foi exatamente isso que aconteceu na vida de Timóteo; além de ser muito abençoado em receber instrução religiosa em casa, já na fase adulta pôde responder à vocação pastoral com zelo, fazendo da Escritura seu guia¹⁵⁰.

Uma pergunta importante a ser respondida é: o que Paulo deseja indicar quando usa a expressão “sagradas letras”? Embora o uso do vocábulo *gramma*

-
- 1) criança não nascida, embrião, feto
 - 2) criança recém-nascida, infante, bebê

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

¹⁴⁹ βρέφος (*brephos*). n. masc. bebê, infante. Um bebê, recém-nascido ou ainda não nascido. Esta palavra refere-se especificamente a bebês ou crianças. Apenas Lucas usa essa palavra, especialmente em suas narrativas da infância, em referência a João antes de seu nascimento (Lc. 1.41, 44) e ao recém-nascido Jesus (Lc. 2.12, 16). Em Lucas 18:15, ele se refere às crianças que as pessoas estavam trazendo a Jesus; Jesus passa a se referir a essas crianças como παιδίον (*paidion*, “criança”). 1Pedro 2.2 refere-se a “recém-nascidos (ἀρτιγέννητος, *artigennētos*) bebês (*brephos*)”, que fornecem um modelo de como os cristãos devem desejar o puro leite espiritual. [(Isaac Blois, “Crianças”, ed. Douglas Mangum et al., Lexham Theological Wordbook, Lexham Bible Reference Series (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014)].

¹⁵⁰ “¹¹ Ordena e ensina estas coisas. ¹² Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. ¹³ Até à minha chegada, aplica-te à leitura², à exortação, ao ensino. ¹⁴ Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério. ¹⁵ Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto. ¹⁶ Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes”. (1Tm 4.11-16).

(γράμμα¹⁵¹) seja diversificado¹⁵², é possível afirmar que, aqui em 2Tm. 3.15, Paulo esteja se referindo aos escritos do AT, os quais ele chama no verso 16 de “toda Escritura”; além disso, a menção do Apóstolo que elas são “sagradas” e podem “*tornar-te sábio para a salvação*” e para que o “*homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado*” corroboram a convicção de que se trata dos escritos do AT.

Logo, o que se tem no caso de Timóteo é um bom exemplo de uma família dedicada na Educação Religiosa de seu filho, a qual se mostrou frutífera, tanto na vida

¹⁵¹ 1121 γράμμα *gramma* de 1125; TDNT - 1:761,128; n n

1) carta

2) qualquer escrito; documento ou registro

2a) nota promissória, conta, carta de fiança, cálculo, declaração escrita de um débito

2b) carta, epístola

2c) escrituras sagradas (do AT)

3) letras, i.e. aprendizagem

3a) de aprendizagem sagrada

James Strong, *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

¹⁵² O Dicionário Teológico do Novo Testamento traz as seguintes aplicações para o termo. Primeiramente, *graphé* no grego secular possui os sentidos: (1) O sentido primário é “escrito”, “caracteres escritos”, ou no sentido mais amplo, a “arte da escrita”. (2) Um segundo sentido é “copiar”, “desenho”, “figura”, “arte”. (3) Depois encontramos “declaração por escrito”, tal como a. uma “carta”; b. “parte de um escrito”; c. “registro” ou “documento” (p. ex., genealogia ou contrato); d. “lista”; e. “decretos”; f. “acusação”. (4) Um sentido posterior é “obra publicada” no sentido literário. (5) Depois temos “lei escrita”, “estatuto”, algumas vezes na LXX com a sugestão de “escritura sagrada” (1Cr 15.15; 2Cr 30.5). O termo também pode ser encontrado como se referindo à Escritura Sagrada: (1) *graphai* para as Escrituras (Sagradas), ou para a coleção de livros individuais. Os rabinos e Filo falam das Santas Escrituras, mas o próprio AT não o faz. O NT raramente se refere à Escritura como sagrada. Paulo usa *graphais hagiais* (não *hierais*) em Rm 1.2. Ele também chama a lei de *hagios* em Rm 7.12. Apenas em 2Tm 3.15 *hierós* é usado em relação à *graphai*. O uso do plural para todo o AT é comum em Filo e nos rabinos. O NT segue esse uso (cf. Mt 26.54). Em Mt 21.42 e 22.29, a referência pode ser a passagens individuais, mas normalmente toda a coleção está em vista (cf. Jo 5.39; At 17.2, 11; 18.24, 28; Rm 15.4; 16.26; 1Co 15.3–4). A um sentido em que *graphé* é usada para passagens individuais da Escritura. *hē graphé* nos Sinóticos, Atos e João pode denotar uma afirmação individual, como em Mc 12.10; At 1.16; 8.32, 35 e normalmente quando uma citação se segue, como em Jo 7.38; 13.18; 19.24. Em Paulo toda a Escritura está em vista em Gl 3.8, 22, mas em Gl 4.30; Rm 4.3; 9.17; 10.11 são textos individuais, talvez também em 11.2, embora o próprio Paulo não tenha feito uma clara distinção. Tg 2.23 se refere obviamente a uma única passagem, bem como Tg 2.8. O termo *graphé* também pode ser usado para um único livro. Não há ocorrências no NT com exceção de 2Tm 3.16, embora paralelos contemporâneos sugiram que ela signifique “todas as passagens”. E finalmente, *graphé* como ênfase da unidade da Escritura: a totalidade da Escritura do AT. O uso do singular para todas as Escrituras não ocorre em Filo ou Josefo e é possivelmente baseado no uso rabínico. Paulo o usa na personificação de Gl 3.8 (onde o sentido óbvio é que o próprio Deus fala por meio da Escritura), João em 2.22; 10.35; 17.12; 20.9 e Pedro em 1Pe 2.6; 2Pe 1.20. A igreja primitiva adotou esse uso e também incluiu o NT no cânon.

G. Schrenk, “gráphō, graphé, gramma, engráphō, prográphō, hypogrammós”, ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey W. Bromiley, trans. João Artur dos Santos, *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013), 142.

peçoal de Timóteo como servo de Cristo, como em seu ministério como pastor de ovelhas. Quanto a isso, mais uma vez podemos concordar com Calvino:

Ele [Paulo] enaltece a fé tanto de Timóteo quanto de sua avó e sua mãe, por cuja instrumentalidade fora educado em sua infância, de uma forma tal que ele pôde nutrir-se da piedade juntamente com o leite de sua mãe. Por meio dessa piedosa educação, Timóteo é admoestado a não apostatar de seu passado e de seus antepassados. (CALVINO, 2009, p. 198).

Portanto, o que se pode afirmar até aqui é que a família desempenha papel fundamental quanto ao ensino dos mandamentos divinos aos filhos. Abnegar-se dessa responsabilidade, além de ser incoerente com a Teologia da Aliança, pode trazer consequências danosas, e eternas, aos filhos.

3.3.5 O culto doméstico

É bem provável que o culto doméstico seja a mais conhecida e necessária [e porque não dizer, a mais negligenciada], prática para Educação Religiosa dos filhos. Essa negligência não é comum apenas em nossos dias; por exemplo, em 1679, o Sínodo da Nova Inglaterra reconheceu que “muitas famílias não oram a Deus constantemente, de manhã e à noite; não leem as Escrituras todos os dias e que há casas repletas de ignorância e profanidade” (ROBERTS *apud* MARCELINNO, 2016, p. 13). Já em 1847, o pastor presbiteriano James W. Alexander afirmou que o

O culto familiar perdeu seu lugar. Há muitos chefes de família, membros de nossas igrejas, e (de conformidade com uma informação pouco confiável) alguns pastores e diáconos que não mantêm nenhum culto de adoração a Deus em suas casas. (ALEXANDER *apud* MARCELLINO, 2016, p. 14)

Por isso, o culto doméstico deve ser resgatado urgentemente, caso se queira, de fato, educar os filhos quanto aos mandamentos do Senhor.

Entende-se o culto doméstico como sendo aquele momento oportuno, em geral separado previamente, onde os membros da família podem se reunir para (1) lerem a palavra de Deus e serem instruídos nela, (2) orarem e (3) cantarem louvores ao Senhor. Conquanto o culto doméstico não seja o único fator a ser verificado em uma família, ele “determina como as coisas andam no lar” (BEEKE, edição do Kindle, posição 102).

Jason Helopoulos, em seu belo livro *Culto em família: uma bênção à sua espera*, traz algumas afirmações muito interessantes sobre o culto doméstico. Primeiramente, ele diz que o *culto doméstico é feito para adoradores*. Parece uma

afirmação mais do que óbvia, mas decisiva quanto à compreensão pela qual fomos criados. Adoração é o cerne da vida humana. Somos dirigidos e adoramos aquilo que amamos.

Não há nada mais crucial para a compreensão da vida que o fato de termos sido criados por Deus para adorá-lo. Esse é o cerne do significado de ser humano. Adorar não é algo que devemos fazer; é algo que desejamos fazer". (HELOPOULOS, 2016, pp. 17-18).

Em decorrência disso, Jason afirma que existem três âmbitos para a adoração cristã – *a individual ou particular, a coletiva e a familiar*; naquilo que nos interessa neste momento, pode-se afirmar que a adoração familiar deve ser entendida como sendo aquela esfera onde aqueles que vivem sob o mesmo teto se reúnem para um tempo de adoração conjunta.

Em segundo lugar, o cristão será beneficiado ao praticar o culto particular, o culto coletivo e o culto em família. Cada um desses âmbitos da adoração cristã depende um do outro. A negligência do culto coletivo trará prejuízos a minha adoração particular e familiar; a ausência de adoração familiar afetará minha adoração coletiva e particular e assim por diante.

E, por fim, cada uma dessas esferas de adoração foi designada por Deus para o nosso bem. Elas existem como meios pelos quais manifesta a sua graça e edifica a sua Igreja. No que diz respeito ao tema deste trabalho, a adoração familiar – e as outras duas – existem para que a graça de Deus seja visivelmente manifesta na vida das crianças, as beneficiárias da Aliança.

3.3.5.1 As Escrituras revelam a importância e a responsabilidade do culto doméstico

É bem possível que o registro mais antigo para o culto doméstico esteja em Genesis 18.19. Deus havia escolhido Abraão para que:

[...] ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito. (Gn 18.19)

Além disso, quando estavam prestes a adentrar a terra de Canaã, Deus relembra o povo de Israel acerca do *lugar* (em casa) e das *responsabilidades* (ensinar as verdades de Deus aos filhos).

Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado *em tua casa*, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. (Dt 6.6-7, grifo meu).

Já mencionamos as implicações de Deuteronômio 6 anteriormente; basta explicar aqui que o culto doméstico é uma oportunidade singular para que as verdades de Deus sejam ensinadas aos filhos. Deste modo, pais podem impactar a vida espiritual de seus filhos simplesmente lendo e ensinando a Bíblia em casa; insistimos que o culto doméstico é um dos meios mais eficazes para que ensinem os seus filhos.

3.3.5.2 Deleitosa responsabilidade do culto doméstico:

É bem provável que os pais não realizam culto doméstico com frequência por considerar sua prática extremamente difícil. Como manter crianças quietas durante o culto? Não negamos que tentativas mal-sucedidas podem acabar por desanimar os pais até que a prática seja definitivamente abandonada. A primeira questão a ser considerada é que o culto doméstico deve ser visto e praticado com deleite; sim, é um privilégio gracioso para os pais ensinarem a seus filhos verdades tão preciosas e eternas no ambiente do lar. Reafirmamos, o culto doméstico é aquele período no qual os pais, reunidos com seus filhos, adoram a Deus e os ensinam a fazerem o mesmo. É óbvio que outros momentos serão encontrados para se fazer isso (cf. Dt. 6.7), mas o culto doméstico deve ser valorizado e incentivado.

3.3.5.3 O culto doméstico como testemunho para a próxima geração.

Uma questão interessante no exercício do culto doméstico é que ele serve como testemunho às próximas gerações. Como já foi mencionado, os pais cristãos possuem a responsabilidade de ensinarem seus filhos primária e diretamente; está é, basicamente, a essência do que encontramos em Dt. 6.20-21:

²⁰ Quando teu filho, no *futuro*, te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que o SENHOR, nosso Deus, vos ordenou? ²¹ Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o SENHOR de lá nos tirou com poderosa mão. (Dt. 6.20-21, grifo meu)

Mais do que um bom relacionamento familiar, a passagem nos revela que é no convívio do lar que os pais podem, e devem, compartilhar os “testemunhos, e estatutos, e juízos que o SENHOR, nosso Deus” (20). Assim, ainda que algumas crianças não estivessem presentes, por exemplo, na saída do povo do Egito, elas podiam ser ensinadas por seus pais no ambiente familiar e tomarem conhecimento da Aliança que Deus firmou com o seu povo. Esta é a verdade já mencionada no Salmo 78.3-4.

Portanto, o culto doméstico se torna um elemento primordial para que essa transmissão do conhecimento de Deus seja realizada; ele não é o único momento para que isso aconteça, mas certamente, uma vez colocado em prática, trará grande benefício à família e as futuras gerações.

Lembrem-se de que a cada culto doméstico, vocês estão conduzindo seus filhos à presença do Altíssimo. Busquem graça para trazer a bênção do Deus Todo-Poderoso para sua casa. (BEEKE, 2013, posição 517-523)

Finalizando esta parte, Beeke faz algumas afirmações que devem levar os pais a uma séria e profunda reflexão quanto as suas responsabilidades em conduzir seus filhos no culto doméstico; e não apenas isso, mas em apresentar as verdades de Deus a eles:

Devemos viver e conduzir o culto doméstico de tal forma que nossos filhos não sejam capazes de dizer: “Estou com os pés e as mãos amarrados, sendo lançado na escuridão eterna por causa de sua negligência paterna, de sua hipocrisia e de sua complacência em relação às coisas de Deus. Pai, mãe, por que vocês não foram fiéis comigo?” (BEEKE, 2013, posição 538).

Certamente, nenhum pai gostaria de ouvir essa pergunta de seus filhos no Dia do Juízo Final. Que tal agirem para que isso não aconteça?

3.3.6 Incentivando os filhos ao Dia do SENHOR e à adoração comunitária

Temos visto que o culto doméstico é de extrema importância se desejamos colocar em prática a Educação Religiosa dos filhos da Aliança, mas não devemos desconsiderar que o culto público possui, também, muita importância nesse processo. Não está em pauta aqui discutir qual dos dois é mais importante, se o culto doméstico ou coletivo, a adoração na família ou na igreja; mas, certamente, há uma influência entre um e outro, de modo que só é possível encontrar sentido no culto doméstico quando a família participa da adoração coletiva e vice-versa.

3.3.6.1 A importância do culto público

Filhos que adoram a Deus em culto doméstico logo aprenderão que a adoração não é algo ocasional; certamente, aprenderão que a adoração envolve toda a vida (Dt. 6.6-9). O resultado disso é que os filhos verão o Dia do SENHOR e a adoração comunitária como um encontro bendito, no Dia bendito, para adoração conjunta com aqueles que bendizem a Deus.

A Escritura faz menções de famílias adorando juntas:

¹⁰ Vós estais, hoje, todos perante o SENHOR, vosso Deus: os cabeças de vossas tribos, vossos anciãos e os vossos oficiais, todos os homens de Israel, ¹¹ os vossos *meninos*, as vossas mulheres e o estrangeiro que está no meio do vosso arraial, desde o vosso rachador de lenha até ao vosso tirador de água, ¹² para que entres na aliança do SENHOR, teu Deus, e no juramento que, hoje, o SENHOR, teu Deus, faz contigo; ¹³ para que, hoje, te estabeleça por seu povo, e ele te seja por Deus, como te tem prometido, como jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó. (Dt 29.10-13).

Palavra nenhuma houve, de tudo o que Moisés ordenara, que Josué não lesse para toda a congregação de Israel, e para as mulheres, e os meninos, e os estrangeiros que andavam no meio deles. (Js 8.35).

Todo o Judá estava em pé diante do SENHOR, como também as suas crianças, as suas mulheres e os seus filhos. (2Cr 20.13)

¹⁵ Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembleia solene. ¹⁶ Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam; saia o noivo da sua recâmara, e a noiva, do seu aposento. (Jl 2.15-16).

Em especial, após essa convocação mencionada em Joel, o SENHOR anuncia o derramamento do Espírito, o qual incluía os filhos e foi cumprida no Dia de Pentecostes:

²⁸ E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; ²⁹ até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. ³⁰ Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. ³¹ O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR. ³² E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar. (Jl 2.28-32).

No Novo Testamento, crianças são mencionadas, coparticipando em atos religiosos públicos, tal como acontecia no Antigo Testamento. Quando Paulo estava deixando os discípulos em Tiro pela última vez, lemos:

Passados aqueles dias, tendo-nos retirado, prosseguimos viagem, acompanhados por todos, *cada um com sua mulher e filhos*, até fora da cidade; ajoelhados na praia, oramos. (At. 21.5, grifo meu)

A profecia de Joel assegura que as promessas são “para vós outros” e “para vossos filhos” (At 2.39).

Portanto, é possível afirmar que a regra é que os filhos da Aliança devem estar presentes com a congregação no culto. Uma vez que fazem parte do Corpo de Cristo, devem estar no culto. Isso faz parte da essência de quem eles são como filhos da Aliança; contudo, isso não é o mesmo que dizer que seja sempre necessário que esses pequeninos estejam presentes em todo tipo de reunião congregacional.

Algumas reuniões podem não ser apropriadas para crianças muito pequenas. No Velho Testamento, por exemplo, é possível verificar que três vezes ao ano apenas os homens apareciam perante o Senhor. Neemias 8.2 registra:

Esdras, o sacerdote, trouxe a Lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres e *de todos os que eram capazes de entender o que ouviam*. Era o primeiro dia do sétimo mês. (Ne 8.2, grifo meu)

Há ocasiões em que as reuniões podem ser especialmente preparadas para homens, ou pastores, ou alguma outra ocasião especial. Algumas podem ser demasiadamente longas para crianças pequenas, como no caso de conferências com múltiplas sessões, ou com assuntos que estejam além de sua compreensão. Contudo, essas reuniões são primariamente mais para instrução do que para culto. Salvo tais exceções, o que se deve fazer, certamente, é:

Diga-lhes [aos filhos] sobre o dever e o privilégio de ir à casa de Deus, unindo-se às orações da congregação. Diga-lhes que, onde quer que o povo do Senhor esteja reunido, lá Ele está presente de maneira especial, e que aqueles que se ausentam devem esperar, como o apóstolo Tomé, perder uma bênção. Diga-lhes da importância de ouvir a Palavra pregada, que é uma ordenança de Deus para converter, santificar e edificar as almas dos homens. Diga-lhes como o apóstolo Paulo ordena “não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns” (Hb. 10.25), mas que nos admoestemos e estimulemos uns aos outros, e tanto mais quando vemos que aquele dia se aproxima. (RYLE, 2012, p. 27)

3.3.6.2 *Ensinando os filhos a ouvir sermões*

Ainda dentro do aspecto da adoração comunitária, há outra questão de grande importância que precisa ser mencionada, que é *ensinar os filhos a ouvir sermões*. A importância da pregação se dá, basicamente, pelo fato de que “a fé vem pela pregação¹⁵³, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17).

¹⁵³ 189 ακοη akoe de 191; TDNT - 1:221,34; n f

- 1) o sentido de ouvir
- 2) o órgão de audição, o ouvido
- 3) aquilo que é ouvido
 - 3a) instrução (oral)
 - 3a1) pregação do evangelho
 - 3b) boato, relatório, notícia, rumor

James Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

akoé. Esse termo comum tem sentido ativo 1. “sentido da audição” e passivo de 2. “relato”. No NT, pode significar “pregação” com ênfase no ouvir (cf. 1Ts 2.13; Rm 10.16ss.; Hb 4.2). Em Gl. 3.2, o ponto não é “audição com fé” mas “pregação da fé”, ou seja, fé como conteúdo e objetivo. No mundo pagão,

Calvino acentuava o ouvir da palavra pregada por duas importantes razões. *Primeiro*, ele acreditava que poucas pessoas ouviam bem os sermões.

Perante cem pessoas praticamente se prega o mesmo sermão: vinte o recebem com a pronta obediência da fé; os outros, ou o consideram de nenhuma importância, ou o escarnecem, ou vão, ou abominam. (CALVINO, 2006, p. 438)

Ainda que Calvino mencione que do coração destes vinte a “malícia imperaria também no coração [...] se o Senhor por sua graça e bondade não os corrigisse” (*Ibid*), não isenta os que repudiam os sermões, uma vez que “ninguém perece sem que o mereça”. Assim, é importante que os pais conduzam seus filhos, ainda que em tenra idade, para eles aprendam a ouvir sermões. Calvino destacou o ouvir adequado, por causa do seu alto respeito pela pregação. Ele via a pregação como um meio que Deus usa para outorgar salvação e bênção. Para ele, o Espírito Santo é o ministro interno que utiliza o “ministro externo” da palavra pregada.

Certamente, a Palavra de Deus “é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb. 4.12). Por isso este:

Poder deve ser manifestado em nossas vidas, nossos lares, nossas igrejas e nossas comunidades. Nós devemos mostrar que, embora outros livros possam nos transformar ou mesmo nos reformar, apenas um livro pode nos transformar, conformando-nos à imagem de Cristo. (BEEKE, Edição do Kindle, p. 8)

Essa devida importância à pregação da Palavra de Deus é mencionada pelo Catecismo Maior de Westminster, na pergunta 160:

Que se exige dos que ouvem a Palavra pregada?

Exige-se dos que ouvem a Palavra pregada que atendam a ela com diligência, preparação e oração; que comparem com as Escrituras aquilo que ouvem; que recebam a verdade com fé, amor, mansidão e prontidão de espírito, como a Palavra de Deus; que meditem nela e conversem a seu respeito uns com os outros; que a escondam nos seus corações e produzam os devidos frutos em suas vidas¹⁵⁴.

akoái era usado, também, para designar os ouvidos colocados nas paredes do santuário para simbolizar que a divindade era ouvida. O singular *akoé* podia também ser o lugar em que se ouvia vozes misteriosas nos templos. [Gerhard Kittel, “akoúō, akoé, eisakoúō, epakoúō, parakoúō, parakoé, hypakoúō, hypakoé, hypékoos”, ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey W. Bromiley, trans. Afonso Teixeira Filho, Dicionário Teológico do Novo Testamento (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013), 39.]

¹⁵⁴ Dt. 6.6,7; Sl. 84.1,2,4;119.11,18; Lc. 8.18; 1Pe. 2.1-2; Ef. 6.17-18; At. 17.11; Hb. 2.1;4.12; Tg. 1.21.

Portanto, a pregação da Palavra de Deus deve ser vista pelos pais, e ensinada aos seus filhos, como um privilégio extremamente importante. Estar no culto não é apenas uma questão de presença física, mas de alimentação espiritual.

Finalmente, ainda que os pais não consigam medir ou verificar o valor que seus filhos dão aos meios de graça agora, façam, eduque-os para o hábito da frequência regular. Consolidem isso diante de suas mentes como um elevado, sagrado e solene dever na expectativa de chegará o dia, em que eles lhes agradecerão por sua ação.

3.4 A igreja como colaboradora na Educação Religiosa dos filhos da Aliança.

Tendo verificado a importância e o papel da família, faz-se necessário olharmos para a igreja como colaboradora na Educação Religiosa dos filhos da Aliança¹⁵⁵. Uma vez que se concorde que os pais e a igreja possuem papéis importantes, um não pode sobrepor-se ao outro, muito menos se menosprezar. Este princípio pode ser encontrado na Primeira Epístola de Paulo a Timóteo, no capítulo 5; embora o contexto ali seja o cuidado com as viúvas, pode-se encontrar aplicações úteis quanto aos cuidados dos pais e da igreja na Educação Religiosa dos filhos da Aliança. O verso 16 nos revela o princípio defendido por Paulo:

Se alguma crente tem viúvas em sua família, socorra-as, e não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas (1Tm 5.16).

Trata-se, como dito, da preocupação de Paulo quanto ao cuidado com as viúvas; mas a sua preocupação é com aquelas *verdadeiramente viúvas*, ou seja, aquelas que não possuíam “filhos ou netos” (v. 4). E, qual era a razão disto? Para que a igreja não ficasse sobrecarregada. Pensando no tema da Educação Religiosa dos filhos da Aliança, pode-se aplicar a mesma advertência e princípio. Cabe,

¹⁵⁵ Baucham relaciona quatro razões pelas quais os pastores de família não devem desprezar a membresia da igreja. (1) Há uma identificação de Cristo com a igreja. Ainda que a igreja local possua limitações e sejam encontradas nela “machas” e “rugas”, os filhos podem reconhecer ali a verdade do Evangelho. (2) A igreja é um local de edificação. O pastor da família deve incentivar os seus para que façam parte de uma igreja local saudável, pois nela se encontram os meios de graça ordinários, essenciais para o crescimento e edificação espiritual. Certamente, deixar ou negligenciar a participação em uma igreja local saudável acarretará grandes prejuízos à educação religiosa dos filhos, uma vez que tal atitude é a quebra da ordenança de não deixar de congregar (Hb. 10.25). (3) As famílias servem como cooperadoras da igreja. Uma família bem dirigida espiritualmente causará um grande impacto na vizinhança e, certamente, nas “causas” da igreja local. Imagine diversas dessas famílias trabalhando de maneira cooperativa! E finalmente, (4) uma família deve participar de uma igreja local por causa da prestação de contas. A igreja, neste caso, serve como auxílio para lidar com questões doutrinárias e disciplinares, por exemplo. (BAUCHAM, 2015, pp. 195-203).

prioritariamente, aos pais educar os filhos quanto a fé cristã; é deles o papel primordial e mais importante neste processo. Neste caso, a negligência dos pais não pode sobrecarregar a igreja. Como afirma Baucham:

Tem de haver equilíbrio. Nosso compromisso certamente é com Cristo e sua noiva, a igreja. Porém, nossas obrigações como maridos, esposas, mães, pais, filhos e filhas são uma parte crucial desse compromisso. A dinâmica igreja e família não é um cenário em que uma coisa exclua a outra. Esse é o caso em que temos de nos envolver com ambos (BAUCHAM, 2015, p. 30)

Ainda sobre isso, o púlpito não pode, nem deve, substituir o trabalho de pais negligentes; dito de outro modo, cabe aos pais assumirem suas responsabilidades quanto à Educação Religiosa dos filhos, e não encarregarem tal tarefa ao pastor, que deve ajuda-los (incluindo os filhos) a verem a importância e a relevância da Palavra de Deus.

A igreja, no Novo Testamento, e particularmente no ensino de Paulo, encontra diversas caracterizações, natureza e funções. Talvez o mais proeminente e difundido seja o ensino paulino sobre a igreja como o “corpo de Cristo”¹⁵⁶. A ênfase nesta descrição está no relacionamento entre Cristo como a “Cabeça” e a igreja como seu “Corpo”, indicando tanto a autoridade e o senhorio de Jesus sobre a igreja quanto sua provisão para a igreja. Nesta igreja há dons (Ef. 4.11), cujo propósito é o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef. 4.12). É importante mencionar que o trabalho de equipar os crentes para o trabalho do ministério é colocado nas mãos de oficiais espiritualmente dotados e devidamente nomeados na igreja. Deste modo, embora os pais tenham a responsabilidade dada por Deus de servir como líderes espirituais em seus lares, a esfera familiar deve ser considerada distinta da esfera eclesiástica.

¹⁵⁶ “Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função”. (Rm 12.4). “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo”. (1Co 12.12). “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”. (Ef 4.11). “[...] porque somos membros do seu corpo” (Ef 5.30).

Outra imagem da igreja encontrada no Novo Testamento é a da “casa” ou “família de Deus”¹⁵⁷. Em 1 Timóteo 1.15, Paulo fala dos crentes como “casa¹⁵⁸ de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. Há uma importante correlação entre a supervisão de um homem sobre sua família natural e sua qualificação para supervisionar os assuntos da igreja no papel de presbítero¹⁵⁹. Também há uma relação entre a família e a igreja, quando Paulo orienta ao jovem pastor Timóteo ao trato dos idosos como seus “pais” e “mães” (1Tm. 5.1). Isso remonta ao ensino de Jesus de que todos aqueles que fazem a vontade do Pai são seus “irmãos” e “irmãs”¹⁶⁰. Paulo encoraja as mulheres mais velhas a treinar as mulheres jovens como as mães fariam com suas filhas na casa natural, encorajando-as a amar seus maridos e filhos, a trabalhar em casa e a serem submissas a seus próprios maridos¹⁶¹. O mesmo acontece aos homens mais velhos da igreja em relação aos homens mais jovens, que precisam estar fundamentados na Palavra de Deus e aprender a vencer o Maligno¹⁶². Essa imagem acentua mais profundamente o fato de que a igreja é construída sobre o modelo da família natural como seu equivalente espiritual.

¹⁵⁷ “[...] e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito”. (1Tm 3.4). “Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos;” (1Tm 5.1). “Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina” (Tt 2.1ss).

¹⁵⁸ A palavra οἶκος (*oikos*), traduzida em 1 Timóteo 1.15 como *casa* “refere-se tanto ao prédio onde mora uma família quanto à própria família como grupo social que ali vive. O NT parece usar *oikos* e *oikia* virtualmente de forma intercambiável para se referir tanto à casa física quanto à casa ou família. Por exemplo, em Atos 16.31 a casa do carcereiro de Filipos é referida com *oikos* e como *oikia* em Atos 16.32. Thom Blair, “Família”, ed. Douglas Mangum et al., Lexham Theological Wordbook, Lexham Bible Reference Series (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).

¹⁵⁹ “[...] e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito” (1Tm 3.4). Embora a distinção entre igreja e família seja necessária, Paulo revela que elas continuam ligadas, uma vez que o requisito para que alguém governe na igreja é que ele faça isso de maneira aceitável no lar.

¹⁶⁰ “Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”. (Mc. 3.35). “Ele, porém, lhes respondeu: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam”. (Lc. 8.21).

¹⁶¹ A fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, 5 a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada. (Tt 2.4-5).

¹⁶² Pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevo, porque tendes vencido o Maligno (1Jo 2.13).

Além disso, o Novo Testamento usa outras metáforas para a igreja, incluindo a de uma “casa espiritual”¹⁶³ ou o “templo do Espírito Santo”¹⁶⁴ e a da “noiva de Cristo”¹⁶⁵. Portanto, é melhor entender a metáfora da “família” para a igreja como transmitindo a noção de que análogo ao lar natural, os crentes, em virtude de sua fé comum em Jesus Cristo, são adotados na família de Deus, a igreja, e assim se tornam espirituais. São “irmãos” e “irmãs” em Cristo. O princípio importante a ser lembrado é que isso ocorre com base na fé pessoal, além da filiação familiar. Essa realidade em nada diminui a importância da família, especialmente a de criar os filhos para conhecer o Salvador. As esferas da família e da igreja devem permanecer distintas, no entanto, não devem ser desmoronadas a ponto de se tornarem quase indistinguíveis.

Logo, podemos identificar que há certas diferenças entre a igreja e a família. *Primeiramente*, podemos afirmar que cabe a igreja, não a família, primariamente, o encargo da pregação do Evangelho a um mundo perdido e cumprir a Grande Comissão; em *segundo lugar*, a igreja é chamada para adorar a Deus, evangelizar e discipular as nações. Os pais crentes têm um papel importante a desempenhar, mas isso não altera o fato de que a igreja recebeu a tarefa de discipular indivíduos e ensiná-los a obedecer a tudo o que o Senhor Jesus Cristo ordenou que eles fizessem¹⁶⁶. *Terceiro*, a igreja é chamada para administrar as ordenanças do batismo e da Ceia do Senhor¹⁶⁷; não há indicação nas Escrituras de que os pais em seu papel de chefes de família sejam chamados a administrar o batismo ou a Ceia do Senhor para suas respectivas famílias. Esta é uma função da igreja e seus líderes, não de unidades familiares individuais ou coletivas. Como afirma Beeke:

¹⁶³ “[...] também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1Pe 2.5).

¹⁶⁴ “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3.16). “²¹ no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, ²² no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito”. (Ef. 2.21-22).

¹⁶⁵ Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. (Ef 5.32).

¹⁶⁶ “¹⁹ Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ²⁰ ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”. (Mt 28.19-20).

¹⁶⁷ “E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim”. (Lc 22.19). “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”. (At 2.42).

Aqueles de nós que são pastores devem informar amorosamente os chefes de famílias de nossas igrejas que eles devem comandar sua família na adoração a Deus, conforme fez Abraão. (cf. Gn 18.19). (BEEKE, 2013, p. 241)

Deste modo, a igreja deve fazer todo possível para fortalecer o vínculo matrimonial e os laços familiares, o que inclui a Educação Religiosa dos filhos da Aliança. Deve ensinar aos jovens casais os papéis bíblicos apropriados de marido e mulher e o plano de Deus para que eles estabeleçam uma família e deve encorajar casamentos e famílias existentes a testemunhar a bondade, sabedoria e fidelidade de Deus em Cristo para a cultura circundante. Deve se modelar segundo o plano de Deus para a família natural na qual, como mencionado, os mais velhos, a geração madura treina e discipula seus filhos. Ela precisa reafirmar a liderança do marido no lar e o papel central do pai na família. Sem quebrar as distinções entre a igreja e o lar, a igreja deve fazer todos os esforços para tornar o fortalecimento do casamento e da família uma parte vital de sua missão. Em particular, deve respeitar a necessidade de as famílias passarem um tempo adequado juntos para que os pais possam nutrir seus filhos espiritualmente. Ter um calendário da igreja cheio de eventos e programas que deixa pouco tempo para a família fará pouco para fortalecer o vínculo familiar vital.

O que parece indiscutível, então, é que o mundo está enfraquecendo casamentos e famílias de muitas maneiras, e que mesmo a igreja muitas vezes falha em neutralizar essas forças desintegradoras ao negligenciar conceber sua missão em termos que fortalecem casamentos e famílias. Mesmo diante de um quadro que parece desencorajador, deve-se notar que algumas igrejas estão bem cientes dessa necessidade e estão fazendo um esforço sincero para encorajar as famílias. O que é menos claro, no entanto, é como a igreja pode reverter essa tendência. A este respeito, será importante distinguir entre teologia e método. No que diz respeito à teologia, será importante estar fundamentado no ensino bíblico sobre a natureza e função da igreja. No que diz respeito ao método, deve haver uma certa flexibilidade e abertura para uma variedade de abordagens. Também será importante não confundir teologia com método e acusar aqueles que diferem de nós em método de serem antibíblicos simplesmente porque não concordam com o remédio específico.

3.5 Os perigos dos ministérios estruturados

Embora a importância da igreja na Educação Religiosa dos filhos da Aliança deva ser mencionada com toda convicção, faz-se necessário revelar os perigos que ministérios infantis¹⁶⁸ estruturados possam trazer. Baucham afirma:

Há apenas algumas gerações, um homem era considerado espiritualmente responsável se trouxesse sua família ante o trono de Deus em oração, leitura e ensino da Escritura no lar, e se liderasse as devocionais familiares (entre outras coisas). Hoje, os pais são considerados responsáveis se descobrirem a igreja com o berçário melhor equipado e o ministério de jovens mais atualizado. Na verdade, há uma regra entre os adeptos do movimento de crescimento de igrejas: se você quer que sua igreja cresça, concentre-se no estacionamento, na pregação e na pré-escola. (BAUCHAM, 2015, págs. 94)

Assim, Baucham relaciona alguns desses perigos. Inicialmente, ele menciona o perigo do *profissionalismo*, que é aquela ideia equivocada “de que tudo que precisa ser feito para o avanço da missão da igreja deve ser feito por um especialista pago” (BAUCHAM, 2015, p. 84). Isso tem sido representado pelo fato de as igrejas tem contratado pastores para as diversas faixas etárias – adolescentes e jovens, adultos e crianças. Ainda que essas igrejas mencione abertamente que esses “profissionais” estão ali apenas para dar apoio às famílias, o que acontece na prática, muitas vezes, é que tais pessoas acabam assumindo o papel que deve ser, prioritariamente, dos pais. Não se trata de ser contra aos departamentos estruturados, mas de apontar sua real importância e competência no auxílio aos pais. O segundo perigo apontado por Baucham é o *decisionismo*; para ele, decisionismo é aquela ideia *semipelagiana* de que os nossos filhos precisam apenas tomar uma decisão, muitas vezes tomada sem um verdadeiro arrependimento. Segundo ele, essas decisões tendem a trazer “ciclo recorrente de dúvida, recompromisso, re-dedicação e, então, mais dúvida” (*ibid*, p. 87). A consequência disso é que o pastor precisará voltar nos princípios bíblicos mais essenciais, encorajando tais pessoas a confiar na Obra Redentora de Cristo em contrapartida à sinceridade ou honestidade de suas decisões. E, finalmente, há um alerta quanto à *preguiça*; é possível encontrar uma igreja que faça muito bem a diferenciação entre o papel da família e da igreja, além de dar todo apoio necessário aos pais para que cumpram suas obrigações, mas que não se esforcem para cumprirem sua parte nessa tarefa. Citando B.B. Warfield:

Sem dúvida, é necessário algum esforço para ensinar ou aprender o Breve Catecismo. É necessário algum esforço para ensinar ou aprender os

¹⁶⁸ Geralmente este é o nome dado ao ministério que trabalha com as crianças na igreja local.

fundamentos de qualquer divisão do conhecimento. Nossos filhos - pelo menos alguns deles - gemem até com aritmética básica e acham análise sintática um fardo. Pensamos, contudo, que a aquisição de aritmética, gramática e leitura vale o sofrimento que custa ao professor ensinar, e o sofrimento que custa ao aprendiz aprendê-las. Não pensamos que o aprendizado dos fundamentos da religião valem algum esforço, e, mesmo se necessário algumas lágrimas? (WARFIELD *apud* BAUCHAM, 2015, págs. 88-89)

Deste modo, ainda que a igreja possua papel importante na Educação Religiosa dos filhos da Aliança, deve-se ter bastante atenção para que os pais não a vejam como substituta de suas obrigações. A igreja, por sua vez, deve rejeitar o apetite dos pais para que isso aconteça, reafirmando as suas responsabilidades e firmando parceria com eles quanto as atividades propostas pelo departamento. Sem isso, o risco dos pais e da igreja estarem interessados na Educação Religiosa das crianças, porém indo em caminhos opostos, é muito grande.

Finalizando, pode-se afirmar que a família é, de fato, de vital importância para a sobrevivência e o florescimento da sociedade humana, e as famílias que se modelam de acordo com a vontade revelada de Deus em sua Palavra são absolutamente críticas para sustentar uma igreja vibrante e uma sociedade moralmente pura. Além disso, não deve haver confusão sobre o que a família é e o que não é: a família não é a igreja, nem os dois devem ser “unidos” no sentido normal da palavra de dois – *a família e a igreja* – tornando-se um.

A família de Deus não é uma família de famílias nucleares, mas uma reunião ou corpo de crentes professos [espera-se que regenerados] organizados em um determinado local como uma congregação local sob liderança devidamente constituída, independentemente de seu status familiar. A família e a igreja têm papéis distintos e servem a propósitos distintos no plano de Deus.

4 COMO PODEMOS MELHORAR A EDUCAÇÃO RELIGIOSA DAS CRIANÇAS.

Certamente, estamos diante de um grande desafio – aplicar as verdades da Teologia da Aliança na família e na igreja. Seria ingênuo afirmar que é algo fácil de ser feito, mas incrédulos se afirmássemos que é impossível. As verdades e os meios [agentes] usados por Deus, a despeito de suas limitações, foram escolhidos pelo próprio Senhor e, como visto, tem sido usado desde a Criação.

4.1 A necessidade de mudança de mentalidade.

Uma das primeiras providências a serem tomadas para que se tenha êxito na educação das crianças na igreja é a mudança de mentalidade. Infelizmente, ao que foi possível constatar nas bibliografias consultadas neste trabalho, há uma preocupação comum dos autores [pastores e educadores cristãos] com a pouca ênfase dada ao discipulado das crianças.

Essa mudança, obviamente, começa no lar; pais cristãos precisam de uma compreensão clara do seu papel, não apenas como provedores de coisas materiais e terrenais, mas, sobretudo, das espirituais. Como foi possível observar, o contexto bíblico aponta para o fato de que a educação dos filhos sempre foi uma responsabilidade dos pais. Textos como Deuteronômio 6.7, Efésios 6.4 e os Provérbios definem facilmente que essa responsabilidade repousa sobre os ombros dos pais. Portanto, se os pais ou responsáveis não educarem seus filhos nos princípios bíblicos, dificilmente a igreja, na qual a criança vai uma vez durante a semana, como é o padrão de muitas famílias, terá sucesso nesta missão. Obviamente, não estamos aqui excluindo o milagre da conversão, que é capaz de mudar qualquer homem ou mulher, independentemente da sua idade. Nenhuma educação no mundo é capaz de salvar a alma de alguém, somente Deus pode fazê-lo. Mas a educação das crianças visa pavimentar o caminho que ela pode percorrer, dando a ela oportunidades de ter um encontro real com o Senhor. Dessa forma, tendo compreensão do papel dos pais e de sua responsabilidade, percebemos que sozinhos eles não “darão conta” dessa enorme missão. Precisam de ajuda. E é diante desse grande desafio que a igreja pode e será uma parceira indispensável para a formação dos valores cristãos na vida de nossos filhos.

A mudança de mentalidade também deve atingir a igreja; também foi possível verificar a grande preocupação quanto à educação religiosa das crianças no ambiente eclesial. Foi possível perceber que as igrejas parecem não dar muita importância às crianças. Vanessa Magalhães, educadora cristã, menciona que, em pesquisa realizada:

Os entrevistados chamaram a atenção para a falta de apoio das lideranças da igreja que menosprezam a necessidade de infraestrutura e capacitação. Geralmente, crianças são colocadas em salas pequenas, abafadas, com presença de utensílios que oferecem riscos. Não há muitos incentivos e investimentos nos treinamentos de professores e pior, não existe o hábito de avaliar criteriosamente quem é indicado e aceito como líder ou participante do ministério. (MAGALHÃES, p. 113)

A igreja deve enxergar o ministério que faz diferença na vida das crianças; isso tem a ver com o discipulado. Não é apenas o cumprimento de um currículo proposto, mas de formar verdadeiros discípulos de Cristo, “ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt. 28.20).

A educação cristã nunca pode tratar somente da vida individual. Ela tem de se preocupar com os processos dentro do Corpo que fomentam o crescimento individual e corpóreo em Cristo. Qualquer educação cristã que se concentre somente no indivíduo ou no grupo, excluindo o outro, está destinada ao fracasso. (RICHARDS, 2007, p. 14)

Isso implica afirmar que a Igreja Local com um todo, e os que trabalham no ministério infantil diretamente, precisam mudar sua perspectiva acerca de si mesmo e se verem, tanto como discípulos de Cristo, quanto discipuladores.

Em resumo, podemos afirmar que:

Professores, instrutores e líderes espirituais estão juntos para ajudar de todas as maneiras que puderem, mas sem a ajuda dos pais em casa, muitos desses esforços bem-intencionados fracassam. O denominador comum em tudo isto – nos lares, nas escolas e igrejas – é que não existem soluções milagrosas (LOVAGLIA, 2016, p. 22)

4.2 A necessidade de preparo de educadores cristãos locais.

O Grupo Barna (<https://www.barna.com/>) divulgou pesquisa¹⁶⁹ onde os líderes cristãos citam as principais maneiras pelas quais eles priorizaram a formação espiritual das crianças:

- a. Quase três quartos dos pastores protestantes (73%) disseram que abordam a formação espiritual das crianças fornecendo escola dominical e aulas para

¹⁶⁹ <https://www.barna.com/research/children-faith-formation/>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

jovens. Outros programas comuns incluem acampamentos (36%), incentivando as crianças a participar do culto principal (37%) e oferecendo cultos apenas para crianças (33%).

- b. Os líderes católicos confiam mais no catecismo e nas aulas de preparação sacramental (71%), mas também consideram a presença das crianças no culto principal ou missa (31%) e a participação nos sacramentos (31%) como meio de priorizar seu desenvolvimento espiritual.
- c. Em um grau muito menor do que as igrejas protestantes, os padres católicos contam com aulas específicas de escola dominical (31%).

Apesar do fato de que os líderes da igreja concordam predominantemente que os pais são os maiores responsáveis pela formação e desenvolvimento espiritual de uma criança, os dados demonstram que as igrejas dão pouca ênfase ao treinamento e equipamento desses pais [fato constatado na maior parte da bibliografia]. Na verdade, apenas cerca de um em cada cinco clérigos (20% protestantes, 17% católicos, embora esse número seja maior para igrejas maiores) diz que prioriza o treinamento para os pais, e ainda menos fornecem guias para pais ou outros recursos (15% católicos, 10% Protestante). Essa falta de treinamento persiste, embora muitos pais pareçam estar buscando ativamente a orientação dos líderes da igreja sobre assuntos escolares; por exemplo, quase metade dos clérigos não tradicionais (47%) e católicos (42%) dizem que um pai lhes pediu conselhos sobre escolaridade.

Essa pesquisa revela que os desafios para os líderes cristãos incluem dar maior ênfase ao treinamento para os pais na igreja, bem como abordar a influência negativa percebida das escolas. No entanto, apesar dessas necessidades, muitos líderes da igreja relutam em abordar o tema da educação, mesmo quando a igreja tem uma escola no campus. A pesquisa também revelou que os padres católicos são mais propensos do que seus pares protestantes a abordar a escolha da escola, seja do púlpito (25%) ou em outro ambiente (35%). Pouco menos da metade dos pastores não tradicionais (44%) abordou a questão da escolha da escola no ano passado, enquanto apenas um em cada cinco pastores principais (21%) o fez. Entre os clérigos católicos e protestantes que abordaram a escolha da escola, a maioria o fez fora do púlpito. Mais pastores protestantes que têm escolas no campus mencionaram isso do púlpito - mas apenas um pouco mais. Como esperado, os pastores que acreditam que as escolas cristãs são importantes são muito mais propensos a falar sobre isso do púlpito.

Tal pesquisa caminha na mesma direção do que Vanessa Magalhães menciona em seu livro *Educação Cristã na Infância*:

A maioria das lideranças, por desespero e má orientação de seus pastores, acaba por procurar voluntários no lugar de vocacionados. Os “voluntários” podem e devem fazer parte do ministério com crianças, mas desde que compreendam que o voluntariado é um compromisso assumido com Deus primeiramente. Voluntários não estão isentos de frequentarem treinamentos e se adaptarem aos padrões adequados no trato com os pequeninos. (MAGALHÃES, 2018, 115)

Embora as afirmações estejam corretas e se, colocadas em prática, poderiam evitar muitos dos problemas enfrentados pelos Departamentos Infantis, o que se vê, ainda, é que o perfil dos voluntários é bem diferente. Muitos destes voluntários cumprem “escalas” sem a mínima consciência do objetivo central a ser alcançado naquele período que estarão com as crianças. Não duvidamos que estão até bem intencionados em ajudar neste ministério, mas sem entendimento ou preparo necessário, pouco podem fazer em prol do discipulado das crianças.

Dan Lovaglia chega a afirmar algo ainda mais espantoso:

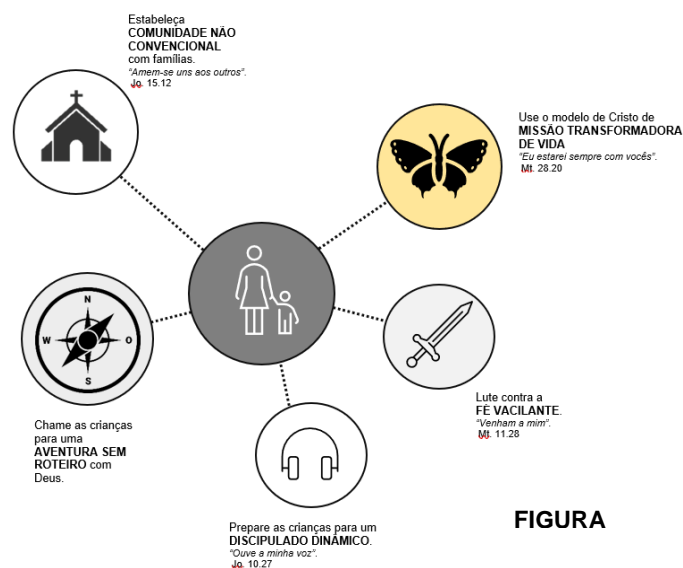
Por que os meus professores preparam as aulas no estacionamento a caminho da igreja toda semana? Os líderes de departamento infantil certamente querem trabalhar com outros líderes e ministérios da igreja. Infelizmente, muitas vezes existe uma mentalidade de silos entre diferentes ministérios, e, às vezes, o ministério infantil parece um programa de segunda categoria na formação ministerial da igreja. É crucial que os responsáveis pelo que está acontecendo com as crianças e famílias estejam alinhados com o restante da liderança da igreja. (LOVAGLIA, 2016, p. 37)

O que se tem, portanto, é isso – *urgente necessidade de preparo de educadores cristãos locais*. Se somos o Povo da Aliança, crianças devem ser valorizadas. Na *família*, isso passa pela responsabilização dos pais; na *igreja*, pela estruturação de ambientes, adequação de currículos, preparo de pessoal etc. Se é desejável que os professores de adultos sejam pessoas bem-preparadas para ministrarem aulas, responderem as questões da vida à luz da Palavra de Deus, porque devemos imaginar que, no caso das crianças, isso seja diferente. Os pequeninos possuem as mesmas necessidades – cuidado, exortação e direção. Imaginar que apenas “voluntários bem-intencionados” é suficiente para educar crianças na igreja é ser, no mínimo, ingênuo. Com isso, não está sendo dito que a educação das crianças na igreja é apenas para pessoas altamente capacitadas, como mestres ou doutores em educação infantil, mas que estas necessitam, com certeza, de treinamento e orientação específica para lidar com bens tão preciosos.

4.3 Propondo princípios para educação religiosa das crianças

Dan Lovaglia, em seu livro *Mais que Tios da Salinha* propõe um modelo de ministério infantil relacional¹⁷⁰, que leva em conta diversos fatores que excedem o convívio e o modelo de sala de aula convencional. Ainda que haja lugar para que crianças aprendam na sala de aula, Dan chama a atenção para o fato de que isso não é suficiente e eficaz. Pensando nisso, ele propõe “**Cinco convites renovadores para o ministério infantil relacional**” (figura 1):

Segundo este autor, estes Convites estão baseados na própria maneira como Jesus propõe o discipulado. Ele afirma que “*as pessoas podem se beneficiar desses princípios, as famílias podem se beneficiar, bem como as equipes de crianças de ministério infantil*” (LOVAGLIA, 2016, p. 95)



FIGURA

a. Convite 1: Chame as pessoas para uma aventura sem roteiro com Deus.

O primeiro princípio revela que *Jesus atraiu convincentemente as pessoas a uma aventura sem roteiro com Deus.*

¹⁷⁰ Lawrence O. Richards, em seu livro *Teologia da Educação Cristã*, propõe um modelo semelhante ao de Lovaglia, o qual ele chama de Escola Dominical Plus. Seus principais aspectos dizem respeito a (1) transferir a ênfase principal da comunicação de fé-como-vida da igreja para o lar. (2) dar aos principais modelos naturais da criança, seus pai, condições para que comuniquem a fé-como-vida com eficiência. (3) transferir o papel da equipe da igreja do tradicional “professor” para um modelo e amigo. (4) enquadrar o conteúdo de convicções da fé em um padrão orgânico, de transmissão de significado, em vez de transmiti-lo meramente como informação que deve ser aceita. (5) libertar crianças e adultos para exprimirem informações afetivas e cognitivas em todos os relacionamentos que desenvolvem [pais-filhos; líder-criança; criança-criança]. (RICHARDS, 2007, pp. 167-168)

Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. (Mc 1.17)

Este chamado é aquele que deve ser vivido de modo real, na vida real. Esta vida real pode se assemelhar algumas vezes aos relatos encontrados no livro dos Atos dos Apóstolos: *fugas mirabolantes* (At. 9.25), *mudança de planos* (At. 16.6-10) e *até mesmo prisão* (At. 16.25-34) podem fazer parte da jornada daqueles que desejavam seguir a Jesus.

Quando se pensa no Ministério Infantil e como ele pode ser cada vez mais eficaz, geralmente vem a mente fórmulas ou métodos, também eficazes, já provados e aprovados, para que sejam aplicados e resolvam quase que totalmente os problemas do Ministério. Basta pensar nos diversos recursos que existem na atualidade – vídeos, livros de atividades, roteiros, projetos de culto etc.; todos eles são buscados, de algum modo, com fontes de resolução para a questão da educação das crianças. Embora esses recursos sejam importantes e ajudam, e muito, nesta tarefa, líderes qualificados são essenciais para garantir que tudo corra bem e que o relacionamento com as crianças a quem eles servem está se desenvolvendo.

O argumento e Lovaglia, neste sentido, é o seguinte:

Ter os melhores e mais recentes materiais não faz diferença quando se trata de ministério infantil. Se assim fosse, as igrejas com os melhores recursos de ministérios infantis contariam uma história totalmente diferente quando se trata da trajetória de discipulado de crianças para a vida toda. (LOVAGLIA, 2016, p. 122)

Richards concorda com Lovaglia:

A educação cristã não deve produzir algo pronto. Deve suprir o que é preciso para que o processo de crescimento se desenvolva de maneira normal e salutar. Não é difícil inventar um sistema educacional que produza uniformidade de conhecimento razoável. Porém, só conhecimento, mesmo sendo bíblico não deve ser a meta da educação cristã. (RICHARDS, 2007, p. 19)

Dito de outro modo, o que está sendo colocado aqui é que o método é secundário para o mensageiro e para a mensagem. O que importa para as crianças é se o mensageiro está de fato envolvido com o material e se a vida do mensageiro foi mudada por aquilo que ele ensina. Desse modo, enquanto a verdade de Deus estiver no centro, o que manterá o método e a mensagem unidos é o mensageiro – a pessoa real [o professor, discipulador] no meio disso tudo. Ter um caráter cristão aprovado torna a metodologia do discipulado mais significativo. Ser pessoalmente conhecido, amado e servido por um líder piedoso em uma jornada comum guiada pela fé faz toda

a diferença. Quando este líder faz parte de uma comunidade maior – com a igreja – o impacto sobre as crianças e os pais aumenta ainda mais.

Em resumo, o discipulado está acima dos planos, das fórmulas e dos métodos; todos eles tem o seu lugar de importância, com toda certeza. O discipulado relacional, entretanto, é marcado pela fé acima das fórmulas. Jesus apenas afirmou “*Vinde após mim*” e isso basta.

Não podemos escrever o roteiro da nossa própria vida, muito menos criar um roteiro que cubra todas as circunstâncias possíveis que possamos enfrentar na vida ou no ministério. Fazemos os planos, seguimos a lista de tarefas e deixamos espaço para Deus intervir na nossa vida. (LOVAGLIA, 2016. P. 99)

Richards concorda com Lovaglia quanto ao material do conteúdo; ambos afirmam que o material, embora importante, se tornam apenas apoio nessa tarefa de educação infantil. Faz-se necessária uma visão mais ampla da educação, que englobe outros aspectos da igreja e da família. Mesmo assim, Richards menciona algumas questões importantes sobre o material do currículo:

- (1) *Deve ser desenvolvido um currículo de uso amplo.* Trata-se de um material que possa ser usado na igreja e no lar, ao mesmo tempo que transfere para o lar a responsabilidade da educação religiosa dos filhos.
- (2) *O conteúdo deve ensinar convicções da fé.* Isso quer dizer que se deve ensinar mais conceitos bíblicos do que simples informações; o conteúdo da fé precisa ser extraído da Escritura por adultos, que pode ser expresso por eles de maneira significativa para as crianças

Comunicar a Escritura do mesmo modo que comunicamos informações verdadeiras mas irrelevantes (que podem ser aceitas como verdadeiras sem exigir decisões e reações), é violar a natureza essencial da própria Escritura. A Palavra de Deus sempre tem de ser transmitida de modo que exija e convide à decisão para agir (RICHARDS, 2007, p. 168)

- (3) O conteúdo de convicções da fé deve ser ensinado por meio de experiências. Isso significa que a Escritura só se torna válida na educação quando ela torna possível experimentar a realidade. Em outras palavras, o conteúdo deve apontar para uma fé que é vida.
- (4) *O conteúdo de convicções da fé deve ser ensinado através de relacionamentos.* A fé cristã convida as pessoas a um relacionamento amoroso com Deus por meio de Jesus Cristo. Crescer na fé é o mesmo que crescer neste relacionamento.

- (5) *As esferas cognitiva e afetiva devem ser integradas nas atividades que o currículo prescreve. As estratégias do currículo necessitam, por um lado, que o aluno examine e expresse seus próprios sentimentos e atitudes em relação ao conteúdo da fé, por outro lado, expor-se a sentimentos, atitudes, valores e ideias dos outros.*
- (6) *Deve-se incentivar o compartilhamento da fé de pai para filho. Faz-se necessário que o currículo contemple intercâmbio entre pais e filhos, o que possibilita que os conceitos bíblicos sejam estudados e partilhados em família.*
- (7) *Deve-se incentivar o compartilhamento da fé entre a equipe da igreja e a criança. A equipe deve estar apta para construir sobre as atividades individuais e familiares propostas pelo currículo, planejando participação em grupos e atividades de planejamento.*
- (8) *Deve-se criar máxima individualização. Richards confirma aquilo que tem sido defendido neste trabalho, que a Educação Religiosa das crianças deve ser transferida da igreja para o lar. Além disso, requer avaliação e revisão de materiais que sempre foram criados para serem desenvolvidos em grupo.*

Pensando na educação das crianças, é isso que se deve fazer. Planejar, organizar e cumprir tarefas é importante, mas o discípulo também é formado através de situações não planejadas.

Ainda dentro deste primeiro Convite, Dan Lovaglia cita Cinco Técnicas para atrair Crianças para uma Aventura sem Roteiro com Deus.

Técnica 1: Converse abertamente com as crianças sobre histórias pessoais da “vida com Deus”.

Crianças gostam de histórias. Certamente, quando Deus ordenou que Josué selecionasse doze homens para recolher doze pedras do Jordão, desejava montar uma ocasião para que uma história de fé fosse contada as próximas gerações. A Bíblia está repleta de histórias e faz sentido que os ministérios infantis usem essas histórias como ponto de partida. Entretanto, é aqui que muitos ministérios infantis falham; muitos professores possuem inegáveis habilidades para contar as histórias bíblicas,

mas encontram sérias dificuldades para extrair delas os princípios necessários a serem aplicados na vida das crianças hoje. Não se trata de moralismo, mas de princípios importantes a serem ensinados que podem fazer diferença na vida das crianças hoje. Não é apenas contar as histórias bíblicas, mas fazer perguntas e trazer descobertas pessoais sobre Deus no nível da criança para ajudá-la no desenvolvimento de sua fé.

É possível que crianças tenham histórias e perguntas sem respostas para compartilhar; uma aventura sem roteiro com Deus possibilita que os discipuladores de crianças atraiam as crianças para serem seguidores de Jesus.

Técnica 2: Dê às crianças oportunidades para explorar seguidores fiéis de Deus na Bíblia.

Não é difícil constatar que a sociedade atual tem cada vez mais acesso à informação; não apenas o volume, mas a velocidade com que chegam é cada vez maior. Isso não quer dizer, necessariamente, que as pessoas estão mais informadas. Um manual que demandava certo tempo para ser decifrado, pode ser compreendido, rapidamente, em um tutorial em vídeo na internet. É possível constatar algo semelhante no diz respeito à Escritura; o fato de termos hoje diversas versões bíblicas, e em diversas plataformas e formatos, não implica que as pessoas estão lendo mais a Bíblia. Muitas pessoas começam animadas uma leitura anual em Genesis, mas acabam derrotadas quando chegam nas difíceis compreensões do livro de Levítico ou Números.

Crianças também podem passar toda a infância ouvindo a mesma história, repetidas vezes, por professores diferentes, em diversas fases de sua infância. Entretanto, formadores de discípulos vão procurar ativamente outras ricas histórias da Palavra de Deus. Mas o que isso requer deles? Requer que eles mesmos conheçam a Escritura; requer que eles aprendam com a vida de diversas pessoas na Bíblia, que mudem sua cosmovisão e seu caráter. Seguramente, isso dará trabalho, pois a medida que o professor incentiva às crianças a explorarem outras histórias, ele mesmo terá de explorá-las e aprender com elas.

Os ministérios infantis relacionais ajudam líderes e crianças a fazer conexões entre as personagens da Bíblia e o caráter de Cristo juntos. (LOVAGLIA, 2016, p. 132)

Técnica 3: Estimule as Crianças a Compartilhar o que estão Descobrendo a Respeito de Deus.

Dar às crianças espaço para encontrar Deus é uma tarefa dura. Geralmente, é bem mais fácil apenas questionar as crianças sobre listas de respostas do que ouvir perguntas e pensamentos enquanto processam uma história. Este ponto é importante, exatamente porque é necessário aprender que o discipulado não é isolado da sala de aula onde as crianças aprender os fatos. Envolver o coração e a audição das crianças leva um tempo e muitas vezes é confuso e incompreensível. Fazer a conexão da Bíblia com a vida não é algo que acontece imediatamente, mesmo no caso dos adultos.

Os ministérios infantis devem desacelerar para cultivar o espaço sagrado. Espaço para permitir que o Espírito Santo fale com elas e esteja com elas enquanto respondem com o coração diretamente a Deus. (LOVAGLIA, 2016, 134)

Portanto, descobrimos o que as crianças estão descobrindo perguntando a elas, ouvindo o que elas compartilham através das palavras e ações, dando-lhes oportunidades para várias formas de expressão criativa.

Técnica 4: Convide as crianças a aceitar o convite de Cristo por salvação, recebendo o dom gratuito da graça de Deus:

O propósito mais sublime e urgente aos ministérios infantis é o compartilhamento do evangelho; histórias e histórias contadas, semana após semana, só encontrarão seu objetivo final se apontarem para a necessidade de que as crianças coloquem a sua confiança na Graça Salvadora de Jesus Cristo. O ministério infantil, portanto, deve se preocupar com o crescimento da vida eterna de dentro pra fora, rumo à semelhança de Cristo Jesus. “Cristo em mim” (Gl. 2.20) é a única definição adequada do alvo da educação das crianças que podemos formular, se de fato levamos a sério que a essência da nossa fé é a vida.

Neste particular, as histórias bíblicas não foram preservadas por Deus ao acaso, mas estão comprometidas em revelar a necessidade de um Salvador; elas apontam para Cristo.

Técnica 5: Encontre maneiras criativas de celebrar marcos conquistados na caminhada com Deus:

Transições da vida sempre devem ser lembrados e comemorados. Aniversários e formaturas sempre deixam marcas na vida de qualquer pessoa. O batismo e/ou profissão de fé são momentos maravilhosos para qualquer comunidade cristã. Os ministérios infantis devem estar atentos aos momentos importantes da vida de uma criança; aniversários e datas especiais podem ser momentos significativos para elas. Incluir atividades para elas em datas como Páscoa, Advento de Cristo podem marcar suas memórias para sempre. Até mesmo oportunidade de liderança podem significar que elas estão progredindo na fé e estão sendo reconhecido pelos seus dons, habilidades e maturidade.

Ministérios infantis relacionais, onde quer que estejam, estão comprometidos em trazer significado às etapas significativas ao longo da jornada espiritual da criança. (LOVAGLIA, 2016, p. 138).

Este é o primeiro Convite – ensinar as crianças a viver a vida com Deus. Os recursos – estudos bíblicos, vídeos, livros e sermões – são muito bem vindo para ajudar nisto; mas o verdadeiro aprendizado acontece naqueles momentos de estresse em que dependemos de Deus para prover.

Convite 2: Lutem juntos contra a fé vacilante

O maior presente que você pode dar aos seus filhos é deixar que eles o vejam se esforçar e lutar para viver uma vida de confiança em Deus (POWELL *apud* LOVAGLIA, 2016, p. 141)

Este segundo princípio *dá mais valor aos relacionamentos do que as regras*. Jesus não chamou os seus discípulos ao exercício de regras externas; Ele não afirmou “estas são as regras”, mas “*Vinde a mim*” (Mt. 11.28). Foi no relacionamento com Cristo que os discípulos acharam descanso para suas almas cansadas. Certamente, Deus nos dá mandamentos, mas a obediência a eles deve ser marcada por afeição e comprometido amor a Jesus. Regras, embora importantes para condução da vida, não respondem as perguntas mais difíceis da vida.

Discipulado é tornar-se como Jesus em todos os sentidos e, para fazer isso, devemos pertencer à família de Deus. A formação de discípulos não acontece como resultado de indivíduos isolados tendo momentos de silêncio sozinhos. É um processo de reprodução e transformação que acontece quando a nossa vida se cruza com a vida de outras pessoas que seguem a Deus. (LOVAGLIA, 2016, p. 145)

Assim, Deus chama as pessoas para se relacionarem com Ele, nos méritos de Jesus Cristo e por meio de se Espírito. Quando pensamos no ministério infantil e no propósito pelo qual ele existe, é necessário se ter em mente que o relacionamento

com Deus é extremamente importante e que as crianças devem ser incentivadas a isso. Richards fala dos conceitos “estar com” e “seguir o exemplo” como sendo vitais à educação cristã. Isso significa que o processo de educação deve estar fundamentado em um conceito bíblico sólido, mas deve harmonizar-se com a necessidade de um modelo que “pode fazer discípulos” transmitindo experiências.

Assim, os discipuladores experimentados sabem que errarão em dar mais ênfase às regras do que aos relacionamentos interpessoais; este é um risco que não se deve correr quando discipulamos crianças, pois não desejamos que elas apenas conheçam as regras, mas que aprofundem o seu relacionamento com Deus. Isso implica na necessidade de discipuladores bem treinados, mas, sobretudo, com vida piedosa. Novamente Dt. 6. 4-6:

⁴ Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. ⁵ Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. ⁶ ***Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração;*** (Dt 6.4-6, grifo meu).

Deuteronômio, dentre outras coisas, nos ensina que há uma responsabilidade por parte do discipulador [pais ou professores] em conhecer a Palavra de Deus. A verdade revelada deve ser conhecida e vivida.

Convite 3: Estabeleça uma comunidade não convencional

O terceiro princípio colocado por Dan é aquele que *valoriza mais a interdependência do que a dependência e a independência*. Uma das questões levantadas neste trabalho diz respeito a quem é o responsável pela educação das crianças. Obviamente, a maioria dos autores concordam que a responsabilidade pesa, obviamente, sobre os pais [ou sobre o pai, o homem. Cf. Ef. 6.4]. Temos visto que isso é verdade, pois a família é o local de maior vivência da criança, o local de maior segurança dela, sendo, portanto, o ambiente mais propício para o ensino da Palavra de Deus. Por outro lado, a igreja tem um papel primordial nesta educação; ela é o Povo da Aliança; alguns aspectos da fé cristã só podem ser desfrutados e recebidos no ambiente de culto público.

Este princípio, portanto, tem a ver com a parceria entre a família e a igreja; essa parceria visa, certamente, buscar meios para que os pais não fiquem sobrecarregados e a igreja sirva de apoio às famílias. Dan Lovaglia diz o seguinte:

A comunidade não convencional é um fator-chave. Para romper e ajudar as famílias hoje, acredito que os influenciadores de crianças precisarão criar

novas abordagens para alcançar, relacionar e fornecer recursos para esta geração atual de famílias. (LOVAGLIA, 2016, p. 173)

Isso significa que [1] o ministério infantil precisa ter uma visão para além das portas da igreja. Culto e Escola Dominical são importante, mas é necessário manter esta conexão durante toda a semana; [2] os lares precisarão criar pontes. Dan Lovaglia sugere pelo menos três:

Ponte 1: Ponte dos cuidados

O Encorajamento Contínuo

Ministérios com crianças devem criar esta ponte para comunicar incentivos; com certeza, é isso que muitas vezes os pais necessitam. Isso diz respeito ao fato de que os ministérios com crianças devem ajudar aos pais nos cuidados dos filhos, inclusive ajudando-os a encontrar profissionais que colaborem com essa tarefa. Dan sugere algo muito simples, mas que pode causar grande impacto na vida das famílias; ele menciona, por exemplo, tomar os Dia dos Pais/mães como datas realmente especiais para reunião das famílias, com doação de “kits de sobrevivência”, com verso encorajador, entrega de livro com títulos referente ao cuidado e pastoreio da família.

Ponte 2: Ponte da mentoria

O preparo oportuno

O que acontece muitas vezes nas igrejas é que os ministérios infantis trabalham para “*apagarem incêndios*”. O trabalho com crianças não visa resultados a longo prazo. Neste particular, Dan argumenta que as igrejas poderiam oferecer às famílias mentoria. Segundo ele

Os pais querem ajuda e precisam ser equipados da maneira certa, na hora certa. A família de Deus pode ter um enorme impacto na trajetória de fé de crianças e pais, construindo uma ponte de mentoria entre a igreja e o lar. (LOVAGLIA, p. 180)

Dan ainda argumenta:

Pais realmente têm dificuldades em saber o que dizer quando se trata de assuntos espirituais. Eles se sentem mal equipados para falar sobre a Bíblia. A ideia de orar nas refeições é intimidadora. Para muitas mães e pais, a noção de tentar reunir a família com o propósito de discipulado é simplesmente assustadora. Eles nunca fizeram isso. Nunca tiveram exemplo. Não sabem por onde começar. É aí onde você, a igreja e o ministério infantil podem intervir para preencher a lacuna. (LOVAGLIA, p.181)

Embora existam meios para que essa mentoria seja realizada – treinamentos, simpósios, estudos bíblicos e indicações de livros ajudam os pais a serem discípulos e discipuladores dos filhos – isso ainda é um grande desafio. As igrejas sabem “educar” crianças em sala de aula, mas sabem bem pouco como ajudar os pais para que eles mesmos assumam de como educar seus filhos no ambiente familiar. Isso deve conduzir à igreja a uma séria reflexão sobre os modelos atuais e desafiá-la às mudanças necessárias em cada contexto.

Ponte 3: Ponte do desafio

Envolvimento de amor.

Pais e filhos certamente precisam de amor duradouro. Mudanças culturais, fracassos, doenças, finanças e a rotina tendem a enfraquecer as relações entre pais e filhos. As famílias precisam de influenciadores de crianças que ajudem no conhecimento do caráter de Cristo que conduzam a este amor.

Mães e pais precisam ser responsabilizados para que possam assumir a responsabilidade espiritual de si mesmos e dos filhos. Se alguns pais ainda não chegaram lá, as crianças e suas famílias se beneficiarão da família maior da igreja, na qual eles verão influenciadores de crianças exemplificando um envolvimento carinhoso no caminho de Cristo em diferentes épocas e com todos os tipos de famílias. (LOVAGLIA, p. 185)

Em outras palavras, o objetivo desta terceira ponte é demonstrar o amor como marca especial de relacionamento familiar. Se não for deste modo, passamos de largo na profunda necessidade de que haja um relacionamento de amor para haver crescimento em Cristo.

Certamente, estas pontes podem fazer diferença na vida das famílias; embora elas sejam essenciais para o discipulado de crianças, uma comunidade de fé bem centrada no evangelho de Cristo também pode produzir frutos transformadores na vida das crianças e, com certeza, na vida de seus pais. As famílias precisam de ajuda e é na igreja que ela pode encontrar conforto e direção para lidar com seus próprios desafios de serem conformadas à vontade de Deus.

Convite 4: Use o modelo de Cristo de Missão Transformadora

Este quarto princípio aponta para *Jesus como modelo incondicional da missão de Deus transformadora de vida para o bem do mundo*. Um dos discípulos de Jesus foi Levi (Lc. 5.27-32) [também chamado Mateus (Mt. 9.9)]; mas antes de se tornar Seu

discípulo, Mateus era “um publicano”, além de cobrador de impostos. Ao olhos do povo, um pecador e traidor do povo judeu, pois era funcionário de Roma, que impunha pesada carga de tributos aos judeus. Os fariseus chegam a se indignar quando Jesus, a convite de Mateus, participa de um banquete com outros publicanos: “*Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores?*” (Lc 5.30). Após o encontro com Jesus Mateus se transformou numa nova pessoa; não é que ela perdeu seus traços de personalidade ou foi transformada em alguém que antes não existia, mas os seus valores e seus compromissos pessoais foram redirecionados ao evangelho. Isso demonstra o poder transformador do evangelho, mesmo em situações que, aos olhos humanos, são impossíveis de serem resolvidos.

Quando pensamos na educação das crianças não pode nos faltar o aspecto transformador do evangelho; crianças não devem ser ensinadas a serem boas por si mesmas, mas de que é o Espírito Santo que faz isso nelas, poderosa e gratuitamente. Isso quer dizer que, do mesmo que os adultos são incentivados a adornarem a vida a luz do evangelho, as crianças também devem ser.

Deus recebe crianças da mesma maneira que recebe adultos – através do mistério da obra do Espírito Santo, através de relacionamentos entre o povo de Deus, através da revelação da vontade e do propósito de Deus em Cristo e nas Escrituras. (MAY *apud* LOVAGLIA, p. 198)

Pensem no poder do evangelho alcançando crianças que sofrem com agressões físicas no lar, pais separados ou situações de fome ou analfabetismo! A educação de crianças comprometida com o evangelho tem como preocupação a transformação completa do indivíduo, começando dos pequeninos.

Convite 5: Preparar para o discipulado dinâmico

Este convite tem com princípio o seguinte: *Jesus humildemente equipou as pessoas para uma vida inteira de discipulado dinâmico*. Ser discípulos de Jesus requer humildade, requer do discípulo aquela disposição em ser guiado mesmo diante de situações aparente difíceis e confusa. Se discípulo de Cristo é essencialmente ser guiado por Deus:

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. (Rm. 8.14)

Lovaglia afirma algo muito belo:

Eles [os discípulos] precisam do Espírito para liderá-los porque Jesus não lhes forneceu detalhes explícitos sobre todas as decisões que precisariam tomar. Em vez disso, eles receberam a Palavra de Deus e o Espírito santo para guiá-los ao longo do caminho – individualmente e juntos. (LOVAGLIA, 2016, p. 111)

Isso reflete bem aquilo que é expresso pelo Salmo 78. De fato, o objetivo da educação das crianças é para que elas ponham “em Deus a sua confiança” (Sl. 78.7). É exatamente isso que todos nós, adultos e crianças, precisamos aprender todos os dias; a vida pode dar voltas por lugares que não havíamos planejado, pode nos trazer situações nunca pensadas. A confiança em Deus pode fazer toda diferença em nossa vida; em se tratando de crianças, pode fazer diferença em suas vidas desde cedo! Jesus nunca disse aos seus discípulos: “Sigam fielmente o conteúdo programático proposto”; mas sim: “Ouçam a minha voz” (Jo. 10.27). Lovaglia acertadamente afirma que os cultos públicos, estudos bíblicos, comunhão, reuniões de companheirismo e muito mais tem o seu papel importante no desenvolvimento do discipulado, mas a vivência daquilo que se tem aprendido será diferente em cada pessoa.

Ensinar pode, imediatamente, trazer a nossa mente, aquela ideia de professor e sala de aula, mas o conceito engloba muito mais que isso. Neste caso, limitar a educação de crianças às formas tradicionais é limitar tragicamente a ideia de ensino e aprendizado. Portanto, igrejas que procuram eficácia em seu trabalho com crianças devem estar atentas não apenas a presença delas nas atividades da igreja, mas como elas se desenvolvem individualmente na sua caminhada com Cristo em resposta ao que aprendem.

É possível que até aqui tenhamos a percepção de que necessitamos repensar a maneira como a educação de crianças tem sido feita em muitas igrejas. Assim, o objetivo do ministério infantil relacional é interromper a trajetória de discipulado na qual a maioria das crianças da igreja está atualmente. Isso significa que será necessário questionar e, até mesmo, remover radicalmente o sistema. Esta proposta visa medir o sucesso da empreitada com as crianças, não pelo cumprimento do currículo, mas pelo crescimento espiritual. Bem, essa proposta ajudará responsáveis ou líderes de ministério infantil a pensar e indagar sobre os métodos usados atualmente, sobre os objetivos e as prioridades do Ministério Infantil na igreja.

5 CONCLUSÃO

Nesta última etapa do trabalho se apresentará algumas conclusões pesquisadas até aqui. Foram feitas considerações relevantes acerca da Teologia da Aliança e suas aplicações na Educação Religiosa das crianças.

E diante das pesquisas realizadas, e como conclusão, o trabalho apresenta uma contribuição sobre os aspectos práticos da Teologia da Aliança na vida de uma igreja, tanto em âmbito local, em dois enfoques: primeiro, reafirmando que o povo de Deus é o Povo da Aliança e, depois, que as crianças devem ocupar lugar de importância no convívio do lar e da igreja.

Em primeiro lugar, o trabalho pontuou o que é a Teologia da Aliança e como ela é fundamental para o entendimento das demais doutrinas cristãs; ela é o cerne, a coluna central, o alicerce para o entendimento de outras doutrinas cristãs. Sem o entendimento correto da Teologia da Aliança, a igreja andarรก confusa e insegura. É na Teologia da Aliança que encontramos argumentos fortes para a graça imerecida e o amor incondicional de Deus pelos eleitos; ela dá o sentido correto para o sacrifício vicário na cruz pelos seus, firmando uma Nova Aliança no seu Sangue (Mt. 26.28). A Teologia da Aliança nos traz consolo e conforto, pois afirma constantemente sobre o que Cristo fez e não o que devemos fazer para conquistar a salvação.

A Teologia da Aliança, portanto, é tema importante para os nossos dias. Aqui e acolá a igreja é assaltada com falsas doutrinas que, dentre outras coisas, tentam colocar o foco no esforço humano, afirmando que pelas obras humanas, há possibilidade de salvação. Para os que pensam dessa forma, o sacrifício de Cristo é apenas um detalhe, pois, no final das contas, tudo dependerá da decisão dos homens; afirmam, ainda que, mesmo que Deus sejam soberano quanto à salvação, dependerá até mesmo do eleito para ter sua salvação garantida. *“É o doente que recusa a cura”, a “água que sai do poço sem que ninguém a puxe”*. O que a Teologia da Aliança ensina é que toda a iniciativa e decisão quanto à salvação foi de Deus; na eternidade, a Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – agiram, ativamente, em prol da salvação.

A Teologia da Aliança também é importante na distinção dentre *“os que servem e não servem a Deus”* (Mt. 3.18); Deus tem um povo escolhido:

⁶ Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há

sobre a terra. ⁷ Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, ⁸ mas porque o SENHOR vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão poderosa e vos resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito. ⁹ Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos; ¹⁰ e dá o pago diretamente aos que o odeiam, fazendo-os perecer; não será demorado para com o que o odeia; prontamente, Iho retribuirá. (Dt. 7.6-10)

Este povo escolhido pode desfrutar da afeição do SENHOR (v. 7); embora não tendo nada a Lhe oferecer, recebe de Deus amor, graça e bondade. O SENHOR ama o seu povo, é fiel e *“guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos”* (7.9). Não parece interessante que Deus deseja que esta Aliança seja passada aos filhos, de geração em geração? A Teologia da Aliança, portanto, revela privilégios, dos quais somente os escolhidos de Deus podem desfrutar.

A Teologia da Aliança também fala dos deveres e responsabilidades do povo de Deus. Ele é o “povo santo ao SENHOR” (7.6). Este povo deve se diferenciar dos demais; seus valores, interesses e alvos são completamente diferentes. Ainda que este povo viva em um mundo caído, terrenal e passageiro, aguarda o tempo por vir. Este povo não trabalha por aquilo que *“traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam”*, mas pelos *“tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam”* (Mt 6.19-20).

Certamente, vimos que a Teologia da Aliança tem muito a dizer sobre os privilégios e deveres dos pais e da igreja quanto a Educação Religiosa das Crianças. Primeiro, porque, diferente do que muitos afirmam, crianças são bênçãos de Deus aos pais; ainda que elas exijam esforços contínuos dos pais (e muito recursos financeiros algumas vezes), elas são como *“flechas na mão do guerreiro”* (Sl 127.4). Portanto, os filhos devem ser alvos do amor, cuidado e instrução dos pais; eles devem ser nutridos materialmente, mas emocional e espiritualmente também. Pais não devem ser indiferentes aos filhos; não devem terceirizar os cuidados com os filhos, entregando-os a empregados e escolas, salvo em casos necessários, mas nunca sem supervisão. Esse amor inclui a disciplina; pais amorosos corrigem seus filhos:

O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina. (Pv. 13.24).

Esse amor é revelado pelo uso da vara, quando esta se faz necessária:

A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe. (Pv 29.15)

A instrução também faz parte desse amor e cuidado. Pais amorosos não se preocupam apenas com o futuro profissional de seus filhos, mas em que eles se tornem homens e mulheres tementes a Deus. Embora a profissão a ser escolhida pelos filhos sejam importante e o desejo de equilíbrio financeiro, essencial, é a questão de vida e morte que importa aos pais que entendem a Teologia da Aliança. Eles procuram meios e aproveitam as oportunidades para cumprirem a ordem de Deuteronômio 6. Como afirma o Príncipe dos Pregadores, Charles Spurgeon:

As crianças na graça tem de crescer, aumentando a capacidade de saber, ser fazer e sentir, para chegar a um maior poder recebido de Deus; portanto, acima de tudo, precisam ser alimentadas. Precisam ser bem alimentadas ou instruídas porque correm o risco de que sua fonte seja satisfeita com erros, perversamente. A juventude é suscetível à má doutrina. Quer ensinemos a verdade ou não aos jovens cristãos, o diabo com certeza os ensinará o erro. Eles o ouvirão de algum modo, mesmo que sejam vigiados pelos mais cuidadosos guardiões. O único meio de evitar que o joio entre na pequena caneca de medidas da criança é enchê-lo até transbordar de trigo bom. Ah, sim, que o Espírito de Deus nos ajude a fazer isso! Quanto mais for ensinado aos juvenzinhos, tanto melhor; pois isso evitará que sejam desencaminhados. (SPURGEON, 2004, p. 10)

Além disso, a Teologia da Aliança é importante para a comunidade cristã; a igreja também tem privilégios e responsabilidades! Dentre os seus privilégios está o de ser o aprisco das ovelhas do Senhor, em ser *“a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”* (1Tm 3.15). Ainda que seja visível por um lado, é invisível por outro; é militante, mas triunfante, imperfeita, mas *“igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”* (Ef 5.27).

Suas responsabilidades também são diversas. Dentre tantas, viu-se, neste trabalho, que ela possui papel fundamental na edificação das famílias, incluindo a instrução dos pais e dos filhos dos crentes. Quanto aos pais, a igreja deve nutri-los espiritualmente, ensinando-os as verdades do evangelho, corrigindo no caminho que devem seguir e dando todo apoio pastoral possível. A igreja que não compreende o papel do discipulado, corre o risco de ter famílias fracas espiritualmente, com graves problemas e com dificuldades para resolvê-los. Baucham afirma que para isso, a igreja precisa de uma compreensão ampla e clara:

É uma renovação completa de estilo de vida e cosmovisão. Se cremos que Deus nos chama para adorá-lo sem rivais, construir nossos lares sobre a fundação do amor bíblico, adotar uma cosmovisão bíblica, ensinar a Palavra em nossos lares, marcar nossas casas como território de Deus e manter a prosperidade sob controle, então também devemos crer que Deus deseja que

a igreja ajude e não atrapalhe as famílias nesse processo. (BAUCHAM, 2012, p. 167)

Além dos pais, a igreja deve preparar-se para encaminhar os pequeninos. Foi possível ver que há uma preocupação quanto a isso; igrejas, geralmente, pensam em crianças apenas como o “futuro da igreja”; mas não haverá igreja no futuro se as crianças não forem ensinadas e pastoreadas hoje. Além disso, afirmações como estas demonstram uma visão equivocada da importância das crianças para Deus e da responsabilidade dada à igreja (e aos pais) no cuidado delas. Portanto, ficou claro que a igreja também tem grande (e importante) participação na instrução das crianças. Sendo assim, deve trabalhar para que isso seja uma realidade; a despeito das dificuldades que as crianças tenham para chegar-se a Jesus – pais não crentes, distância –, não seja igreja a colocar empecilhos para que isso aconteça. A Escritura já nos deixa o exemplo de que tal atitude não é agradável ao Senhor Jesus:

Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus. (Mc 10.14).

Lovaglia afirma que:

A trajetória de ideal de discipulado para o ministério infantil relacional é clara – as crianças se tornam discípulos de Jesus quando uma comunidade amorosa de seguidores de Cristo os ama e é o exemplo do que significa seguir a Jesus. Não se trata apenas do currículo certo ou da resistência a tendências culturais. Embora as famílias envolvidas sejam essenciais, é preciso que toda a igreja faça isso funcionar. (LOVAGLIA, 2016, p. 47)

Finalmente, podemos afirmar que deve existir uma parceria entre a família e a igreja e vice-versa. Quando se pensa na Educação Religiosa das crianças não há como pensar em fazê-la sem que a família seja o ponto de partida e o meio principal onde isso acontece. Além disso, não podemos pensar na Educação Religiosa das crianças sem o apoio e integração com a igreja. O que acontece na família deve ser estendido à igreja para abençoá-la; o que acontece na igreja deve transformar a vida no lar. Richards descreve bem como isso deve acontecer:

O lugar mais importante para o ensino bíblico não é a sala de aula, mas o ambiente caseiro; andar juntos, sentar na varanda, aquecendo a cama, vivendo a alegria de um novo dia. A comunicação das verdades bíblicas tem de se concentrar na própria vida, onde elas tem significado para nós como pessoas. Significa isso que não devemos ter ensino bíblico para crianças na sala de aula? Não necessariamente. Mas significa que a sala de aula deve ser 1) claramente uma parte, não o todo o nosso ministério com crianças; 2) integrada com o todo, de maneira que ajude e seja ajudada pelo que acontece fora dela; e 3) usada de modo que o professor e aluno, as maneiras de transmitir conceitos, etc., se encaixem de fato em todo o nosso ponto de vista, contribuindo para o processo de socialização. (RICHARDS, 2007, p. 155)

A Teologia da Aliança, portanto, revela que Deus criou o universo, que é para sua própria glória, espalhou as estrelas no céu, criou as flores, montanhas e pássaros; revela que Deus escolheu um povo para Si, relacionando-se com ele em todas as esferas da vida. Isso não pode ser esquecido. E tal constatação leva a família e a igreja a não desviarem sua devoção, especialmente na Educação Religiosa das crianças.

Assim, ninguém deve imaginar que os privilégios e responsabilidades da Aliança são um fim em si mesmo, ou visam apenas o bem-estar do ser humano. Toda a Aliança foi ordenada para todos nós dependêssemos exclusivamente de Deus e para que Ele recebesse toda glória.

6 BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. **Patrística - Comentários ao Gênesis - Vol. 21**. Paulus Editora. Edição do Kindle.
- BAVINCK, Herman, **Dogmática Reformada**. 1ª edição, vol. 3, ed. John Bolt, trans. Vagner Barbosa. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.
- BAUCHAM Jr., Voddie. **Pastores da família: chamando e preparando homens para liderar seus lares**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2015.
- _____. **Família guiada pela fé**. 1ª edição. Edição do Kindle. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.
- BEEKE, Joel R. **Adoração no Lar**. Editora Fiel. Edição do Kindle, 2013.
- _____. **A Família na Igreja: ouvindo sermões e participando das reuniões de oração**. Os Puritanos. Edição do Kindle.
- BEHM, J. e WÜRTHWEIN E., **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey W. Bromiley, trans. Thaís Pereira Gomes, (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013).
- BERTRAM G., **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey W. Bromiley, trans. Paulo Sérgio Gomes, (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013)
- BIBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada,. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRUCE K. Waltke e CATHI J. Fredericks, **Gênesis**. Comentários do Antigo Testamento, 1ª edição. ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trans. Valter Graciano Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Editora Cultura Cristã. Edição do Kindle, 2001.
- CALVINO, João. **As Institutas: Edição Clássica, volume 2**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

- _____. **Pastorais, Primeira Edição, Série Comentários Bíblicos.** ed. Franklin Ferreira e Tiago Santos, trans. Valter Graciano Martins. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009.
- _____. **Salmos,** ed. Franklin Ferreira, Tiago J. Santos Filho, e Francisco Wellington Ferreira, trans. Valter Graciano Martins, Primeira Edição., vol. 3, Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012.
- CRAIGIE, Peter C., **Deuteronômio, 1ª edição, Comentários do Antigo Testamento.** ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trans. Wadislau Martins Gomes. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2013.
- DOWNS, Perry G. **Introdução A Educação Cristã – Ensino e Crescimento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- FARLEY, William P. **A criação de filhos no poder do evangelho.** Editora Cultura Cristã. Edição do Kindle, 2017.
- FONTES, Filipe. **Educação em casa, na igreja, na escola: Uma perspectiva cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- FRAME, John. **Cristãos e escolas autorizadas.** Disponível em <https://frame-poythress.org/christians-and-charter-schools/>. Publicado em 16 de maio de 2012. Acesso em 20 de setembro de 2021.
- GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora.** Campinas: LPC Publicações, 1993.
- GREGORY, John Milton. **As Sete Leis do Ensino.** Rio de Janeiro: JUERP, 1997.
- GRIGGS, Donald. **Manual do Professor Eficaz.** São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- GRONINGEN, Gerard van. **Criação e Consumo Volume I: O Reino, a Aliança e o Mediador.** Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2002.
- _____, Harriet e Gerard van. **A família da Aliança. Instruções bíblicas para a vida familiar que honra a Deus.** 1ª reimpressão. Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2009.
- HELIPOULOS, Jason. **Culto em família: uma bênção à sua espera.** São Paulo: Vida Nova, 2016. Edição do Kindle.

- HENDRIKSEN, William, **Efésios e Filipenses, 3a edição, Comentário do Novo Testamento**, ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trans. Valter Graciano Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1992.
- _____, **1 e 2 Timóteo e Tito, Comentário do Novo Testamento, 2ª edição**, ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trans. Valter Graciano Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011
- HYDE, Daniel R. **O Berçário do Espírito Santo: Acolhendo as crianças no culto**. Recife - PE: Editora CLIRE/Os Puritanos, 2017.
- HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. Edição do Kindle.
- HORTON, Michael. **O Deus da promessa**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- HUNT, Susan. **Herdeiros da Aliança – deixando um legado de fé para a próxima geração**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- KÖSTENBERGER, Andreas J. Conectando Igreja e Família, Parte 1. Artigo encontrado em <https://www.crosswalk.com/church/pastors-or-leadership/connecting-church-and-family-part-1-11633982.html>. Acesso em 23/06/2022.
- _____. Conectando Igreja e Família, Parte 2. Artigo encontrado em <https://www.crosswalk.com/church/pastors-or-leadership/connecting-church-and-family-part-2-11634022.html>. Acesso em 23/06/2022.
- MARCELINNO, Jerry. Redescobrimo o tesouro perdido do culto familiar. 2ª ed. 1ª reimpr. São José dos Campos, SP: Fiel, 2016.
- MAIA, Hermisten. **Introdução à educação Cristã: 1ª Edição**. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2013.
- MARRA, Cláudio. **A igreja discipuladora – 2ª.ed.** – São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- OSWALT, John. **Isaías**. 1a edição. vol. 2, Comentários do Antigo Testamento. ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trans. Valter Graciano Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011.
- OWEN, John, **Hebreus**. Crossway Classic Commentaries. Wheaton, IL: Crossway Books, 1998.

- PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da educação cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- _____. **Deus nosso Mestre. Bases Teológicas da Educação Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- _____. **Elementos básicos do ensino para cristãos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- PERRIN, Christopher. **Introdução à Educação Cristã Clássica**. Trinitas. Edição do Kindle.
- PINK, A.W. **Os Pactos de Deus: O Pacto de Deus com Adão**. Edição do Kindle, 2021.
- PORTELA, Solano. **O Que Estão Ensinando aos Nossos Filhos? Uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã**. São José dos Campos: Editora FIEL, 2012.
- PRICE, J. M. **A Pedagogia de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- POHL, Adolf. **Comentário Esperança, Evangelho de Marcos**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.
- RANDY, Booth. **Crianças devem participar com os pais do culto a Deus. Os Puritanos**, edição do Kindle, 2013.
- RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos: uma análise exegética e teológica dos sucessivos pactos bíblicos e do seu papel no desenvolvimento da revelação de Deus**. Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2002.
- RYLE, J. C. **Os Deveres dos Pais**. 1ª edição. Editora Letras. Edição do Kindle, 2012.
- SCHWARTZ, Andrea. **Lições aprendidas em anos de educação domiciliar: Uma mãe cristã compartilha suas experiências em mais de 25 anos ensinando seus filhos**. Editora Monergismo. Edição do Kindle.
- SPROUL, R.C. **O que é teologia reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- SPURGEON, C.H. **Pescadores de crianças. Orientação prática para falar de Jesus às crianças**. São Paulo, SHEDD Publicações, 2004.

- TRIPP, Tedd. **Pastoreando o Coração da Criança**. Editora Fiel. Edição do Kindle.
- TURRETINI, François, **Compêndio de Teologia Apologética**. 1a edição., vol. 1, ed. Cláudio Antônio Batista Marra. São Paulo, SP; Cambuci, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.
- _____, François, **Compêndio de Teologia Apologética**. 1a edição., vol. 2, ed. Cláudio Antônio Batista Marra. São Paulo, SP; Cambuci, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.
- TYE, Karen B. **Diretrizes para o ensino na igreja local: Para se pensar e desenvolver o ministério educacional**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- VENEMA, Cornelis P. **Cristo e a Teologia do Pacto**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- VOS, Geerhardus. **A Doutrina da Aliança na Teologia Reformada: Uma Breve Teologia Histórica**. Edição do Kindle.
- WALTKE, B. K., & FREDERICKS, C. J. **Gênesis** (C. A. B. Marra, Org.; V. G. Martins, Trad.; 1a edição. Editora Cultura Cristã, 2010.
- WILSON, Douglas. **Por que as crianças precisam de educação cristã?** Brasília – DF: Editora Monergismo, 2015.
- _____. **Filhos: Educando daqui para a eternidade**. São Paulo – SP: Editora Trinitas, 2019. Edição do Kindle.
- _____. **Educação clássica e educação domiciliar**. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2017. Edição do Kindle.